

# NINGUÉM ESCREVE

ROMANCE

Marcos Satoru Kawanami

Rua Dr. Edmilson Pessoa Cavalcanti, 1357  
CEP: 15190-000 Nhandeara SP

telefone: (17) 3472-2989



O trabalho NINGUÉM ESCREVE de [Marcos Satoru Kawanami](#) foi licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição - NãoComercial - SemDerivados 3.0 Não Adaptada](#).  
Com base no trabalho disponível em [memoriasdaliravelha.blogspot.com](#).  
Podem estar disponíveis autorizações adicionais ao âmbito desta licença em [http://memoriasdaliravelha.blogspot.com/](#).

```
<a rel="license" href="http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/"></a><br />O trabalho <span xmlns:dct="http://purl.org/dc/terms/" href="http://purl.org/dc/dcmitype/Text" property="dct:title" rel="dct:type">NINGUÉM ESCREVE</span> de <a xmlns:cc="http://creativecommons.org/ns#" href="http://memoriasdaliravelha.blogspot.com/" property="cc:attributionName" rel="cc:attributionURL">Marcos Satoru Kawanami</a> foi licenciado com uma Licença <a rel="license" href="http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/">Creative Commons - Atribuição - NãoComercial - SemDerivados 3.0 Não Adaptada</a>.<br />Com base no trabalho disponível em <a xmlns:dct="http://purl.org/dc/terms/" href="http://memoriasdaliravelha.blogspot.com/" rel="dct:source">memoriasdaliravelha.blogspot.com</a>.<br />Podem estar disponíveis autorizações adicionais ao âmbito desta licença em <a xmlns:cc="http://creativecommons.org/ns#" href="http://memoriasdaliravelha.blogspot.com/" rel="cc:morePermissions">http://memoriasdaliravelha.blogspot.com/</a>.
```

Este romance panorâmico do século XX constitui-se de três partes, a evolução ficcional de um narrador ingênuo (Zé Ninguém) em sua saga para se tornar um verdadeiro autor. A primeira parte é romântica e subjetiva; a segunda é anti-romântica e caricatural, baseando-se em um samba de Noel Rosa; e a terceira tem compromisso histórico e social.

O romance *Ninguém Escreve* é, em linhas gerais, uma trilogia humanística que reflete na prosa narrativa a resistência da beleza poética do humor e da virtude contra uma realidade que tenta impor o pessimismo e a malícia.

## 1ª PARTE

### ESPELHOS PARALELOS

—Zé Ninguém, rapaz de pouca inteligência, põe-se a escrever.

-1-

É estranho dizer que alguém tenha acordado dormindo. Causa estranhamento por ser inexeqüivelmente contraditório, ou, em sentido contrário, ser óbvio. Ora, não se pode acordar e permanecer dormindo; mas também estado preliminar para se acordar é estar dormindo.

A verdade é que Zé Ninguém, então com quinze anos, acordou... dormindo. Abriu os olhos, espreguiçou-se e dirigiu-se à cozinha, onde encontrou sua irmã Cleópatra Rockefeller, sua mãe Amélia (a mulher de verdade), seu pai Petit Cacá (o filósofo metafísico, físico clássico e relativístico, químico explosivo e engenheiro-geral, Doutor Cacareco), e a empregada Raimunda, que era feia de cara...

Zé Ninguém cumprimentou a todos e, qual de ordinário, deglutiou seu pão-com-manteiga e café-com-leite, a tradicional refeição matinal brasileira. Foi então que mamãe Amélia o foi despertar a fim de tomar seu rumo na vida, Zé Ninguém: é hora de ir para a escola!

Ele não respondeu aos chamados, nem acordou; porém já havia tomado café e caminhava para a escola deliciando-se com a fresca brisa da alvorada. “Minha Nossa Senhora!”, exclamou Amélia. “Espera aí: a Senhora é tua ou nossa?”, perguntou o Dr. Cacareco. “Que importa, homem?! Nosso filho morreu!”. Fez-se um minuto de silêncio; Cleópatra Rockefeller, exibindo um sorriso matreiro, foi apalpando o pulso do irmão até que sentenciou: “Ele nunca me enganou; é fingido, é preguiçoso e burro; morto que morreu mesmo não pode ter estes batimentos cardíacos que sinto no pulso do safardana!”. Com violência, Cleópatra Rockefeller derrubou o irmão da cama. Devido à queda, o nariz de Zé Ninguém começou a sangrar, mesmo assim ele permanecia inerte. O remorso levou Cleópatra Rockefeller a chamar uma ambulância. Zé Ninguém foi internado no Hospital da Glória, onde os médicos, sem achar explicação melhor, declararam soberanamente que ele estava em coma.

Qual coma, qual nada! O ilustríssimo cidadão da república, de quem nos ocupamos, seguia vivendo normalmente. O corpo inerte, mas seu imaginário (quicá a sua alma) continuava mais ativo que nunca. Não estava no Hospital da Glória, mas já no começo da sua própria glória: a primeira aula de Literatura da sua vida!

Foi logo simpatizando com o professor, seu xará Zé Coisinha, que, qual todos os demais professores, ensinou-lhe tudo o que ele sempre poderia aprender sozinho sem ter que engolir o que regorgitavam dos livros os mestres sofistas da modernidade. Isto porque tudo o que lhe ocorreu após a manhã em que acordou dormindo foi fruto da sua imaginação, unicamente adubada pelas vivências reais precedentes. Bem, simpatizou com Zé Coisinha porque nele sintetizou seu ideal de professor: o que ensina tudo aquilo e somente aquilo que os alunos querem aprender, ou seja, o que interessa.

Apesar de saber antecipadamente o que seria ensinado, tratando-se de sonho, Zé Ninguém simulava que tudo era novidade empolgante, incrível; e aprendia com

gosto. Tinha razão, Zé Coisinha desenvolvera um método pedagógico muito razoável que consistia em classificar os livros conforme as suas espessuras: quanto menos grosso, melhor. Nem por isso desprezava a volumosa Bíblia, simplesmente não a considerava como objeto de estudo da Literatura, mas da Teologia. E se a questão fosse estudar um livro grosso, preferia Dom Quixote a Guerra e Paz, pois o primeiro fazia rir à beça, enquanto que o segundo era frio como a Sibéria.

Já que se mencionou Teologia, as aulas de Religião tiveram um começo confuso para o nosso jovem estudante onírico. Ele aprendera com seu pai, o Dr. Cacareco, que a “força maior” do universo vem do núcleo dos átomos, que são invisíveis mas existem; sim, existem; felizes daqueles que creem sem ter visto jamais! Em contra partida, Zé dos Santos, o professor de Religião, instava com veemência em dar fé que a “força maior” vinha de “cima”, e apontava o dedo indicador rumo ao teto da sala. Com efeito, se o teto um dia caísse durante a aula, muitos iriam se dar mal, por “força maior”.

Uma vez que Zé Ninguém alienara-se do mundo real, todo seu conhecimento passou a ser construído por dedução; de modo que, entre outras áreas do conhecimento, chegou a trabalhar com Geometria Esférica a partir dos teoremas aprendidos antes do sonho; e tudo ele simulava aprender com as aulas sonhadas. Isto é que pode se chamar: poder da mente. Isto, a imaginação, é a fração de Deus que existe no ser humano.

E os dias do tempo mental foram passando, ainda que ele mal tivesse chegado ao hospital.

Zé Ninguém dormindo, sonhando...

-2-

O corpo vegetativo de Zé Ninguém passou a receber alimentação parenteral por meio de soro injetado numa veia oposta ao cotovelo de um dos braços. O estranho é que, ainda que sonhando, ele nunca se mexia, nem seu ritmo cardíaco se alterava. Sim, seria um tipo de coma; e nenhum dos sentidos o ligava à realidade. Mistério? Não. Ignorância mesmo.

Zé Ninguém, conforme referido, contava, por essa época, quinze lindas primaveras sobre sua terra natal, o continente chamado Brasil. Quinze anos..., era homem feito. Ao menos acreditava que sim. Acreditava também, e neste caso com ponderado entendimento, que a suprema instrução já lhe fora dada, a qual consistia tão somente em, há alguns anos, ter sido alfabetizado e aprendido as quatro operações matemáticas; a partir daí conquistaria o Mundo!

Por influência do Dr. Cacareco, o menino Zé Ninguém crescera com a vontade de vir a ser um grande cientista. Constatou, porém, com amarga contrariedade que, conforme crescia em tamanho, parecia diminuir em inteligência a ponto de ombrear com a mediocridade. Então, seu brio um tanto megalômico inculcou-lhe a idéia de tornar-se um ilustre militar, só por vaidade infantil; de maneira que escolheu a arma cujo uniforme afeiçoou-lhe qual sendo o mais formoso: o branco imaculado da nossa gloriosa Marinha.

Um militar obedece ordens, nunca deve ser do contra. Zé Ninguém era do contra. Os rapazes interessados em ingressar nas armas preparavam-se para o exame de admissão freqüentando cursos pagos além da escola comum. Zé Ninguém achava isso um comércio ignóbil, e estudou por conta própria. Resultado: reprovação. Lástima!, inapto para a carreira militar, restou-lhe arriscar a sorte na sinuosa senda da Literatura. Não que ele levasse jeito, tivesse dom para a coisa, mas o que ele queria a todo custo era sentir-se superior, com uma “vontade de força” tão doentia que só poderia ser cotejada com a de Friedrich Wilhelm Nietzsche!

Talvez isso explique o sono profundo que se abateu sobre o nosso rapazola que, no que lhe conserne, segue sua vida qual de costume. Há poucos instantes sua carcaça inerte penetrava no Hospital da Glória, enquanto que ele em si voltava radiante da escola a fim de compartilhar com a irmã Cleópatra Rockefeller as literaturas do professor Zé Coisinha, e a divina sapiência metafísico-teológica do professor Zé dos Santos:

“Sabe, Cléo, a força vem de cima..., mas isso é mera conotação.” Foi dizendo enfundado de soberba. Ao que a pecuniária Cleópatra Rockefeller retrucou com não menos pretensão: “Na verdade, a força mesmo vem é da Bolsa de Valores de Nova Iorque...”

Ao contrário do irmão Ninguém, a Rockefeller tinha uma sabedoria pragmática característica às pessoas que sabem fazer dinheiro; não só dinheiro, mas muitas amizades, e um punhado de desafetos. Enfim, Cleópatra Rockefeller tinha bem à flor da pele o pertinente instinto de sobrevivência, além dos demais instintos. Mesmo que

pensemos a toda hora e, assim, pensemos por instinto, Zé Ninguém pensava que o ato de pensar tolhia-lhe boa monta de instintos; essa intelectualização da sua intolerância às próprias debilidades o consolava na sua apatia perante a vida. Já Cleópatra Rockefeller pouco pensava, ela vivia. Com apenas dez anos de idade angariara seus primeiros dinheiros vendendo chocolates e barganhando lapiseiras usadas no recreio da escola, e aos doze ousara a façanha de empregar cinco meninos a seu serviço no ofício de engraxate de sapatos, fundando uma mini-empresa prestadora de serviço, e entrando no corredor dos capitalistas. Sempre tudo coisa honesta, “Cosa Nostra”.

A índole condolente de Zé Ninguém logo protestou: “Você não tem vergonha de fazer aqueles meninos trabalharem para você em troca de comissão, escovas e graxa? Eles estão iludidos, não dependem de você”. Com seu sorriso habitual de superioridade, Cleópatra Rockefeller esclareceu que o segredo é fazer os empregados acreditarem que os patrões são imprescindíveis. É, o mundo é dos espertos; até uma criança sabe isso. “E ainda,” continuou a irmã, “quanto pior se tratar seus inferiores, mais eles te respeitarão.” Zé Ninguém contemplou a irmã com toda a ingenuidade do seu olhar; esmurrou-a bem na boca, e berrou: “Respeita o teu superior! Eu!”

Mamãe Amélia quase arrancou-lhe o couro a chicotadas: Zé Ninguém não era nada superior a Cleópatra Rockefeller. E violência não dá respeito a ninguém; só dão mesmo as chicotadas respeito à mamãe.

Mas isso foi quando os dois irmãos ainda eram crianças. Agora, ele com quinze anos de idade, e ela com dezessete, a situação mudara; já haviam se estudado bastante e finalmente aderido à benfazeja e sacrossanta hipocrisia das relações familiares, cuja análoga diplomacia articula seus tentáculos permeando todas as sociedades humanas. Portanto, “Bom dia Dra. Rockefeller. Podre de rica, ou rica de podre? Brincadeirinha, mana.”, e ela: “Tudo bem, *prole-otário* querido”. E assim seguia a vida, ou melhor, o sonho de Zé Ninguém.

-3-

No primeiro ano dos estudos secundários, novas áreas do conhecimento entravam na vida acadêmica da rapaziada. Uma delas era a Física Clássica, pela qual Zé Ninguém se afeiçoou deveras, pois este estudo era o que mais compensava os aborrecimentos de perder toda uma manhã de juventude enfurnado numa sala de aula, uma vez que a Física desvelava as leis que regem o mundo, a realidade mesmo do cotidiano; e suas primeiras noções apraziam pela simplicidade ao elucidar que dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço ao mesmo tempo, e a cada ação corresponde uma reação igual e contrária. Mas os cálculos matemáticos inerentes aos problemas físicos logo vieram a estorvar, e Zé Ninguém constatou que seu negócio mesmo eram as aulas de Literatura do professor Zé Coisinha

Coisinha conseguia prodigiosamente objetivar temas tão subjetivos como amor, raiva, gratidão, inveja, altruísmo, egoísmo, etc., convergindo todos eles a convenções sociais do inconsciente coletivo engendrado por impulsos dos instintos às vezes dissimulados, às vezes reprimidos. Quanto à poesia, ele era não menos preciso: “Poemas são rimados e metrificados; o resto é prosa, a qual pode ser prosa-poética, ou prosa-prosa mesmo”. Com o professor Coisinha não havia frescura nem esses modismos estéticos excessivamente afetados; Coisinha era bruto, ou na gíria popular: Macho de três culhões! Mas as peculiaridades anatômicas do Coisinha não vêm ao caso. Era um bom professor. Sem querer, dando noções de Teoria Literária, ao analisar rimas e métricas ensinou os rudimentos técnicos do verso para Zé Ninguém. O poema analisado foi um vilancete medieval, no estudo do trovadorismo. Zé Ninguém ficou com aquilo na cabeça, matutando, matutando. Isto ele sonhava como novidade, a olvidar um obscuro dia chuvoso de sua infância em que folheou uma antologia de estudos sobre poesia na biblioteca do Dr. Cacareco.

Eis que Zé Ninguém empreende compor e efetivamente compõe um poema, um vilancete, havia de ser um vilancete. Então, qual o porquê do poema? Todo efeito tem uma causa. Para o efeito: poema, correspondia a causa: menina bonitinha.

A referida causa era uma donzela mui adequada a cativar qualquer idealizador romântico: moreninha, mirradinha, lânguida, de olhos grandes e sempre úmidos. Seria um anjo? Seria santa? Seria virtuosa qual mamãe Amélia, a mulher de verdade?

Lindaura Risoleta —é o nome da bela- caminhava toda pudica num intervalo de recreio ameno à sombra das jaqueiras apinhadas de jacas moles e podres do pátio escolar imundo quando acometeu a Zé Ninguém o fulminante estremecimento de encanto ao divisá-la. Apaixonou-se pela incógnita, atribuindo-lhe os mais elevados valores intelectuais e sentimentais. Ainda mais porque ela usava, à guisa de pequena manta, uma blusinha verde-água. De mantinha!, e da tão singela cor verde-água. Estava convicto: “É santa”.

Sonhou com Lindaura Risoleta. Acordou de madrugada. Não dormiu mais. Escreveu seu primeiro poema, o incipiente vilancete:

Ai! Tão singela donzela,  
 Tu me deste muita mágoa  
 Com tua blusa verde-água.

Não falo a Deus, pois não me ouve;  
 Não Se dá com as paixões,  
 Por mais que primando O louve  
 Em pueris orações,  
 Ou em vibrantes canções.  
 Mas me deste tu mais mágoa  
 Com tua blusa verde-água.

Evocando a maior coragem da sua existência até ali, respirou fundo, cerrou o punho esquerdo atrás das costas, e com a mão direita entregou o poema a Lindaura Risoleta como se estivesse assinando sua própria sentença de morte. Foi quase uma morte. Ela, que o convencera ser tão mimosa e virtuosa, abriu um sorriso pervertido, a crua identidade do Diabo.

Aquele vilancete foi um pacto com o Diabo. Zé Ninguém atava-se inexoravelmente com os laços abrasivos da poesia. Lindaura escravizou-o com a pueril esperança de lograr a graça de um amor correspondido. Em realidade a esperança move a vida, mas faz sofrer; a esperança dá e tira ao mesmo tempo; é a dor intrínseca da vida. E dest'arte sucederam-se centenas de versos da pena de Zé Ninguém. Pendeu sua predileção pelos sonetos, e teve sua fase da métrica alexandrina. No auge do idílio escreveu:

Singela qual jamais com lira pôs em verso,  
 da mais alcandorada poética, a prática;  
 singela qual a franca e pura matemática,  
 poema em que se lê as leis do universo.

Graciosa qual jamais pincel em tela fina  
 esboçar-lhe as feições ousou por mão mortal;  
 graciosa qual somente em mundo surreal  
 pudesse tantas formas ter uma menina.

De que o amor existe é prova prazerosa  
 para os olhos de quem a vê e logo ama,  
 para o peito do bardo que em delírios clama.

Diante de virtude assim tão primorosa,  
 não haverá quem não viva por lhe louvar,  
 não haverá quem não morra por lhe amar.

Singela..., graciosa..., oh!, ao que parece boiando na superfície capciosa do lago amoroso, sim. Mas quem despreza o barco da prudência e no dito lago se arroja, afunda de imediato. Teria sido dura, mas bondosa, se Lindaura Risoleta tivesse logo desiludido seu bardo aparvalhado, rechaçando-o de pronto. No entanto, aceitava as humildes ofertas poéticas sempre sorrindo, graciosa..., singela...

Mas “la dona è mobile”. Sempre um amável, formoso rosto, em riso ou pranto é enganoso. Tal a lástima; mulher de verdade, só mamãe Amélia que passava fome ao seu lado e achava bonito não ter o que comer. Passar fome, convenhamos, é pedir um pouco demais. Porém, o mínimo de probidade seria dar sinceridade a quem dava amor. Por que nutrir a esperança do tolo rapaz? Vaidade. Ela nada queria com a pessoa dele, queria os poemas; colecionava-os e os exibia a todos qual fossem troféus; elegias à sua beleza e feminilidade. Ora, pois, quem há-de querer algo com o Zé Ninguém? Tudo acabou quando ela passou a namorar outro. Foi penoso, mas edificante. Talvez os penitentes tenham razão em sua busca de plenitude pelo sofrimento. Acaso é pouco prazeroso o alívio de descalçar sapatos apertados após ter andado com eles um dia inteiro?

A partir de então, os versos de Zé Ninguém assumiram um tom mais crítico e investigativo. Tudo sonhado, tudo deduzido.

-4-

Quase todas as tardes, à hora do lazer, Zé Ninguém jogava bola num campo de várzea perto de casa. Jogava invariavelmente o futebol, esporte originário da Inglaterra, e incorporado como uma das grandes instituições da cultura nacional brasileira. Empolgante, onze de cada lado, uma bola: está armado o espetáculo ao léu da arte.

Nos locais onde há aglomeração de indivíduos, e em especial de jovens, sempre aparece um ambulante vendendo guloseimas, porque comer, todo mundo come; é mania que as pessoas têm. Eis que na mencionada várzea, o vendedor de frituras Sócrates Clarimundo fazia uns trocados com a molecada. O pedido era feito e fritado ali, na hora, em cima de uma carrocinha equipada com fogareiro e tacho cheio de gordura; era um trabalho senão sebo, um tanto ensebado.

Certa vez, um menino pediu: “Tio, me vê aí uns dois quibes”. “Espera aí;”, disse Clarimundo, “dois quibes, ou mais que dois?”. E o menino: “Ah, mais ou menos dois”. “Mais ou menos é medida de esfíncter do intestino reto”. Ein?! O que seria aquilo? “É medida de cu, amiguinho”.

Zé Ninguém, que ouviu a palestra acima, intrigou-se com a personalidade daquele humilde fritureiro, figura pitoresca. Barriga protuberante, calva gotejante de suor, sempre de avental branco encardido e um sapato preto todo amacetado dando a impressão de os pés estarem cravados no chão, Sócrates Clarimundo aparentemente em nada se destacava de qualquer trabalhador autônomo em luta pela subsistência. Jamais freqüentara qualquer estabelecimento de ensino, e aprendera a ler com recortes de jornal sob auxílio da Divina Providência da força de vontade. Era um batalhador rústico, mas que ousava umas filosofias se lhe ensejavam ocasião. Era o que restava por entreter esse pobre coitado, frustrado pela profissão, fadigas, e dissabores da existência.

Ainda que com o sexo oposto Zé Ninguém assumisse a postura do tímido, não se lhe impunha constrangimento algum conversar com homens; de modo que foi logo arrebanhando divertidos diálogos com Sócrates Clarimundo, nos quais escutava coisas do tipo: “Deus não dá asa a cobra”, “Mar não tem cabelo”, “Nem tudo é tão difícil quanto parece, nem tão fácil quanto se imagina”, “Homem não trai a mulher; cumpre uma necessidade, pois o nosso brinquedinho é de armar, o delas é só de encaixar”. Um dia o rapaz perguntou se Clarimundo gostava de vender frituras, ao que este respondeu: “Você está doido?! Eu hei-de um dia ser professor. Vou ensinar minhas filosofias para esses petimetres engomadinhos deixarem de frescura. Ah, se vou!”. E qual seria a sua linha de pensamento? “Pois sou anarco-monarquista. A Monarquia é necessária porque tudo que presta tem um dono, e o dono do Brasil era o imperador. Enquanto que a Anarquia serve para deixar o povo tirar um sarro da cara da nobreza e amenizar o despotismo imperial. Repare, é a harmonia perfeita”.

Sócrates Clarimundo motivou uma guinada na poética de Zé Ninguém, que passou a compor versos na linha dos transcritos a seguir:

Trancado neste quarto escuro  
sou um prisioneiro de mim.  
Não sofro qualquer privação, mas juro  
que sofro por um mal que não tem fim.  
E este mal é um bem  
que só o conhece quem não o tem.

Eu mesmo não o conheço,  
mas fizeram-me crer que ele existe;  
abstrata é a causa por que padeço,  
e perdida é a luta que persiste.

Minha vontade segue perdida:  
não quero nada, mas quero a glória!  
Minha vida é uma constante partida  
rumo a uma cabal e intangível vitória...

E assim, o nosso interno do Hospital da Glória entrou na fase especulativa do seu sonho.

-5-

A princípio, devido à Lei da Inércia que explica o pendor humano pela preguiça, Zé Ninguém desprezava as leituras, seguindo o seu muito conveniente sofisma de que tais leituras contaminariam seu pensamento independente. Logo, porém, entendeu que não existe originalidade absoluta no que concerne a idéias: a Natureza é a origem de toda analogia que fundamenta as abstrações mentais, as quais movem-se numa reação em cadeia; assim, em todo pensamento há um mínimo de plágio. Ele, então, conheceu a sede por conhecimento; verificou também que até aquele momento vivera pouquíssimo e mesmo uma vida inteira seria insuficiente para desvendar o funcionamento das coisas e das gentes. Despencou a ler tudo que lhe chegava ao alcance, agia a “vontade de força”.

Devido a uma atração passional e, portanto, irracional pelas coisas vetustas e passadas, Zé Ninguém escolheu a dedo os livros mais antigos da biblioteca doméstica do Dr. Cacareco. Após tê-los lido em sua totalidade não importando se tratavam de Estética Musical ou Mecânica Celeste, ele reparou que, quanto mais aprendia, mais percebia sua grande ignorância. Com esta inquietação, saiu um dia a vagar pela cidade à cata da palavra impressa. Sentindo falta do futebol, do qual andava meio afastado devido às leituras, dirigiu-se ao campo de várzea, onde encontrou o Sócrates Clarimundo em seu afã gorduroso, calorento e... filosófico. “Ô, mestre, boa tarde. O senhor sabe onde vendem livro velho?”. “No sebo, eu só compro lá. Não conhece? Sebo é loja de coisa velha, em geral livros. Tem um na rua do Teatro Municipal, bem na frente”. Zé Ninguém achou graça no nome *sebo*, parecendo-lhe mui afim de ser freqüentado por um filósofo ensebado como o Sócrates Clarimundo. Incontinenti, rumou para lá.

“Casa mal-assombrada” foi o primeiro parecer do rapaz acerca do Sebo. Antigas fitas de vídeo, discos musicais ainda do tempo do vinil (pré compact disc), e livros, montanhas de livros entulhados à revelia ou apinhados em rotas estantes de madeira ou metal, mas todas empoeiradas, com insetos ou ferrugem; tudo fazia pesar a atmosfera precariamente iluminada do prédio de sobrado que sediava o Sebo. Uma fascinação comparável a viajar-se no tempo acometeu Zé Ninguém perplexo com a certeza de encontrar-se envolto em séculos de informação.

Já queria o dia fenecer quando Zé Ninguém cambaleava de volta para casa equilibrando a pilha de livros que comprara. Pilha eclética: compêndios de História Natural, Inglês, e Astronomia; uma novela alemã; contos de Mark Twain; e poemas de Manuel Bandeira.

Nos dias subseqüentes, foi lendo tudo ao mesmo tempo, um pouco de cada por jornada. O que o impelia era uma ânsia visceral por adquirir conhecimento; qualquer conhecimento; viajar o mundo e relacionar-se com pessoas vivas e mortas jamais por ele imaginadas, das mais variadas qualidades, caráteres, culturas.

A leitura surtiu efeito. Logo frutificou em bagos opulentos de eloqüência em versos do grande Zé Ninguém, o herói da nulidade!

Numa experiência incipiente com o Inglês que estudava pelo método de Sócrates Clarimundo, ou seja, o auto-didatismo, elaborou um soneto à custa de não pouco esforço da parte de seus escassos miolos e débil vigor mental. Eis o dito cujo:

### WE?

Loneliness is a so natural state  
of any living matter you will find;  
'cause when I was a child, now I remind  
myself: I was alone, that was my hate!

I had a mother, a father, a faith,  
and the true love of my sister, so kind...  
come from the very equal flesh of mine,  
and, yet, I was I behind the soul's gate!

Now, where's my faith, my sister, where am I?  
in this spinning sphere which just says good bye  
to teach us good bye, to teach us to pass...

As our life goes too fast, we're lonely as  
the fast space-ship that goes faster as far  
it is from us, from the Origin we are!

O leitor atento estará se perguntando: Como ele aprendeu Inglês se estava sonhando?

Correto, mas já esclareci em ocasião anterior... Tudo que nosso jovem e pretensioso versejador sonha flui tão somente das deduções oníricas em curso e conhecimentos prévios. Exemplo: ele conhecia alguns poemas de Manuel Bandeira e noções de Astronomia; quanto a Mark Twain, só o nome lhe parecia familiar, e o que dele leu foi inventado com a vertiginosa liberdade propiciada pelo devaneio de alguém a dormir.

E o Inglês, a própria escola já o havia ensinado um pouco.

-6-

No Hospital da Glória, uma junta médica ainda fundia os cérebros e queimava as pestanas no esforço de sentenciar com precisão qual era o distúrbio do Zé Ninguém, em cujo sonho já decorrera dois anos, quando ele teve que aturar, com toda a diplomacia, a vaidade de Cleópatra Rockefeller: “Não, não vou! Não vou de ônibus, nem morta, e pronto. Só te acompanho se formos de automóvel”. Dr. Cacareco não tinha carro. Nem ele, nem sua esposa sabiam guiar; Amélia, por ser apenas prendada em artes do lar, mulher de verdade; e Petit Cacá por uma questão ideológica: sentiria desconforto ao operar uma máquina de tamanha complexidade que fugia ao seu domínio tecnológico; o doutor era lamentavelmente um teórico, nada mais. Irmã dos mil argumentos, Cleópatra Rockefeller rebateu em cima: “Ora, então vamos de táxi”. Quem pagaria o táxi? Zé Ninguém, naturalmente; ele é quem estava convidando... Muito caro, ele não possuía o numerário suficiente. “Minha querida, que tal o Metrô?”.

Havia uma peça teatral sendo encenada por alunos da escola em que estudava o Zé Ninguém. Sua irmã se administrava a contento, burocrática e economicamente a contento, mas carecia-lhe o encanto comum aos jovens, de maneira que Zé Ninguém a convidou com muita propriedade à peça intitulada *Aurora da Minha Vida*.

Cedendo à diplomacia do meio termo, Cleópatra Rockefeller aprumou o tailleur e, maldizendo a própria sovinice que a impedia de desembolçar sem prejuízo a corrida do táxi, submeteu-se ao “terrível constrangimento” de ir se sacolejando dentro do verme metálico do subterrâneo metropolitano. Na estação onde tomariam o trem, ela comunicou enojada ao irmão que os passageiros, ao atravessarem as roletas de ingresso, podiam ser vistos igual uma manada de bovinos atravessando uma porteira de fazenda, “Oh, que humilhação!”.

Aquela comparação surtiu um poderoso efeito no Zé Ninguém, não pela metáfora, mas pela lembrança impossível de que ele já havia vivenciado a mesma situação, em idênticas condições, e com a irmã. Não seria uma recapitulação instantânea, pois ele soube de antemão que a sua roleta emperraria, e efetivamente emperrou. Coisas das plagas vizinhas aos milagres ainda fogem às luzes da ciência.

A peça dizia respeito à infância e juventude dum grupo de amigos que passaram a vida sempre só planejando o futuro sem nunca terem vivido o presente com a devida consciência. A apoteose dá-se no final, quando, velhos, as personagens cantam sua nostalgia: “Oh, que saudades que eu tenho da aurora da minha vida, da minha infância querida que os anos não trazem mais”.

Cleópatra Rockefeller gostou da peça no geral, e quiçá tenha tirado bom proveito, porém não furtou-se ao comentário de que o encerramento tinha o ranço de um Romantismo exagerado, coisa ultrapassada. E o Zé Ninguém, para evitar conflito e por preguiça, obviamente concordou.

Todavia, ainda com a opinião da irmã na mente, tendo sido contrariado por uma colega de turma na escola, colega que o impediu de ler o discurso de Graça

Aranha numa representação da Semana de Arte Moderna de 1922, o Zé Ninguém fez reparo em aspectos do Modernismo que o desgostavam tanto quanto a pieguice do Romantismo. Então, relatou seus pareceres a Sócrates Clarimundo através da cortina de fumaça que se impunha entre eles, cada qual dum lado do tacho de frituras na várzea do futebol. Depois de bastante troca de idéias, Sócrates declarou que, sendo um rústico sofisticado, ele achava o Romantismo coisa de efeminados, e o Modernismo coisa de maricas. Aí os dois deliberaram redigir um manifesto estético em prol do talento autêntico. Num primeiro momento Sócrates Clarimundo esboçou as idéias num guardanapo de papel, lá mesmo, sobre a carrocinha engordurada. Posteriormente, o Zé Ninguém deu sua contribuição rítmica, e o texto saiu assim:

### Manifesto Rudista

Sim, eu confesso que sou rude.  
 Nunca gostei do Romantismo,  
 mas ruim mesmo é o Modernismo  
 que tirou da arte a virtude  
 que tinha a métrica e a rima.  
 O verso livre só me anima  
 se a idéia for muito boa,  
 do contrário é coisa à toa.

Apesar de deveras rude,  
 orgulho-me desta atitude;  
 pois sou franco na poesia,  
 e abomino a hipocrisia  
 que permeia a sociedade.  
 Porém, tenho a capacidade  
 de as gentes enternecer  
 ao cantar que o anoitecer  
 tem claridade diferente  
 do seu celestial parente,  
 o também belo alvorecer.  
 Eis sutileza, esplendor!  
 Não nego os lirismos que calham.  
 Porque para o mal metedor...  
 até os culhões atrapalham.

Foi um escândalo! De madrugada, um pouco antes do alvorecer, o Zé Ninguém pulou o muro da escola com heroísmo idealista, e afixou em diversas paredes

algumas cópias dos versos acima. A primeira aula chegou a atrasar devido ao alvoroço decorrente da divulgação do Manifesto Rudista. Seus autores até que foram bem modestos, assinaram com pseudônimo: Grande Othelo.

No seu sonho, o Zé Ninguém ia arquivando toda a sua produção textual com vistas ao seu ambicioso projeto literário de celebrar-se pelas letras. Consolo para o cientista frustrado, e o militar inapto.

-7-

O pseudônimo nada ocultou; nosso Grande Othelo panfletário foi imediatamente descoberto, acabou sendo quase um flagrante delito. Era de domínio público na comunidade escolar a fama de verzejador do Zé Ninguém, desde o vilancete à Lindaura Risoleta, o qual ela saiu mostrando para meio mundo como prova da sua competência sedutora. Tanto que até aos ouvidos esclerosados da velha diretora chegou a notícia sobre a verdadeira autoria da ousada irreverência, mas o divino limbo da diretoria não se conspurcaria a ponto de ocupar-se com a preferência vocabular do Zé Ninguém. A questão foi delegada ao inspetor de alunos, Dr. Gaudêncio. É curioso que um simples inspetor desses ostentasse o título de doutor, mas nesta terra abençoada por Deus qualquer um que detenha certo poder, por insignificante que seja, já vai sempre sendo tratado por senhor doutor.

Zé Ninguém, intimado a comparecer à saleta do Dr. Gaudêncio, foi logo escutando: “Moleque safado!, que incontinência é essa de *metedor* e meter *culhões* nas paredes da escola?!”. Acompanhando um silêncio covarde, o silêncio do Zé Ninguém, derramou-se um suor frio pelas costas dele. Mas diante da ameaça de expulsão, ocorreu-lhe um argumento: “Excelentíssimo senhor doutor, toda pessoa humana do sexo masculino, do qual a propósito o senhor é um representante exemplar, bem, todo homem normal tem um culhão direito e um culhão esquerdo, que os anatomistas insistem em denominar de testículos; portanto o culhão é apenas o nome popular do que eu e Vossa Excelência carregamos entre as pernas, nada mais natural. E quanto ao ato de se meter, é graças a ele que minha mãe me pariu, e sua santa mãe lhe pariu”.

Escutando esta singela explicação, Dr. Gaudêncio hesitou entre três procedimentos, a saber: considerar seu interlocutor um débil mental; crê-lo momentaneamente privado do pleno gozo das faculdades mentais; ou assassiná-lo imediatamente em legítima defesa da honra. Preferindo a segunda opção, deu por finda a questão: “Olha rapaz, vê se esquece as anatomias, e volta aos versinhos de amor. Passar bem, pode ir”. Dr. Gaudêncio era moralista.

Moral é para quem tem tendências imorais, truculentas, cruéis. Mas quem tem índole inofensiva e civilizada pode viver perfeitamente sem conhecer as leis das condutas morais. Era o caso do Zé Ninguém, um beatíssimo amoral.

Amoral também era Cleópatra Rockefeller que ganhava dinheiro inescrupulosamente, de qualquer maneira dentro do código da confraria capitalista. A diferença para o irmão é que ela podia prejudicar a outrem e manter a mesma leveza de consciência do Zé Ninguém. Instigada pelo episódio do manifesto, Cleópatra Rockefeller bisbilhotou os pertences fraternos onde encontrou uma potencial mina de dinheiro, ou seja, os poemas que lá estavam guardados esperando o dia em que um espírito empreendedor os desse o devido respeito sob a forma de lastro-ouro. Levou furtivamente alguns exemplares à universidade que freqüentava para um mestre os avaliar.

Esses teóricos de literatura! Tratando das obras consagradas, as consagram ainda mais, encontrando sempre nova genialidade em algum significado oculto que nem os próprios autores conceberiam. Quanto aos novos autores, via de regra os desdenham à priori. Conforme a avaliação docente, os poemas do Zé Ninguém eram lixo. Percebendo o preconceito, Cleópatra Rockefeller fez cópias dos poemas do irmão com uma mínima alteração, que consistia somente em atribuir suas autorias a ilustres poetas falecidos. Vendeu que foi uma beleza! E a inspiração do Zé Ninguém foi transbordando o perímetro do colégio, ainda que sob diversos e indesejados pseudônimos, e para o monetário júbilo de Cleópatra Rockefeller.

Desde que o Zé Ninguém começou a freqüentar as partidas de futebol, Sócrates Clarimundo perambulava pelas cercanias daquele campo de várzea, e o mesmo hábito manteve anos a fio no tempo onírico que transcorria nos quinze minutos realmente passados desde a entrada do nosso paciente no Hospital da Glória. E a questão já era: quando a final Sócrates Clarimundo viria a cumprir sua promessa de lecionar? “Ah, meu amigo, sendo casado, pobre, e tendo filhos pra criar, sem um diploma primário sequer, minha vida nunca será compatível com o magistério. Nada vale meu autodidatismo, o que vale nesta terra de bacharéis é uma folhazinha de celulose prensada com a inscrição da palavra *diploma*”. No fim das contas, nem todo o mundo nasce fadado às posições mais conceituadas. Sócrates, porém, era um talento, como tantos anônimos perdidos, castrado pela burocracia acadêmica. Nasceu pobre.

Com fortaleza, o mestre da várzea suportou a ingrata fatalidade, mantendo o ânimo sempre firme no afã de conciliar os estudos fragmentados com o suor da labuta, as palestras filosóficas junto à rapaziada com a fumaça das frituras.

Um dia, ele nutria especial expectativa pela visita do Zé Ninguém, revelando seu tique nervoso de estalar os dedos das mãos e o tornozelo direito; olhava rapidamente para todos os lados ao redor do campo, e andava em círculos já mancando por tanto estalar o tornozelo. Quando enfim se encontraram, foi enxugando a testa enquanto atropelava as palavras para comunicar ao amigo algo sinistro. Era o soneto em versos alexandrinos dedicado à Lindaura Risoleta: um estudante aparecera na várzea recitando-o decor e cobrindo-o de elogios. “Ótimo, mas minha antiga musa já o havia praticamente exposto em praça pública!”, ponderou o Zé Ninguém; ao que lhe retrucou o outro com os olhos fora da caixa: “O troço brabo é que me disse o moço que teu soneto foi escrito por José Régio, um português!”. Mistério... Mistério, não, novamente ignorância.

Cleópatra Rockefeller seguia lucrando desinibidamente com os poemas do Zé Ninguém, o qual não conhecia um suspiro de direito autoral, e remanescia na peculiar ignorância de prole-otário, ou melhor, proletário.

“E agora, Zé Ninguém?”. “Sei lá, há-de ser armação da Lindaura..., só pode”. “Só pode é o cacete. Estrela não carece de sol pra brilhar: a guria nem lembra que tu existe”. Mais uma frase contundente de Sócrates Clarimundo. E a dúvida imperava.

Perdeu noites de sono, aperreou-se deveras o Zé Ninguém até que o boato dos poemas com autor fantasma correu os bairros da cidade e chegou ao conhecimento das autoridades civis. Só então Cleópatra Rockefeller sentiu-se imersa até o pescoço no rio de lodo da contravenção. Como já tivesse clientela cativa no seu comércio à moda de Literatura de Cordel, não mais necessitava das assinaturas ilustres, e, despudoradamente como antes, continuou a vender a produção do Zé Ninguém, mas agora atribuindo-lhe a verdadeira origem. Claro que de pronto o bardo tomou conhecimento da tramóia, era bem ao talhe da irmã aquele procedimento ignóbil, mas, advertido pela apaziguadora mamãe Amélia, vislumbrou o benefício

considerável que a empresa da irmã poderia trazer para seu projeto literário em prol do reconhecimento social que malograra com a ciência e a carreira militar. Vê-se que o Zé Ninguém ignorava os versos de Dorival Caymmi: “Pobre de quem acredita na glória e no dinheiro para ser feliz”. O próprio Caymmi desprezou o que cantava, tendo arrebanhado admiradores para sua glória, e riqueza para sua velhice. Em verdade, todo artista deseja alguma forma de glória, festiva ou silenciosa, opulenta ou gozando a modesta satisfação de contemplar o triunfo alcandorado que sua obra encontra no olimpo do reconhecimento.

O comércio dos poemas já devidamente atribuídos ao Zé Ninguém seguiu com a mesma fluência dos seus poemas por outrem assinados. Bom sinal. Deixai fazer, deixai passar!

-9-

Conforme previamente referido, o Zé Ninguém ainda na infância verificou que furtava-se-lhe o vigor mental para em futuro próximo abraçar uma profissão ligada à pesquisa científica. Não resistiu. Buscava entanto a veleidade da glória, “vontade de força” que bole com o sossego das gentes.

Bem antes de ingressar na universidade, idealizava ele cursar jornalismo. Certificando-se, porém, que muitos jornalistas tinham outras e variadas profissões, apresentando graça no manejar a linguagem mesmo sendo eles advogados, engenheiros, médicos, e alguns sem qualquer formação superior, o Zé Ninguém fraquejou quanto ao jornalismo para estudar Astronomia.

Depois de formado, com o precioso canudo (diploma) de bacharel, aí quem sabe poderia também contribuir em algum jornal. Por enquanto, contentava-se em participar dum jornaleco fuleiro do Diretório Acadêmico, em que seus poemas eram bem-vindos junto com desenhos cômicos do Amigo da Onça, personagem do falecido cartunista Péricles da revista O Cruzeiro. Assim, dava continuidade a uma mania de tempos passados: ver qual era a safadeza que o Amigo da Onça aprontara na semana.

Sabe-se que a Ciência engendra grande surto de ateísmo nos meandros acadêmicos. Céticos foram Arthur Schopenhauer, Karl Marx, Charles Darwin, e tantos outros. Por outro lado, seguindo a linha de Isaac Newton, que asquadrinhava as profecias bíblicas, o Zé Ninguém teve sua religiosidade incrementada com os estudos astronômicos. O estopim de tudo foi uma aula de eletro-magnetismo em que viu, na prática, como a força magnética agia mesmo no vácuo; ora, o nada permitindo interações era indício razoável de que as almas poderiam habitar este nada, após a morte. Analogamente, a força gravitacional agia no vácuo, e era a mais corriqueira na vida de qualquer um. Eis que o Zé Ninguém passou a contemplar os astros, enxergando lá em cima a prova da sua própria imortalidade...

No ônibus, a caminho do observatório, sempre viajava uma moça chamada Claudinéia, que atraía o olhar do Zé Ninguém. De início, vencendo sua timidez para com o sexo oposto, ele travou um esboço de diálogo, donde saiu ciente apenas que ela era funcionária da universidade, e deveria ser alijada de qualquer pretensão amorosa, porque tinha noivo. Achou o nome dela feio, mas achou o resto muito bonito. Certa feita, a formosa moçoila apareceu vestindo uma blusa preta toda pontilhada de ciscos cor de prata. Ah!, o Zé Ninguém não resistiu: ver aquele corpinho esbelto envolto em noite estrelada era notícia de primeira página. Inspirado numa canção de Noël Rosa e Ary Barroso, com a caligrafia de analfabeto imposta pelos solavancos do ônibus, escreveu:

### Vestindo Estrelas?

Quando à noite olho as as estrelas  
na abóbada celeste,  
fico distraído ao vê-las,  
a ver o que você veste.

E dos amores que tive  
desde sempre até agora,  
só um no meu peito vive,  
que canta, dança e chora.

Seu vestido tem estrelas,  
fico distraído ao vê-las,  
tudo somente porque  
sempre sonho com você.

Destacou a página do seu caderno, e a entregou à Claudinéia afobado e esbaforido pela ousadia. Onde já se viu? Ela era noiva comprometidíssima, ia se casar!

Fernando Pessoa é que sabia das coisas: “Tudo vale a pena, se a alma não é pequena”. Foi a melhor atitude sentimental que cometeria em toda sua existência o Zé Ninguém. No mesmo dia, à noite, regressando das aulas, sua musa deu-lhe sorrindo um bilhete com os seguintes dizeres:

### Seja Eterno

Deixe que o hoje se  
Reflita no amanhã  
Para que este dia  
Seja eterno.

Refletindo amizade  
Neste grande milênio  
Para que neste dia  
Sejamos eternos.

Claudinéia (no ônibus)

Valeu a pena! Talvez a “vontade de força” que o Zé Ninguém buscava fosse apenas vontade de afeto. E o afeto sincero de uma só pessoa vale a glória do mundo.

A bem da verdade, Claudinéia casou-se com o referido noivo. O pobre Zé Ninguém assistiu à cerimônia do casamento, da sua resignação cabal. Mas a amizade proposta nos versinhos imperfeitos da moça que vestiu estrelas fez-se fato.

Escuta, Zé Ninguém! Põe a vaidade da glória de lado, segura a tenra mão da amizade, e aguarda a vinda messiânica do amor. Se não vier, para que viver?

Mas tudo isso era apenas sonho. A amizade é um grande sonho, o amor é o maior dos sonhos.

-10-

Graças ao espírito empreendedor do capitalismo selvagem peculiar à personalidade de Cleópatra Rockefeller, desde a retificação autoral o nome do Zé Ninguém tornou-se muito conhecido entre discentes e docentes. Breve, agradou ao gosto popular; teve alguns versos musicados e tocados nas estações de rádio de boa parte do país.

Foi por essa época que a Rádio Universitária o convidou a redigir crônicas semanais para um dos programas estudantis. Meio sem jeito, todo encabulado, ele insinuou a princípio uma recusa; seu pendor não era bem a prosa, diluir o pensamento pelos artifícios da coesão e concatenação de idéias afigurava-se-lhe perda de tempo; poesia sim, arte concentrada na densidade original de sua essência! Contudo, provavelmente por vaidade, ou talvez por mera polidez, escreveu para a rádio dois sofríveis ensaios acerca de leituras anteriores ao sonho, e só. Ei-los:

1º ensaio:

“Abordemos a estética, em particular, a musical. Debrucemo-nos sobre a obra *Do Belo Musical*, do músico e filósofo Eduard Hanslick.

Consoante ao colega Bob Moon, aluno do curso de Astronomia da nossa universidade, uma razoável definição de Filosofia seria a de que esta é a arte de elucidar o óbvio. Exemplos temos vários; famoso é o episódio do navegador Cristóvão Colombo quando propôs que seus companheiros conseguissem a façanha de equilibrar um ovo verticalmente sobre uma mesa: todos acharam um absurdo, porém, quando ele obteve sucesso na proposição quebrando parcialmente uma das extremidades do ovo fazendo-o permanecer em pé, foi contestado com o argumento de que aquilo era fácil demais. Assim também ocorre com a Filosofia.

Em sua obra *Do Belo Musical*, Eduard Hanslick nada mais faz do que demonstrar uma verdade que, ao menos no seu tempo, o mundo ainda carecia de conhecer. A idéia principal e motriz de todo o livro é simples: A música tem beleza que não necessariamente determina um sentimento específico.

Para provar tal conceito não seriam pertinentes tantas recapitulações até mesmo prolixas; contudo, Hanslick enriqueceu bem seu texto com divagações filosóficas, as quais certamente despertam o raciocínio do leitor e satisfazem a coerência.

Mas, focalizando o que há de notável à luz da estética, Hanslick propõe a superlativa sublimidade da arte musical ao afirmar que as melodias são transmitidas de um espírito para outro por um meio de modo algum material, palpável, ou simbólico. Esta natureza sublime e totalmente subjetiva da música é que a diferencia das demais artes. A música é uma linguagem que todos compreendem, mas ninguém pode traduzir, é uma linguagem universal.

Em verdade, o compositor musical não pode ter a intenção de induzir deliberadamente um sentimento específico nas pessoas que ouvirão sua música. Isto

porque uma melodia poderá estimular sentimentos, mas sua subjetividade implícita a desabilita de indicar qual sentimento todos os ouvintes devem sentir.

Consideremos uma melodia suave e harmoniosa. Ela poderá mover um ouvinte a sentir a plenitude da paz interior se para este sentimento ele já estiver predisposto; por outro lado a mesma melodia despertará tristeza em um amante desprezado que no momento recorda sua amada; e ainda, se a dita melodia tangir os tímpanos de alguém que por acaso estiver a recordar um feliz acontecimento, esta pessoa poderá ser acometida pelo sentimento de nostalgia. Enfim, eis a subjetividade da música.”

2º ensaio:

“Recentemente, uma escritora alemã (de sexualidade mal resolvida, quiçá?) anda apregoando pelo mundo afora que a relação sexual só atrapalha no matrimônio. Daí a seguinte questão: o que é mais necessário? Sexo ou casamento? Óbvio que, para a continuidade da espécie e pelo forte impulso instintivo, há que se eleger o sexo em primeiro lugar. Contudo, isso gera algumas implicações.

Se, por exemplo, o macho e a fêmea, ou pelo menos um deles for portador de algum defeito genético, a relação sexual com fim de reprodução é no mínimo irracional, senão cruel ao dar chance para o defeito ser legado à prole (embora a medicina esteja acabando com a seleção natural, e a Engenharia Genética prometa milagres). Existe, também, o sexo sem finalidade reprodutiva; isto é uma particularidade exclusiva do ser humano, o que dá ensejo a pensar se trata-se de um vício da hodierna civilização.

Quanto ao matrimônio, com ele surge normalmente a família, é uma instituição e, conforme está em voga dizer, a família que dele provém é a célula máter da sociedade. Então, pode-se questionar a razão de ser deste costume matrimonial. Imaginemos uma humanidade em que cada indivíduo possuísse ambos os sexos, igual aos caramujos de jardim. Num ato sexual entre dois caramujos não há distinção: acontece um compartilhar de gametas, e os dois caramujos são fecundados. Mesmo que assim fosse a espécie humana, a necessidade de educar os filhos implicaria a união entre dois adultos; um encarregado de cuidar das crianças, e o outro encarregado de, colaborando com a dinâmica social, proporcionar o sustento da família.

Mas, voltando à realidade, o fato é que existem homens e mulheres, e suas anatomias os distinguem inclusive sexualmente. A mulher tem uma gestação, período em que compartilha da unidade com a criança; ela tem mamas para dar o alimento natural do recém-nascido; a mulher tem natural delicadeza física habilitando-a para o cuidado de crianças. Já o homem é desprovido de todos esses atributos, só restando-lhe a função extra-lar na dinâmica da comunidade, trazendo para a família o sustento. É saudável que esta divisão de funções seja instituída; não por um costume social, mas por parecer harmônica e bem natural.”

Este último ensaio deu vaza às sempre mui exageradas manifestações das mal amadas e furiosas feministas de plantão. O constrangimento fez-se insustentável. Isto,

somado ao desestímulo predisposto pelo Zé Ninguém, o fizeram encerrar sua meteórica experiência radiofônica.

Ideologias à parte, a confusão engendrada pela polêmica com as feministas acabou até favorecendo a divulgação da ascendente obra do nosso bardo entre os circuitos intelectuais da , assim chamada, literatura oficial: pois não é que os versinhos do Zé Ninguém chegaram enfim a ressoar no olimpo “imortal” da Academia Brasileira de Letras?

Grande Cleópatra Rockefeller! Salve a iniciativa privada!

Amigo da Onça, qual é a safadeza da semana? Zé Ninguém prosseguia fiel no jornaleco da faculdade. Dessa vez, deliberou justamente sacanear os velhinhos da ABL (Academia Brasileira de Letras). O Zé Ninguém achava graça na costumeira tradição de os acadêmicos serem chamados de imortais. Então, desenhou o Amigo da Onça que, com a elegância de costume, no velório de um afamado acadêmico, perguntava com a mais pérfida inocência: “Ora, se é imortal, morreu por quê?”.

Sabe-se que o motor da humanidade é o medo, que gera a ambição, que gera as demais vontades. O desenho do Zé Ninguém foi um escândalo reproduzido em vários periódicos e revistas de todo o Brasil. Seu autor já sedimentava notoriedade abrangente, efetivava-se qual jornalista. Incomodados que estavam com o jovem petulante, o pessoal da ABL resolveu que era melhor tê-lo como amigo admirado e admirador do que tê-lo como um Amigo da Onça.

A respeito da poesia do Zé Ninguém, notas e críticas elogiosas saíram na imprensa por parte de vários acadêmicos imortais, até que ele entrou pela primeira vez nos sacrossantos recintos da ABL, numa pomposa cerimônia em que lhe era consagrada uma menção honrosa à guisa de confraternização, com direito a todos envergando o fardão; menos o Zé Ninguém, é claro.

Era verão. E os vovôs e as vovós com aquela vestimenta antiquada, quente, pesada. Mormaço no ambiente, suor em toda parte, nas mãos e tudo que por elas se tocava. Aqui e ali, despudorados cochilos com direito a filete de baba escorrendo pelo canto da boca aberta. Uma dentadura de repente rola pelo tapete vermelho aveludado..., dentadura! De quem é? Não aparece o dono, ou... a dona. E os discursos da amizade protocolar resumiam-se a uma prodigiosa listagem de todos os adjetivos elogiosos da língua portuguesa, pecando tão somente por não ter sido elaborada em ordem alfabética.

Quase no encerramento da cerimônia, chegou a vez do homenageado pronunciar-se. Num modesto discurso, o Zé Ninguém fez considerações sobre o caos estético ensejado pelas vanguardas artísticas, incomodando a muitos com sua simpatia pela ultrapassada poética parnasiana. Mas o momento apoteótico foi a última declaração: “Confesso que, de tudo que escrevi até hoje e de tudo que por ventura ainda eu venha a escrever, agrada-me em primeiro lugar um poema intitulado *Vestindo Estrelas?*, o qual veio-me de improviso, em pleno ônibus, e sem maior elaboração. Tudo porque aqueles versos ensejaram a mais franca e inusitada retribuição: foi a única e tão sublime ocasião em que fui correspondido neste meu afã lírico. Agora, vo-lo apresento”. E declamou com braços trêmulos as simplórias redondilhas oferecidas à Claudinéia do seu sonho.

O diretor-chefe de uma renomada editora veio ao encontro do Zé Ninguém já na saída, descendo as escadarias da ABL. Tratava-se do Dr. Lino Grande, que foi logo elogiando o traje (alugado) do pobre rapaz, a eloquência de suas idéias (gaguejou o discurso todo), e a originalidade dos versos declamados (foram

inspirados numa antiga canção de Noël Rosa e Ary Barroso). Mesmo assim, a euforia do Dr. Lino Grande era real, queria publicar as poesias completas do Zé Ninguém: “É a oportunidade da tua vida, homem!”. “E quais as condições..., homem?”. Aí, o editor tossiu disfarçando o embaraço: “Bem, nós somos uma empresa; apesar de lidarmos com criação, nosso objetivo é o lucro, não podemos arriscar. Olha, a primeira edição do teu livro infelizmente terá que ficar a total proveito da editora; mas se vender bastante, e vai vender, a partir da segunda edição te caberá dez por cento de direito autoral”. “Só se for agora!”, assentiu o Zé Ninguém afoito por ver sua palavra na letra de forma impressa e encadernada de um livro. Um respeitável livro!

Tal foi a glória do Zé Ninguém.

-12-

Ao contrário da habilidosa Cleópatra Rockefeller, o seu irmão Zé Ninguém era um inapto geral para as coisas pragmáticas. Atrapalhava-se tanto com as suas poucas e minguadas finanças, como com a simples aparência pessoal: era, conforme opiniões alheias, um desleixado. Desde que apontaram as pioneiras penugens no seu rosto, toda vez que ele ia fazer a barba, cortava a delicada pele do rosto, sempre.

Dr. Lino Grande efetivamente cumpriu aquele acordo de publicar o livro de poesias. Acontece que nem todos os poemas foram impressos e, o que é pior, alguns foram alterados ou mutilados em seus versos. Agia, por parte do editor, uma imprevista censura: excluía-se qualquer mensagem estranha ao senso comum. Na gíria popular, ficou um livro “água-com-açúcar”. Por exemplo, no prefácio redigido por uma eminente senhora acadêmica da ABL, elegia-se como ponto culminante da obra do Zé Ninguém as seguintes rimas:

Em poesia, falar de rosa  
É tão fácil quanto andar.  
Mas bom mesmo é a olorosa  
Fragrância que ela tem por dar.

Já o amor em verso ou prosa  
É um abismo abissal;  
Uma verdade duvidosa,  
Diversa para cada qual.

A rosa é dentre as flores  
Elegida à realeza.  
Mas tem espinhos, que maldade...

Quem ao mundo dá suas cores?  
Flores dão cor à natureza;  
O amor dá cor à humanidade.

Este foi o poema declamado pela famosa atriz Dalva Estrela na abertura da noite de lançamento do livrinho do Zé Ninguém, o qual estava devidamente barbeado, e sem cortes na pele. É que, durante o dia, ele tomou a prudente iniciativa de buscar auxílio profissional, foi ao barbeiro para rapar a barba.

O senhor Loquastrônio Implica, barbeiro cabeleireiro, casado, tendo um filho formado em medicina, era, no mínimo, um sujeito espirituoso, para não dizer excêntrico e anacrônico: além do seu tempo. Não conversava com os clientes, monologava: desde os cumprimentos até o pagamento do trabalho, falava sem

interrupção com uma fluência e opulência de raciocínios de dar inveja a qualquer juiz togado do Supremo Tribunal! Tinha ojeriza especial por polícia, mas cortava o cabelo da delegada Dra. Edicléia Carabina; ignora-se o que falava nessas ocasiões. Magérrimo, de cabelos brancos, era o barbeiro mais antigo da cidade; barbeiro não, preferia ser considerado “esteticista capilar”, o termo *capilar* ele aprendera com o médico seu filho. Realmente Loquastrônio Implica era um artista: os piores cabelos só podiam ser consertados pelas suas habilidosas mãos, e tudo mui tranqüilamente enquanto desenvolvia entruncadas considerações antropológicas, biológicas, morais, e políticas; adorava política, ou melhor, adorava detestar a política. Falava apressado, nervoso, mas com empolgação pela vida; haveria de ser feliz, ânimo é fundamental. Bem, naquele dia, o Zé Ninguém tomou a ajustada decisão de aparar o cabelo e barbear-se. Mal ele pisava na barbearia, e Loquastrônio Implica desatou a falar, emendando aos cumprimentos, seus pareceres acerca dos últimos acontecimentos: “Meus sinceros parabéns, poeta. Quer dizer que hoje é o grande dia? É verdade que o livro vai ser lançado no Rio de Janeiro? É um tanto longe, mas graças ao nosso bravo Santos Dumont, o avião está aí para reduzir distâncias! Bom, então vamos navalhar sem mais delongas”. Negando chance de qualquer manifestação por parte do Zé Ninguém, foi logo espumando o seu rosto e passando a navalha. Entanto, prosseguia no discurso: “É uma verdadeira quadrilha! Esses ladrões de gado se alastram feito praga aqui pela região. O pior é que, mesmo que sejam apanhados, a lei é muito branda: dão uma surra nos desgraçados, e no dia seguinte estão na rua outra vez. Mas sou contra dar surra; violência só agrava; o tapa da mãe a gente esquece, mas quem apanha dos outros quer se vingar, aí dana tudo. Cadeia também é besteira, só serve pra onerar o Estado e, quando o detento sai, não construiu vida nova, e tem que voltar ao crime. O negócio é pôr o infrator pra trabalhar vestindo um colete com a identificação do crime que praticou, para tomar vergonha, mas recebendo um salário a fim de, cumprida a pena, reintegrar-se à sociedade dignamente. A verdade é que se a rapaziada recebesse a devida educação e instrução, o Brasil melhorava. Você vê, o meu filho cresceu pobre mas rachando a moringa de tanto estudar; olha como o esforço recompensa: hoje, é médico!, poderia ser criminoso...”. E seguiu emendando um assunto atrás do outro até receber o pagamento e despedir-se do Zé Ninguém, que, desde que entrou na barbearia, teve oportunidade de dizer apenas: “Obrigado, o cabelo e a barba ficaram uma obra de arte. Se o senhor se candidatar para vereador, eu voto no senhor”.

À noite, tudo correu a contento na “cidade maravilhosa” do Rio de Janeiro. O lançamento deu-se na livraria do Museu da República, sita no Palácio do Catete, saudosa sede do Governo Federal. Na elegância que imperava, destoante era apenas a figura patética de Sócrates Clarimundo, cujo sacrifício de comprar uma passagem de ônibus até a capital fluminense valeu pela amizade, mas só o Zé Ninguém reconhecia isto naquele homenzinho barrigudo e ridicularizado por uma gravata de criança, que apontava para frente e para baixo como um galho quebrado e ainda pendente.

Dalva Estrela foi o centro das atenções. Recitou à revelia poemas que ia sorteando ao folhear o livro. Encerrou a noite com um conselho à juventude:

## SONETO DO ESPELHO

Se tu pensas que podes te enganar  
dizendo-me que não sentes saudade  
de tudo que tinhas na mocidade,  
mas levaram os anos devagar,

aqui vou clarear tua memória  
mostrando quão tenra foi tua face  
antes daquele triste desenlace  
que deste a da tua vida a história:

tinhas saúde, porém não gozaste;  
tua mente pensou, mas pouco agiu  
sobre teu corpo que a si consumiu;

e resultando tudo neste traste,  
quando bem me olhas só vês um velho  
cujo impulso é quebrar o próprio espelho.

Isto foi a tão cobiçada glória. Aí, de súbito, acabou o sonho. Pouco mais de trinta minutos após entrar no Hospital da Glória, acordou e abriu os olhos para a realidade o Zé Ninguém.

-13-

Cleópatra Rockefeller repetia como que para si mesma sussurrando: “E... eu prometo, eu prometo!”, Dr. Cacareco dialogava com um médico a um canto do ambulatório, e mamãe Amélia contemplava o filho quando, para o maior espanto ou felicidade da vida dela, o Zé Ninguém abriu os olhos examinando logo o ambiente e, aparentando mais espanto ainda, exclamou: “Mãe?!”. Amélia, recordando-se da primeira vez que o filho pronunciou tal palavra, abraçou-o a chorar: “Meu neném!”. Até aí os acontecimentos transcorreram quase no atropelo, mas Dona Amélia... Impaciente com o interminável abraço, o Zé Ninguém fez desvencilhando-se: “Onde está o Sócrates?”. “Que Sócrates?”, todos em uníssono perguntaram. “Ora, o meu amigo”. “Maldita biblioteca que eu fui montar em casa, meu filho pensa que está na Grécia Antiga, enlouqueceu com as leituras”, lamentou-se o Dr. Cacareco em voz baixa. Louca era aquela situação; todo o vertiginoso sonho de glória do Zé Ninguém despencava na patética decadência do leito hospitalar. Em meia hora ele lograra viver dez anos idealizados qual a plena realização que estava em vias de conquistar, mas agora o Zé Ninguém caía na real de estar novamente com quinze anos, nada ter de glorioso nesta ilusória viagem ao passado, e, por desgraça pouca ser bobagem, de quebra ainda por cima ser tomado como um louco apenas. “Cacete..., prometi, agora está prometido”, concluiu Cleópatra Rockefeller.

A família, a sereníssima e boa família brasileira, voltou toda junta ao lar, doce lar. Esclarecidos os fatos, reconheceu-se o louco oficial da casa.

Agora, o Zé Ninguém empreenderia a tarefa de reviver em verdade o passado mentido, como se pudesse mesmo ter viajado no tempo; iria reconstruir sua vida e, quiçá, sua obra.

Mãos à obra, Zé Ninguém!

Chegando a casa, ele apressou-se por restaurar de memória o que houvera poetizado em sonho. Os primeiros versos da sua reabilitação ocorreram-lhe muito a propósito, e os anotou a toco de lápis, aturdido, suando todo, sôfrego:

A memória que guardamos na mente,  
Do tempo a passagem nos faz conscientes.

Mas o passado que a gente sente  
É a memória que o traz ao presente.

E esta intuição contraditória  
É a máquina do tempo da memória.

Como houvesse faltado às primeiras aulas do ano letivo, gastou o resto do dia a reescrever alguns de seus poemas que sabia decor, o resto perdeu-se para sempre naqueles poucos minutos de sonho. Vendo assim seu filho, Dr. Cacareco pensou: “É, ensandeceu mesmo”.

A grande mamãe Amélia ficou insistindo a tarde toda para que o Zé Ninguém comesse algo, mas ele seguiu escrevendo desesperadamente como se da poesia dependesse sua própria vida. Isto até que a mina se esgotou, e os versos cessaram de aflorar; então, nosso sóbrio poeta evocou a onírica inspiração; esperou, esperou...; nada lhe fluindo, atribuiu o fracasso à fadiga da jornada, enfim jantou, e dormiu.

A manhã subsequente foi melindrosa. Mãe, pai, e irmã temiam que o Zé Ninguém se furtasse ao despertar. Raimunda (a empregada feia de cara, mas boa... bondosa) foi designada para acordar o Zé Ninguém, poderia ser que ela desse sorte. Superstição à parte, o dia correu normal: o rapaz levantou-se ao som melífluo proferido pela boca desdentada da Raimunda, e rumou para a escola indignado, ora pois, já estava farto daquele palavrório de colégio, já tinha curso superior! O sonho ainda era a sua verdadeira realidade, coitado.

Depois de assistidas as “aulinhas triviais”, o astrônomo de “nível superior”, chegado em casa, dirigiu-se reto para a escrivaninha de estudos a tentar algumas rimas. Nada, absolutamente nada achou; nem uma quintilha, nem uma trova. Apelou para o verso livre. Atitude ignóbil! Rechaçou ao lixo aqueles rabiscos sem o devido “engenho e arte”. Onde estava o antigo dom? Nunca o tivera, era sonho só, e no sonho pode-se tudo; não era sua a inspiração, porém angelical. Admitiu a crua sentença da mediocridade. Arriscou a prosa, e, num raciocínio burocrático, dissertou num seu caderninho escolar:

“Os tipos humanos e suas profissões são inumeráveis. Mas pode-se destacar três grandes grupos: Cidadão Comum; Cientista; Artista.

Todos têm suas funções, que, apesar de distintas, acabam tendo no conjunto igual importância, e são imprescindíveis para o progresso da Humanidade.

Ao Cidadão Comum cabe a necessária função de adquirir conhecimento suficiente para trabalhar, gerar filhos e educá-los. Trabalhar para a vitalidade econômica da sociedade, para seu sustento, para a criação dos filhos, e sustento dos outros dois grandes grupos: Cientistas e Artistas. Gerar filhos a fim, obviamente, da continuidade da espécie, criando novos Cidadãos Comuns, Cientistas, e Artistas. É bom que o Cidadão Comum viva muito, contribua até quando puder, e depois desfrute da velhice junto de seus descendentes, mantendo o elo entre as gerações, transmitindo a tradição e o aconchego benfazejo da família.

O Cientista também deve viver muito, porque só assim ele poderá acumular o máximo de conhecimento e ter ensejo para descobrir cada vez mais as leis com que Deus rege o Universo.

Já o Artista, não os que executam como atores e músicos apenas intérpretes: estes são do grupo Cidadão Comum. Porém, o Artista criador: escultores, poetas, pintores, compositores, arquitetos, etc. O Artista pode morrer cedo; exemplo nos dá a precocidade de Wolfgang Amadeus Mozart, e a brevíssima vida de Noel Rosa (o poeta de Vila Isabel). Este grupo de pessoas vêm ao mundo como que cumprindo um sacerdócio profético: basta deixar sua mensagem, e partir, mergulhar na eternidade. O

grupo em questão difere dos Cidadãos Comuns e Cientistas, porque um Artista não se faz: já nasce pronto.

Enfim, todos têm seu lugar na sociedade; mesmo os marginais e vagabundos ajudam, à sua maneira, a compor o que há de pitoresco neste planeta. De modo que Voltaire se equivocou com seu Cândido, e o Mestre Pangloss tinha razão, pois vivemos em verdade no “melhor dos mundos possíveis”. E ainda, conforme disse Luís Fernando Veríssimo por meio do seu personagem Analista de Bagé, este planeta tem tudo que o vivente precisa: oxigênio de sobra, mulher ancuda, erva mate para o chimarrão, mogango com leite gordo...”

Triste, deveras melancólico. O jovem poeta outrora sendo ouvido na Academia Brasileira de Letras, assume a decadência neste vil atestado de carência intelectual. Num último sopro de vida antes do soçobro absoluto, imaginou uma rima, mas não; a tivera formulado no tempo do sonho. Foi o derradeiro poema de que se lembraria; ei-lo:

### Rendição

Flameja uma bandeira  
No campo de batalha.

Não quer mesmo que queira  
Da pátria a mortalha.

Junto à bandeira arqueja  
Um soldado que manca.

No horizonte flameja  
Uma bandeira branca...

A vontade da Divina Providência nunca foi e não deve ser um mercado turco. É muito comum, porém, o costume de querer-se mandar em Deus, como se manda em um serviçal sempre às ordens. E o pior é que por ingenuidade ou astúcia mundana, as pessoas, ao inconscientemente praticarem este despautério, mantêm a máscara da submissa beatitude por meio da reza, da promessa, e até da penitência!

Talvez Cleópatra Rockefeller tenha aprendido a desvantagem de tentar mandar no Criador.

Reportemo-nos aos aflitos momentos da estada do Zé Ninguém no Hospital da Glória. A pecuniária irmã, sempre raciocinando em termos de trocas e custo por benefício, ainda que com a melhor das intenções, ambicionava manipular o rumo dos acontecimentos em troca da promessa que fazia em pensamento: “Grande, Magnânimo, Onipotente, Vitaminado, Senhor Deus! Se este pobre diabo do meu irmão voltar a si, eu prometo que me caso com o Abidenago, o gago. E... eu prometo, eu prometo!”. Sabe-se que neste instante, por graça e castigo, o Zé Ninguém acordou. “Cacete..., prometi, agora está prometido”. Afinal, ela queria ou não a melhora do irmão? Bem que se recomenda nunca tentar Deus...

Abidenago Eustáquio de Falópio era um raquítico rapazola que, além de irremediavelmente gago, era também estrábico e manco. Para dupla infelicidade, Abidenago enamorara-se desde tenra idade por Cleópatra Rockefeller, que obviamente o desprezava qual o faria toda moça que não fosse cega e surda. Infelicidade da parte dele carente de correspondência, e infelicidade dela pelo incômodo de ser admirada por tamanho aborto da natureza. Ela, elegante e orgulhosa, ridicularizava-o perante a rapaziada: “Abidenago não é gente. Jogaram fora o feto, e criaram a placenta”.

O mundo inteiro não compreenderia. Mas a verdade é que, furtando-se a dar qualquer satisfação a quem quer que fosse, Cleópatra Rockefeller casou-se com Abidenago Eustáquio de Falópio antes de completados dois anos da reabilitação do Zé Ninguém. Algum fundamento teria se Abidenago fosse rico, todos conheciam o amor de Cleópatra Rockefeller pelo dinheiro; mas, além de feio, ele era paupérrimo. Foram morar numa casinha geminada de subúrbio. O espanto foi geral. Além do Zé, só a mamãe Amélia tomou ciência da promessa, e passou a crer que a filha era uma santa! Casar com o Abidenago? Só mesmo por santidade.

No sonho do Zé Ninguém, sua irmã cursara a faculdade de Economia. Agora casada, ela abdicou do nível superior para seguir o exemplo da mãe Amélia, a mulher de verdade. Em breve, nasceu-lhe uma filha, abrindo caminho a uma farta prole que desfez a elegância da silueta de Cleópatra Rockefeller. Vê-se que Abidenago gostava mesmo de mulher, ou melhor, da sua mulher. A propósito, esta, tornou-se uma esposa exemplar; aprendeu a ver as pertinentes qualidades de caráter do marido, aprendeu a amá-lo; fez-se uma eficiente dona de casa, e uma mãe amável. Uma outra Amélia!

quem diria?... Provavelmente tenha sido ela assim extremamente mais feliz que a economista sonhada, com ou sem a sanção das delicadíssimas e sensíveis feministas.

E o Zé Ninguém começou a observar que a realidade divergia quase em tudo do sonho.

No campo de futebol da várzea, por exemplo, apareceu sim um vendedor ambulante, mas vendia drogas em vez de comida. Não era sujo e molambento como Sócrates Clarimundo. Era um malandro cheio de ginga, mas nulo de filosofia.

Quanto a si próprio, onde foi parar o dom da rima? Nunca mais fez versos além dos sonhados. O tempo passava. Nada se criava: “Nada se cria, nada se aniquila, tudo se transforma”. A transformação foi ingrata. A glória da obra, ou a obra da glória jamais chegaria? Futuramente talvez...

O curso de Astronomia, no Brasil, só daria certo no sonho. Foi outro desvio de percurso. Para o bem de todos e felicidade geral da nação, o Zé Ninguém engajou-se à causa da “ordem e progresso”, e foi estudar Engenharia Metalúrgica.

-15-

Dizem que a preferência sexual da fêmea é qualitativa, enquanto que a do macho é quantitativa. Com efeito, a mulher normalmente produz um único óvulo por mês, que aguarda ser fecundado por um dos milhões de espermatozóides produzidos diariamente pelo homem. É costume feminino, também, escolher meticulosamente seu macho, ao passo que este vangloria-se da quantidade de fêmeas que já cobriu. Ou seja, a mulher faz cerimônia à hora da refeição, ao contrário do homem sem polidez que se empanturra de qualquer coisa até a indigestão.

Isto posto, espera-se que o Zé Ninguém, sendo homem, tenha feito jus à confraria masculina dos glutões sexuais. Mas pelo acaso este “cidadão comum”, para usar as palavras dele mesmo, apesar de jamais ter sido um efeminado, tinha muito do sentir feminino no que se refere a constituir família. Aos vinte e cinco anos de idade, sem nunca ter namorado, nem sequer alguma vez ter procurado as mulheres públicas, ele conseguiu seu primeiro emprego, primeiro e último, qual convém ao cidadão exemplar e cumpridor do dever. Sua glória agora era o trabalho, e seu orgulho supremo era ter sido contratado por concurso público (o que sempre aproveitava o ensejo para declarar). O momento era propício, e a vontade afim: o Zé Ninguém, desiludido da paixão fulminante da Lindaura sonhada, e conformado com o amor platônico da igualmente onírica Claudinéia, aceitou o amor, mediocre como ele, da sua insípida primeira mulher, primeira e última, qual também convém ao cidadão exemplar e cumpridor do dever.

Já casado, apinhado de filhos, “fatigado de mais-valia”, tentava sempre olvidar em definitivo o antigo sonho, o sonho do Hospital da Glória, o sonho da própria glória. Que glória patológica, grudou-lhe feito câncer! Quando tudo ia bem, sua glória era o quotidiano trabalho e a prosperidade do país; todavia nem sempre tudo corre nos conformes, e então o Zé Ninguém sofria a melancolia do que um dia foi seu belo sonho, mas sonho apenas. Saudade é, de fato, melhor que alegria: “é a alegria que ficou”. Mas a melancolia é a angústia inefável, o grito no vácuo surdo da “vida que poderia ter sido, e não foi”. Triste poeta Manuel Bandeira, mais triste o Zé Ninguém, que é ninguém até no nome...

Farto de tolerar suas oscilações de ânimo, o Zé Ninguém vasculhou as gavetas até achar os manuscritos a toco de lápis dos seus versos restaurados naquele dia crucial dos quinze anos de idade. Arrumou-os em ordem cronológica, se é que pode haver ordem no caos, e admirou-se de si mesmo sem a falsa modéstia imposta pelo convívio social: “Caramba!, tão inspirados, fluentes. Que arte!, a verdadeira arte!, tão bem feita, e fui eu quem a fez! Foi? Não. Foi o delírio. Que deus é ele?, que diabo é?”.

Meditou, meditou.

Caiu a noite, acompanhou-a a madrugada... Queria o dia clarear quando acometeu-lhe um estalo de lucidez que arrojou-o a escrever. Assemelhou-se ao rapaz

de quinze anos que restaurava os poemas; escrevia à moda de então, sôfrego de ansiedade.

O empreendimento foi simplório: contar a sua biografia da maneira que podia, ou seja, no estilo dos relatórios burocráticos do trabalho. Com propriedade acreditou no dístico de que qualquer vida, por comum que seja, sempre terá seu anônimo e belo enredo. E assim foi escrita a narrativa intitulada *Espelhos Paralelos*.

A narrativa conta a estória dum personagem que, em sonho, vive dez anos, mas acorda com a mesma idade de antes para reviver o passado futuro. Enfim, o personagem redige a estória dum personagem que redige a estória dum personagem que redige a estória dum personagem que redige...∞

Zé Ninguém

## 2ª PARTE

## MARIA FUMAÇA

Dez vezes por dia  
A delegacia  
Mandava um soldado  
Prender a Maria.  
Mas, quando se via  
Na frente do praça,  
Maria sumia  
Tal qual a fumaça.

Noël Rosa (samba *Maria Fumaça*, 1936)

—Zé Ninguém, querendo ser escritor, agora empreende passar do relato autobiográfico para a ficção pura no exercício narrativo, e ainda se impõe uma dificuldade maior: faz de conta que é uma autora mulher, e já de idade avançada. Ouvindo Noel Rosa para esquecer do sonho podado, o samba “Maria Fumaça” fez com que tivesse idéias engraçadas. Então, escreveu:

-1-

Os primórdios de Maria Fumaça;  
sua formação religiosa, moral  
e acadêmica.

Eu devo inicialmente advertir que o testemunho que vou dar não serve de exemplo para ninguém, sobre tudo para as moças de família casadoiras e bem comportadas que estão no bom caminho da vida, pois assim é que deve ser: meninas!, este livro não é para vocês. Todavia, se quiserem ler, bem, o aviso está dado...

Foi entre os anos de 1922 e 1944 a história meio maluca, saudosa... e besta que venho aqui dar fé.

Parece estranho que uma mulher feliz no casamento como eu, já viúva com netos e bisnetos, tenha para contar um relato tão contrastante com a minha atual situação social. Mas a verdade é que eu fui amiga da lendária e extravagante Maria Fumaça, a primeira e única soberana da ralé carioca desde que apareceu no mapa a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Apesar de confidente e amiga de infância da desgraçada, eu nunca soube o seu verdadeiro sobrenome; creio que nem ela sabia; mas, também, o que isso importava?, na abundante miséria em que crescemos, sobrenome é que não enchia a barriga de ninguém mesmo. Tudo bem, ficou sendo a Maria Fumaça; não por hereditariedade, mas por aclamação popular! Um dia, ainda menina novinha, foi à Macumba; achou elegante a mania de preto-velho pitar no cachimbo, e na manhã seguinte já estava fumando no meio da molecada, que legitimou e outorgou-lhe o apelido. Nisto limitou-se a religiosidade de minha amiga: ter o nome da mãe de Cristo, e fumar cachimbo, religiosamente.

Maria Fumaça, qual diz o poeta, nasceu no Estácio, foi educada na roda de bamba, e foi diplomada na escola de samba; ou melhor, era analfabeta de pai e mãe, porém mui versada e erudita nas artes da gíria, da batucada, e do palavrão. É certo que ela nunca se casaria nem teria homem algum, mas gostava dos meninos, inclusive gostava de se parecer com eles. Eu, dois anos mais nova, ia atrás das suas molecagens e às vezes me dava mal. No futebol, por exemplo. Não que a gente jogasse, mas lá vinha ela me chamando: “Antônia!, tá tendo jogo! Vem comigo ver a rapaziada, e olha que eu tô levando um xerez de primeira classe.” E balançava o garrafão de vinho barato ao pé da minha janela. Eu não resistia. No campo, entre um lance e outro, Maria Fumaça conseguia acompanhar a bola com os olhos enquanto entretinha seu refinadíssimo paladar alternando bicadas no cachimbo de macumba e longos tragos no garrafão; olhava para mim com ar superior, e se deleitava: “Ah... esta merda de goró tá bão pra caralho!” E eu, achando o “caralho” na boca da companheira a palavra de maior sonoridade e mais elevada erudição de nosso idioma, concordava bebendo também; depois, vomitava tudo em apenas quatro ou cinco goles. A danada

da Maria, contudo, nem se abalava; bebia o garrafão todo praticamente sozinha, e ainda voltava para casa me gozando: “Ânimo, ânimo! Sai, capeta! Ressuscita, defunta! Futebol é pra homem!” Até hoje não entendo por que ela gostava de dizer que futebol era para homem... nós nem jogávamos, nem muito menos éramos homens... vai ver que gostou do jeito de alguém dizer a frase, só pode ser. Maria Fumaça reverenciava a irreverência e o modo rude dos machões das cercanias; não é por falar mal, mas sempre foi meio maluca e besta desde a infância, foi a melhor amiga que eu poderia ter.

Com episódios semelhantes ao citado, fomos crescendo. Bom era roubar galinha, costume que Maria Fumaça manteria para o resto da vida a fim de subsistir. Eu, que modéstia à parte era bonitinha, ia ao açougue fazendo beicinho e pedia um osso, dizendo que era para minha mãe fazer sopa, porque não tinha dinheiro para comprar carne. O açougueiro, um piedoso otário, dava o osso; aí era só jogá-lo num quintal que tivesse galinheiro, e enquanto o cão (galinhas implicavam em cão-de-guarda), enquanto o cachorro se distraía com o osso, Maria Fumaça catava uma galinha e “se pirava”! O jantar estava garantido. A mãe dela não questionava a procedência da galinha: era comida?, valia.

Uma noite, depois de jantar a galinha, minha colega teve uma maquinação de ousada pirraça. Juntou meticulosamente todos os ossinhos da ave, e os embrulhou em papel para, no dia seguinte, fazermos a entrega da “encomenda”. Logo com os primeiros clarões da matina voltamos à casa do furto, e chamamos por alguém; veio nos atender uma velha de fisionomia plácida e risonha: “Que foi tão cedo?, meus anjinhos.” E a Maria: “Encontramos uma galinha que pertence à senhora. Desculpe se não soubemos cuidar muito bem dela. Sabe?, emagreceu um pouco.” A velha foi abrindo o pacote, enquanto nós fizemos carreira rumo à esquina; lá chegando, ouvimos a bondosa anciã mostrar todo o seu entusiasmo: “Pega! É a Maria Fumaça, filha da puta!” Para nosso desespero, avistamos um soldado de polícia que vivia encrocando conosco, mas, por alívio, conseguimos bongar um bonde que passava somente mesmo pelas mãos da Divina Providência; nele encontramos o simpático sambista Ismael. “Pra onde vamos, compadre?”, perguntou-lhe Maria. “Moçoilas do meu coração, então vocês me sobem aqui sem saber aonde vão? Cuidado, olho no condutor! Estou sem tostão furado, nem pra mim posso pagar, vamos dar o calote. Na encolha, meninas, na encolha...”

Ismael ia para o Ponto de 100 Réis, no boulevard de Vila Izabel; fomos também. A caminho, driblando o cobrador, eu confidenciei a Maria que meu sonho era casar-me com um sujeito legal como o Ismael; ela chacoalhou a cabeça decepcionada, e, tirando o cachimbo da boca, apunhalou: “Amor sem tostão não vira. Esse cara nem tem pra limpar o fiofó.” Ela estava correta, eu é que jamais iria refutar sua suprema sabedoria, mas: “Quem inventou o bonde elétrico deve ser bacana.” “Vai tomá banho!, isto aqui parece uma carroça. Bacana é quem inventou o avião, que passa por cima de todo o mundo...” A maluca estava com idéia fixa por aeroplanos; disse que só se casaria se fosse com o Santos Dumont.

“Cacete, olha, o veado do condutor tá vindo!” Resolvemos descer num botequim, Ismael desceu junto, era o Ponto de 100 Réis. O jovem Noël Rosa estava lá, degustando uma cerveja *Cascatinha*, e, vendo chegar o amigo com a dupla de cabrochas do Estácio de Sá, empolgou-se: “Como é, pessoal? Vamos fazer uma batucada?”. “Vamos, mas cadê pandeiro?”, eu perguntei. “Pandeiro nada, lata véia tá aí de sobra.”, disse Maria Fumaça apontando com o cachimbo para um lixo amontoado na rua. Ismael concordou: “Isso mesmo!, vamos fazer uma batucada de lata velha.” E alguém entoou: “Já que não temos pandeiro”... era o nascimento de um samba. Noël improvisou uma quadra sem tirar seus olhos da Maria:

“Ando bem desinfetado  
Só porque, minha menina,  
O meu tamborim foi feito  
De lata de creolina.”

Ao fim da batucada, Maria Fumaça elogiou estes versos, por assim dizer, a ela dedicados; porém, advertiu que bamba de verdade era o Alberto Santos Dumont, inventor do avião. Noël retrucou que seu pai também era inventor, “fez uma bicicleta que anda na água”. Maria foi curta e grossa: “Quero ver é fazer uma bicicleta que ande no céu.”. “Você é uma personagem de samba!”, sentenciou sorrindo o Poeta da Vila.

Já não éramos mais crianças.

-2-

Maria Fumaça vai à luta;  
o jogo-do-bicho, o conflito,  
o veneno.

Maria Fumaça começou a ganhar a vida honestamente, na contravenção. Cuidava de um ponto do jogo-do-bicho numa vizinhança próxima ao Estácio. Isto até o dono do ponto descobrir que ela era do sexo feminino, pois esse detalhe em sua anatomia extra-terrestre não era uma coisa muito óbvia. Ficava sentada ao rés do morro do Valongo com o cachimbo apagado sempre na boca, de boné, calça de homem e um paletó enebado, exatamente onde ainda hoje fica o ponto do bicho do bairro da Saúde, exatamente alí: quem disse que só inglês gosta de tradição?

Este primeiro e último emprego decente da minha amiga durou pouco, duas ou três semanas talvez; eu já trabalhava numa fábrica de tecido, mal lembro como foi; só sei que não tem nada de mais uma mulher recolher as apostas dum jogo tão inocente, mas o bicheiro achava que pegava mal junto à concorrência, os outros bicheiros poderiam zombar dele, achar que estava afrouxando: “Não, não pode ser, nunca... jamais! Quem foi que disse que a fuleira da Maria Fumaça trabalha pra mim?”, teria dito. “Mas, chefe, ela ganhou a simpatia dos apostadores. Parece homem, mas é mulher, agrada a gregos e troianos.”

É, o chefe nem era grego nem troiano, Maria Fumaça nem era homem nem mulher, anulava-se na sociedade, teria que voltar à sua criminosa vida pregressa: o furto de galinhas. Enlouqueceu, achava ridículo o modo de ser das mulheres, eram todas “putas vaidosas” que se vestiam como um embrulho de presente e se pintavam feito palhaço; por outro lado, ela nascera fêmea e nunca seria um homem ou mais que um corpo estranho na sociedade. “Antônia, o que sou eu?!”, perguntava-me; e eu, sem encontrar resposta melhor, dizia-lhe: “Você é a Maria Fumaça.”

Creio que foi por essa época que sua mãe morreu cuspiendo os bofes, a tuberculose matava a doidado. Minha pobre amiga ficou sozinha no mundo; se é que aquela figura mitológica tinha pai, nós nunca o vimos. Sem conseguir emprego em lugar algum, pediu-me dinheiro emprestado; depois fiquei sabendo que comprou potassa e bebeu. Bebeu um gole insignificante de uma solução muito diluída, e fez um escândalo; arrombou a porta da casa, rolou pela escada que dava acesso à rua, e saiu aos berros se contorcendo com os olhos esbugalhados. No meio do percurso, aproveitou para se vingar de alguns de seus numerosos desafetos quebrando vidraças, chutando cachorros, distribuindo cascudos na molecada, e finalmente passando uma rasteira no guarda-civil Godofredo Gomeleira, seu inimigo número um e, na verdade, um fariseu por demais sacana, embora seu vigário o tivesse em alta conta chamando-o de “Santo Homem”.

Encontrada moribunda, minha amiga foi internada no Hospital São Francisco Xavier. A desgraçada era uma praga até para morrer.

O bairro inteiro ficou sabendo. Muita gente quis ir visitá-la no hospital, menos por compaixão do que pela ansiosa e frustrada expectativa de ver o tão conveniente fim de Maria Fumaça.

-3-

Do hospital para o Mangue;  
uma toada romântica,  
Marcos Cavaquinho, o cabaré,  
uma paródia.

Creio que depois de velha, com muitos anos de janela, eu possa conceder-me o direito de dizer algo sobre a vida. Se não me engano, existem dois tipos de boêmios: os que saem na noite singelamente para brincarem igual crianças, e os que saem, sabendo ou não, movidos por um instinto às vezes camuflado, que essencialmente é a busca de sexo. O álcool é quase uma fatalidade: se uns o bebem por prazer do vício, outros bebem pela busca de prazer frustrada. A esses boêmios é que se deve a ascensão e decadência do esplendoroso Largo da Lapa até finais da década de 1930. Amiúde freqüentavam a Lapa artistas populares do calibre de um Orlando Silva, que iam gastar e ganhar dinheiro em recintos como o Cabaré Apolo. Neste cenário, uma figura obrigatória foi o músico Marcos Cavaquinho, outro miserável sobrevivente do Estácio que agora ingressa no meu relato.

Maria Fumaça tardava em receber alta no hospital... três, quatro, cinco dias, e nada. Impacientei-me. No sexto dia, saindo eu da fábrica de tecidos onde trabalhava, sou surpreendida pelo Marcos Cavaquinho a me esperar junto ao portão com seu inseparável cavaquinho embaixo do braço, encolhido com toda a timidez de seus raquíticos dezoito anos de rapaz judiado: “Antônia, eu fiz uma canção para você. Pode ouvir?”, ao que respondi: “Tá bom, mas agora estou indo pro hospital. Venha comigo, você vai me ajudar, é hoje que eu tiro Maria Fumaça daquela porcaria!”. Eu tinha surrupiado um jaleco de pano branco da fábrica, o qual cairia bem demais na pessoa do Marcos para fantasiá-lo de médico, pois os peculiares sapatos e calça branca de sambista ele já estava usando. Meu plano, em primeira instância, era eu mesma me vestir de enfermeira a fim de conduzir minha amiga para fora do hospital, contudo, já que um homem me acompanhava, vestido de médico ele importava mais autoridade para o plano dar certo. Lembrando depois de tantos anos, atino que o plano tinha tudo para falhar com um rapazola ridículo vestido de médico. Mesmo assim, deu certo. Eu fiquei na portaria segurando o cavaquinho, enquanto a nossa caricatura de médico se embrenhava pelos corredores do hospital à cata da Maria. Em dez minutos aparece um guarda e um enfermeiro arrastando para fora o tonto do Marcos que, em vez de se explicar, gaguejava. Percebendo que o iam levar para o distrito policial, eu me pronunciei em seu auxílio: “Pega leve, pessoal! Nós só viemos buscar uma amiga, porque vocês parecem ter esquecido ela perdida aí dentro.”. O enfermeiro perguntou de quem se tratava; eu disse que era a mulher da tentativa de suicídio lá no Estácio. Nisso, o enfermeiro se exaltou de certa forma aliviado: “Ah!, a Maria Fumaça, aquilo não é mulher... é mais macho que eu! Ateou fogo na cama

gritando que estava perdida no mundo, e precisou de cinco homens para impedi-la de incendiar o prédio inteiro. Pensamos que era caso de manicômio, já íamos chamar o pessoal da Praia Vermelha, mas, se vocês se responsabilizam, podem levar por favor.”

Na rua, já livre das ataduras que a prendiam, Maria Fumaça em altos brados desembestou a metralhar contra o hospital sua coleção de palavrões, o que chegaria a levar o resto do século XX se não fosse a intervenção de Marcos Cavaquinho convidando-nos para ir ao Cabaré Apolo, onde ele deveria se apresentar em alguns números musicais naquele dia: “Você vai ouvir a sua canção em primeira audição!”, disse-me. De onde estávamos até a Lapa era um bocado de chão; na celeste abóbada, a Lua havia usurpado o trono do Sol; assim, tomamos um bonde rumo ao nosso destino; desta vez, sem calote, o Marcos pagou.

O cabaré estava lotado, Benedito Lacerda se apresentava, casais dançavam no salão, nós estávamos chegando atrasados mas o povo alegre nem reparou. Em breve, silenciada a flauta do outro, Marcos Cavaquinho subiu no tablado e me dedicou uma toada assim:

Antônia, linda menina  
Da brasileira nação,  
Reluz de tanta alegria  
Que tem no seu coração.

Ai ai, ai ai...  
É doce a minha paixão!

Eu tive a felicidade  
De vir no Estácio morar,  
Pois nessa grande cidade  
De Antônia é o lugar.

Que o sentir que aflorou  
Em minha alma persista,  
Pois sei que se confirmou  
Em nossa primeira vista.

Decreto agora uma lei  
Que vale só para mim:  
Eu esquecer nunca hei  
Sua ternura sem fim.

Ai ai, ai ai...  
É doce a minha paixão!

Foram os únicos versos que alguém me dedicou. Coitadinha de mim? De modo algum. Cada qual dá o que pode: Marcos deu-me versos pueris, meu marido deu-me austeridade; aos dois dou minha saudade.

Escutando a toada, Maria Fumaça deu muitas risadas só mesmo compreensíveis para quem compreendia a perversão ímpar de sua mente. Ao final das apresentações todas, ela propôs: “Agora vamos cair no Mangue, é minha vez de cantar!”. “Como assim?”, admirou-se o Marcos, “Na zona de prostituição, as únicas mulheres que entram são as putas.”. “Toda mulher é um pouco puta.”, concluiu Maria Fumaça, e eu emendei: “Toda mulher é, menos eu e você, ora essa...”. Todavia, fomos: “Eu quero ver o Marcos comer alguém.”, intimou Maria Fumaça.

Na minha companhia, Marcos não teve coragem de catar uma prostituta; porém, numa das casinhas do Mangue, acompanhou ao cavaquinho a paródia da sua própria toada cantada por Maria Fumaça, uma coisa meio besta e pervertida bem ao talhe dela. Tento, e o pior é que consigo reconstituir de memória a maldita paródia pertinente à minha própria pessoa:

Antônia era do norte  
Do interior do sertão;  
Vivia sempre alegre  
No meio da amplidão.

Ai ai... ai ai,  
Aquilo que era bão!

Um dia esta menina  
Desatou a lamentar  
Queria ver a cidade,  
E foi pro Rio morar.

Faz hoje um mês que a Antônia  
Conheceu o João Leitão  
No morro lá do Alambique,  
E viu o que era bão.

Antônia toda acanhada  
Entrou no seu barracão;  
No meio da madrugada...  
Antônia deu pro Leitão!

Ai ai... ai ai,  
Aquilo que era bão!

Foi assim a feliz saída de Maria Fumaça do hospital, sobrevivendo ao suicídio por ingestão de potassa, quase indo parar no hospício da Praia Vermelha, e varando a madrugada na zona do baixo meretrício.

Glamourosa Maria Fumaça!

-4-

A parceria com o músico;  
roubo de samba e briga com  
um malandro,  
silencia-se o cavaquinho.

A fim de conduzir Maria Fumaça a uma vida normal, eu tentei arrumar-lhe um emprego na fábrica de tecidos. Seria bom, trabalharíamos juntas. Apresentei-a ao gerente que, apesar de ter feito reparo na má aparência dela, aceitou contratá-la. Numa atitude impetuosa e besta, bem ao seu conforme, Maria Fumaça comemorou mamando uma garrafa de cachaça e batucando a noite inteira pelos botequins da Avenida Central. De manhã, bati em sua porta a caminho do trabalho; não obtendo resposta, acreditei que ela já havia rumado para a fábrica; lá chegando, verifiquei o contrário: a desgraçada dera-se o luxo de faltar ao primeiro dia, entorpecida de pinga na idéia. Não careceu comparecer no dia seguinte, o gerente foi inflexível: “A nobreza não precisa trabalhar, e a fábrica, portanto, não precisa da nobreza. Diga à sua colega que ela é nobre demais para se rebaixar ao trabalho.”

Todavia, sem trabalho não se ganha dinheiro honestamente, e sem dinheiro ninguém vive nem vivia naquele Rio de Janeiro. Pois Maria Fumaça descobriu um jeito de sustentar-se sem realmente trabalhar, ao menos sem um serviço regular. Fome não passava, continuou roubando galinhas. Dinheiro para as despesas e para gastar na boemia veio da própria boemia. Se antes bebera para comemorar a contratação, bebeu também depois para amargar a demissão. E já totalmente embriagada à custa do meu dinheirinho, estando a gente num cabaré da Lapa, subiu no palco o Marcos Cavaquinho a tocar e cantar. Maria Fumaça se animou ao som estridente do cavaco lembrando, talvez, da noitada no Mangue; levantou-se e começou a fazer uma mímica caricatural da música. O público gostou, a cena se repetiu com as canções seguintes, ao final das quais minha amiga, que jamais vacilava por qualquer vintém, estendeu o boné para receber espontâneas e generosas gorjetas. Esta parceria com Marcos Cavaquinho passou a ser o ganha-pão de Maria Fumaça. Isto até chegar a vez da navalha.

Confusão e conflito, no sentido violento destas palavras, eram uma constante em Maria Fumaça; gratuitamente poderia desafiar e provocar qualquer infeliz com uma baforada de fumaça na cara pelo simples motivo de não simpatizar com a dita cara. Coisa que não se deve fazer. Por conta disso ganhou uma cicatriz no queixo e perdeu um amigo, ou melhor: perdemos um amigo. Naquele tempo, alguns malandros estavam começando a armarem-se com revolver, mas em primeira instância dispunham da navalha. De modo que, tirando satisfações numa discussão, Maria Fumaça quase teve o queixo arrancado a navalhada, e o pobre-diabo do Marcos Cavaquinho recebeu um golpe mortal no pescoço. Tudo por causa do roubo de um

samba. Um malandro pediu que o Marcos cantasse um samba inédito de sua autoria; tendo aprovado, fez com que o compositor o repetisse várias vezes enquanto outro malandro, atrás do Marcos, anotava a letra e memorizava a melodia. Era um truque comum, mas nosso amigo tinha vocação para trouxa, e caiu feito um pato. Percebendo o esquema, Maria Fumaça deu a famosa baforada na cara do ladrão de samba, dizendo: “De nós quatro aqui, tem três otários: meu amigo, teu amigo e tu. Dá o fora, ou o pau vai quebrar!”

O pau quebrou. Maria conseguiu se safar a tempo, mas o Marcos dançou... Para sempre o cavaquinho silenciou.

-5-

Lembrança de um funeral;  
seu vigário pecador, defunto molhado;  
enfim, cadeia.

Morto o nosso querido amigo, nada mais restou a ser feito: o que se pode fazer por um cadáver?, a carcaça do ser-em-si, um envólucro orgânico que retorna à condição de matéria bruta. É estranha essa lenga-lenga de compaixão pelos finados e medo da morte; se antes de nascermos houve uma eternidade na qual não éramos da mesma forma que não seremos depois de mortos, o medo de morrer só se explica pela ânsia de concretizar projetos, mas ocorre que sempre queremos mais; por quê?; nesse ponto o instinto supera pujantemente a razão.

Bem, ainda que ao defunto fosse tudo indiferente, a comunidade do Estácio solidarizou-se em proporcionar-lhe um enterro decente. Maria Fumaça é que, plena de boa intenção, pôs tudo a perder. Veio a calhar precisamente o dístico de que o Inferno está cheio de boas intenções.

Apesar de ser a urbe bandeirante a que leva o título de Cidade da Garoa, no dia do funeral de Marcos Cavaquinho era a carioca urbanidade que se deixava banhar por fina e perniciososa garoa. A Natureza chorava sua morte, como quereriam dizer os românticos. Ismael e mais três homens carregavam o caixão, seguidos por pequeno mas seleto cortejo (a fina flor da ralé carioca e duas velhas e desdentadas carpideiras, as quais se revezavam mui profissionalmente na arte de chorar pelo falecido). Logo no começo do trajeto rumo ao cemitério, Maria Fumaça teve sua idéia alcandorada. Estávamos nós passando em frente da igreja Nossa Senhora da Piedade quando ela, de queixo inchado, anunciou: “Turma, olha a igreja aí! Seu vigário tem que abençoar nosso defunto.”. A infeliz foi dizer isto para quê?... Fomos barrados na porta. O pároco não queria abençoar “sambista encrenqueiro morto em briga de pecadores”. “Pecador é Vossa Santidade o cu da mãe! e lá vai a primeira pedra!”, gritou Maria Fumaça, derrubando seu vigário com uma pedrada certa na testa. A infeliz foi fazer isto para quê?... O impertinente guarda-civil Godofredo Gomeleira, que acompanhava-nos de longe louco por uma arruaça, precipitou a distribuir cacetadas a torto e direito debandando o cortejo; o caixão se espatifou no chão, e Maria foi levada presa ao distrito policial. É claro que o Marcos nem se incomodou; ficou ao léu, de boca escancarada e com os braços e pernas ligeiramente afastados tomando garoa na rua deserta.

Que baixo! Que decepção eu senti... se bem que não deveria; nada eu tinha de estranhar neste proceder de Maria Fumaça, considerando minha longa convivência com ela.

Depois, voltei com Ismael, e providenciamos um improvisado de enterro rápido para o Marcos Cavaquinho.

Lembro, a pesar de tudo é bom lembrar..., parece que foi ontem aquela garoazinha chata a encharcar meu vestido preto.

Maria Fumaça passou um mês no distrito lavando assoalho para o seu querido guarda Gomeleira, o “Santo Homem”.

Bem feito!

-6-

De volta à ativa;  
erro ao interpretar preto-velho,  
surge um mito do jogo  
na Lapa.

Maria Fumaça pouco se importava com a maneira de ganhar a vida; na verdade, não constava entre suas preocupações o justo ganho da vida; creio que nem com a vida ela se preocupava. “Maria Fumaça só achava graça na própria desgraça”, diria Noël Rosa.

Minha querida e maldita colega saiu do distrito policial ainda mais raquítica do que quando entrou, se possível era isso. Tão jovem, já tão feia: cabelo curto mal cortado sempre em desalinho, dentes todos cariados a ensejar terrível mal hálito, magra seca de pele e osso; um trapo de gente, mas valente; valente ao ponto da ignorância; e ignorante ao ponto da santidade. Maria Fumaça era um milagre personificado, sua existência por si só contrariava as leis da Física; por exemplo, com ela não tinha apenas Ação e Reação; tinha Ação, Reação, Vingança e Tripudiação. O guardinha Godofredo Gomeleira que se cuidasse...

Livre, novamente na rua, nossa doida Maria Fumaça retorna ao Largo da Lapa.

Não que ela estivesse preocupada em ganhar dinheiro, este vinha como uma singela conseqüência de sua diversão: a trapaça, o roubo, a ilegalidade. Com a morte do Marcos Cavaquinho, ela não encontrou mais quem consentisse em dividir o palco com suas mímicas grotescas; na verdade, grotesca era tão somente sua aparência. Certa feita na macumba, escutou de preto-velho: “Ahn ahn, misinfia, teu futuro há de se encontrá nas cartas”, dando a entender que ela deveria procurar alguém que lesse sua sorte nas cartas do tarô. Maria, porém, entendeu mui bonitamente que a jogatina é que ia lhe dar futuro como sua verdadeira vocação e arte neste pervertido mundo de Deus.

Entregou-se ao baralho.

A derrota não entrava na concepção de jogo dela. Maria jogava, é bem verdade, por mera diversão; mas aí é que está: jogava apostando dinheiro, e perdê-lo não lhe parecia uma diversão. Convenhamos, neste ponto Maria Fumaça tinha razão. Por isso trapaceava descaradamente, e ganhava ao risco da própria vida. Ora, jogava com malandros da Lapa, malandros que constituíam a parte perigosa da ralé.

Chegou a tirar da boêmia jogatina mais dinheiro do que eu na fábrica com trabalho honesto. Teria ela razão? Sei lá... Parecia satisfeita. Danada!

Pois é, Maria Fumaça lograva ser mais malandra do que os malandros homens. Fez fama sob os Arcos da Lapa, era a “imbatível”, um desafio para pouca esperteza e muito dinheiro, desafio para otários incautos. A malandragem a evitava, mas toda noite aparecia um mais alegre para desafiá-la no cartiado.

Anos a fio, tal foi a sorte de Maria Fumaça. Bendito preto-velho...

Eu, por meu turno, admirava minha amiga, mas reconhecia que nunca alcançaria sua esperteza de estado-de-graça. Então, passei a estudar à noite e namorar aos domingos. Morrer solteira e analfabeta? Jamais!

-7-

Um sábado no Estácio;  
eu descansava carregando pedra,  
almoço de frango suspeito,  
estupidez de papai.

Toda vez que chega sábado, ainda hoje tenho uma sensação desagradável de fadiga; era o dia da semana em que eu encontrava tempo para a obrigatória tarefa de lavar roupa. Naquela época não havia as facilidades que as donas de casa têm hoje, como máquinas de lavar; tudo era lavado à mão, e a gente achava um grande progresso ter água encanada.

Num sábado desses da vida, debruçada sobre o tanque a esfregar com sabão uma cueca do meu irmão, senti um cheiro de queimado; pensei que fosse o fogão-à-lenha, virei-me e, por surpresa, dei de cara com Maria Fumaça a fumar seu cachimbo com um sorriso pouco discreto de zombaria. Falei-lhe: “Menina, vai fazê tuas macumbas em outra freguesia.”, e ela: “É isso memo, vou pros arcos. Por que você nunca mais apareceu por lá?”. Eu expliquei que estava namorando um rapaz muito sério, queria arrumar um casamento, não poderia decepcioná-lo com orgias noturnas no Largo da Lapa. “Tá bom, Antônia, já vi que você nasceu pra ficá lavando cuecas...”, ridicularizou-me. Perguntei se ela dissera aquilo por ciúme ou por inveja. Minha amiga se enfezou: “Inveja é claro que não, caralho! Agora, ciúme? Tá me chamando de sapatão?”. A fim de voltar ao meu afazer, resolvi pôr um fim na discussão, dizendo: “Maria, as vidas são sempre diferentes umas das outras. Você sabe o que quer, e eu sei o que quero. Cada qual que cave o seu.”

Nesta visita, Maria trouxera um frango (cuja procedência não precisou esclarecer); o assamos e comemos no almoço.

Sou obrigada aqui a dar conta deste fato: Maria Fumaça comendo era um atestado de indigência. Logo que o frango foi posto à mesa, ela avançou nele arrancando-lhe as duas coxas de uma vez. Alternava mordidas entre uma coxa e outra, quando disse de boca cheia e derrubando saliva na toalha: “Melhor do que uma merda dessa, só pão com meleca... Mas cadê a cachaça?”. Meu pai não bebia, nem tolerava a entrada de bebidas alcoólicas em nossa casa; também não tolerava a Maria Fumaça, uma afronta ambulante às famílias direitas do Estácio de Sá. A um salto pondo-se de pé e exalando macheza por tudo quanto era buraco, berrou papai: “Olha aqui, sua fedorenta, pega esse teu frango e vai terminá de comê ele no botequim que é lugar de ter cachaça para desocupadas feito você!”

Na verdade, meu pai invejava Maria Fumaça; ele era daqueles que ocultam de si mesmos a própria opinião idiota de que, para ser macho, o homem tem que beber cachaça. E ele não agüentava beber. Por isso enfureceu-se tanto e espinafrou Maria, tocando-a de casa.

Tola demonstração de autoridade..., uma temeridade, posso dizer; até parece que papai não conhecia minha amiga de infância. Realmente, ela só não fez um estrago lá em casa porque o otário valente desta vez era meu pai, digo meu, entenda-se. Mesmo assim, Maria não deixou muito barato: “O senhor é que faça o favor de pegá esse frango e enfiá no rabo! Antônia, outro dia nos encontramos, perdi a fome, vou embora.”

Ela saiu de nariz empinado, porém levando as duas coxas que estava segurando.

Maria Fumaça era besta, mas não era burra.

-8-

Uma revange escatológica;  
parte de mim uma idéia que  
nem tive jamais,  
homem também chora.

“Pô, Antônia, sábado passado fiquei na pinimba depois que saí da tua casa, fome da brava...”, foi o que me disse Maria Fumaça num dia quando eu rumava para o trabalho, e a encontrei regressando do carteadado. “Mas você disse que tinha perdido a fome.”, ponderei. “E eu sou lá de ter frescura pra perdê a fome?! Falei aquilo só pra não dar mole pro teu coroa. Deixa pra lá, agora eu tô querendo é finalmente me vingá do mês de cadeia que o Gomeleira me deu. O galho é que o veadinho é a própria polícia em pessoa.”. “Manda ele à merda, e esquece essa besteira.”, sugeri a fim de evitar futuras complicações.

Para quê abri a boca? Minha amiga partiu do “mandar à merda”, fez a cagada, deitou, e rolou por cima.

Godofredo Gomeleira, guardinha muito enjoado; mesmo depois de liberar a Maria, sempre que por acaso a encontrava, submetia sua inimiga figadal a uma vistoria completa atrás de algum pretexto para conduzi-la novamente à cadeia. Então, Maria Fumaça teve sua idéia com requintes da mais pura porcaria. Encheu um saco pela metade com serragem, defecou abundantemente em cima, e pôs mais uma fina camada de algodão a fim de ocultar as fezes. Saiu carregando o saco pela vizinhança à cata do Gomeleira.

Após quase duas horas de procura angustiante, ela já pensava, com preguiça, em desistir: ora, quando não desejava encontrá-lo, encontrava; agora que desejava, não encontrava. Regressando a casa, parou num botequim para um trago de pinga e para acender o cachimbo; estava lá, sorrindo-lhe com ironia, o guarda Godofredo Gomeleira. Maria o encontrara; todavia, acreditando que a graça estava consigo, Gomeleira foi se manifestando: “Vejam só! Eis que um anjo, ou melhor, uma anja desce à terra! Salve a nossa soberana pitadeira de cachimbo, a Rainha do Estácio!”, os bebuns todos levantaram os copos num brinde, “Mas, vem cá, o que é que a senhorita vai levando aí no saco? Jóias, diamantes, hein alteza?”, ao que Maria aproveitou: “Alteza é a puta sentada no trono da privada, e o que eu estou levando é merda! Valeu?” “Eu vou dizer se é merda.”, sentenciou Gomeleira enfiando com gosto a mão no saco da sua surpresa.

Perfeito. Só sei que Maria Fumaça veio muito satisfeita me contar que o nosso amado guarda chegou a tremer e chorar de tanta raiva que passou vendo sua mão rebocada de bosta humana (a pior das bostas), as fezes de Maria Fumaça (a pior das gentes).

Gomeleira não poderia reclamar, pois Maria o avisara acerca do que continha o saco. Restava apenas ficar chorando de raiva e de vergonha no meio dos bebuns de botequim.

Tal foi a gloriosa vingança da ralé sobre o poder, da Maria Fumaça sobre o guarda-civil Godofredo Gomeleira.

-9-

Um calote na Tabacaria Africana;  
Maria Fumaça e a guerra,  
o meu casamento,  
a gula e a guerra.

A indumentária é como que um cartão de visita para os braços da sociedade, mas pode ser o contrário. A sociedade propriamente dita nunca foi o habitat natural de Maria Fumaça, que circulava muito mais à vontade no assim chamado sub-mundo dos segregados do que nos meios pacatamente burgueses da classe média, ou mesmo dos pobres honestos de favela. Dito isto, os trajes de Maria Fumaça não irão escandalizar: vestia preto desde o sapato com fivela grande até o boné de aba curta; era um breu total; bem, toda breu na íntegra não tenho certeza, nunca vi sua roupa íntima, se é que usava..., e o paletó, de tão esfarrapado, foi adquirindo tons de cinza. O modo de vestir-se, aliado à sua magreza cadavérica, outorgavam-lhe um aspecto desgraçado de escória da civilização ocidental. Foi essa figura funesta que o vendedor da Tabacaria Africana viu entrar em seu estabelecimento naquela memorável tarde de maio de 1942, quando Maria Fumaça conseguiu, por bem ou por mal, adquirir fumo inglês.

Ela ouvira falar que o fumo inglês era o melhor que havia para cachimbo, e quis porque quis um punhado dele; mas custava muito dinheiro: “Qual o motivo desse tal fumo ingreis ser tão caro?”, perguntou ao vendedor, o qual respondeu: “A Inglaterra está na guerra. Agora tudo é a guerra, é a guerra...”. Então ela pediu um naco de fumo comum. Manuseou um pouco o fumo, jogando-o de uma mão para a outra. Depois, entregando de volta o naco, disse: “Me troca ele pelo fumo ingreis.”. O vendedor pegou de volta o fumo nacional, e entregou-lhe o fumo inglês: “Mais alguma coisa?”, perguntou, já aguardando o pagamento; entretanto, sua elegante freguesa simplesmente agradeceu e foi saindo sem pagar, ao que o vendedor advertiu: “A senhora não pagou a compra.”, e ela: “Não paguei porque não comprei, eu apenas troquei este fumo ingreis pelo fumo brasileiro que eu já tinha.”. O vendedor pensou um pouco, e disse triunfal: “Mas a senhora também não pagou pelo fumo nacional!”. “Não paguei, mas também não levei. É a guerra, é a guerra...”, fulminou Maria Fumaça, deixando o vendedor aparvalhado, que provavelmente assim demorou o bastante para que minha amiga sumisse tal qual a fumaça, pois ela, ao me contar o ocorrido, declarou ter dado um belo calote sem onerar-se de um tostão sequer pelo excelente fumo que adquiriu.

Este golpe repetiu-se muitas vezes em lugares sempre diferentes e desprevenidos. No final, tudo era por causa da guerra, da maldita guerra. Bendita guerra!

Naquele mesmo mês de maio, o mês das noivas, aconteceu a cerimônia do meu casamento. Tive receio de convidar Maria Fumaça, pois meu marido certamente estranharia e se desgostaria com sua extravagante pessoa; porém, com a mesma certeza, seria muito mais desastroso se minha amiga descobrisse depois que não fôra convidada. Convidei. Na cerimônia religiosa, tudo correu tranqüilamente, Maria Fumaça não foi, já não posso dizer o mesmo da festa.

Ao final de festas familiares qual aniversários infantis e casamentos, é normal que os convidados levem para seus lares o resto da comida que por ventura sobre. No entanto, depois de tomar todas as cervejas que lhe caíram na mão, muito antes do fim da festa Maria Fumaça deliberou despejar nos bolsos do paletó as bandejinhas tanto de doces como de salgados, tudo misturado. Meu finado sogro, pensando que aquilo fosse apenas um efeito da bebida, tentou dissuadi-la oferecendo-lhe outra cerveja. Ela nem deu moral: também era a guerra, era a guerra... “A comida está racionada. É a guerra...”

Assim sucedeu-se o meu casamento, com o duplo estorvo de uma despropositada Guerra Mundial e de uma ébria Maria Fumaça; ainda procuro saber qual das duas era pior.

-10-

Adeus Lapa boêmia;  
um delegado da moralização,  
retirada para o cais do porto,  
versos nostálgicos.

Depois que me casei, afrouxou-se definitivamente meu convívio com Maria Fumaça; restaram estas boas(?) lembranças que aqui vou dando fé em conformidade com a singela beatitude recomendada pela iconoclastia das pertinentes convenções da moral e dos bons costumes.

A falar de moral, por aquela época apareceu um doutorzinho delegado que resolveu “moralizar” a Lapa fazendo as coisas mais ridículas. Proibiu a música e o consumo de bebidas a partir da meia-noite, proibiu o jogo, e proibiu as mulheres; ou seja, proibiu a vida na Lapa, e o bairro morreu. Maria Fumaça viu-se assim obrigada a encontrar outro reduto para sobreviver sem suar a camisa, e transferiu a jogatina noturna para o cais do porto. Para lá foram também prostitutas que não encontraram mais um lugar adequado como o Mangue que estava sendo demolido. Não que Maria Fumaça fosse uma delas, mas sentia-se bem à vontade no meio da putada, conforme ela mesma gostava de chamar o conjunto de putas. No meio delas se sentia a mulher que jamais seria, e o homem que sonhava ser.

As coisas se ajeitaram, mas foi uma fase de nostalgia e decadência. Guardo até hoje um recorte de jornal que celebrou a extinção da boemia romântica nos arcos. Trata-se de uma suposta letra de samba cujo autor preferiu o anonimato ao desconforto com a polícia. Eis que aqui a reproduzo:

E o Largo da Lapa?

Descendo o Morro de Santa Teresa  
No bonde que parece uma carroça  
-“Coisa nossa, muito nossa”...  
Passando pelo aqueduto, desolado,  
Relembro a Lapa do passado,  
Passado que então vivi  
Num sonho colorido  
Que neste samba sentido  
Vou lembrando para mim e para ti.

Na Lapa se criou Wilson Batista  
Cumprindo a sina de ser artista

A fazer polêmica danada  
Com o insuperável Noël.  
E sem nunca ter hora marcada,  
Do Estácio sempre chegava Ismael.  
No meio de tantos bambas  
Dava-se o apogeu do nosso Samba!

Mas de repente do Cabaré Apolo  
Não sobrou nem alicerce no solo,  
Saindo nas revistas bem na capa:  
Acabaram com o Largo da Lapa.  
(e a Lapa sumiu do mapa)

Essa estória de moralização eu nunca engoli; os policiais sempre freqüentaram até o Mangue; o delegado estava é querendo mostrar serviço e aparecer. Neste nosso mundo, muitas vezes vale não o que é, mas o que parece. A Lapa acabou, mas os boêmios continuaram espalhados por tantos outros rincões da Cidade Maravilhosa.

E agora, Maria Fumaça?

E agora nada! Ela nunca foi de se preocupar. Foi levando.

-11-

Maria Fumaça apronta  
uma molecagem para cima de  
um marinheiro, e se refugia  
na minha casa.

Memorável foi a vez que Maria Fumaça viu-se na contingência de permanecer por três dias escondida em minha casa sem o reboliço a que ela estava acostumada. Foram dias de inquietação pela necessidade de ficar quieta.

Ao longo de nossa vida conjugal, meu finado marido galgou uma posição social privilegiada, permitindo à nossa família até certas regalias de conforto. Porém, seu começo foi o de um humilde livreiro itinerante, uma espécie de caixeiro-viajante muito comum naqueles tempos. Sua rotina exaustiva era caminhar a cavalo de déu em déu, batendo de porta de fazenda em porta de fazenda pelas plagas interioranas fluminenses a vender livros, num tempo em que livro ainda era considerado e bem quisto como mídia. Sabe-se que a grande ignorância pode significar felicidade; meu marido, contudo, acreditava que o grande conhecimento era que dava felicidade; dizia que tinha que ilustrar a “caboclada ignorante”, e passava a semana toda fora espalhando livros pelas estradas. Numa dessas ausências dele é que Maria Fumaça aproveitou para se esconder em nossa casa e salvar a sua pele.

Havia chegado ao porto um navio estrangeiro do qual desembarcou um marinheiro meio “brucutu”: forte, mal-encarado, e ignorante no sentido de ignorar as normas civilizadas de convívio, enfim, um brutamontes perigoso. Muito afeita ao perigo, Maria Fumaça teve logo sua atenção voltada para o marinheiro que, segundo ela, impressionaria qualquer um mesmo que fosse apenas pela altura e corpulência. Imagine-se, Maria Fumaça impressionada por um homem..., mas não, claro que era somente curiosidade; além do mais ele mostrava total desconhecimento de nosso idioma, o que deu ensejo a nova maquinação pervertida na mente doida e cheia de besteira da Maria. Assim, subtraíu do infeliz considerável valor pecuniário com um inocente joguinho de cartas, durante o qual foi ensinando-lhe o baixo calão da língua portuguesa e curiosas noções de anatomia qual designar por bunda o que usualmente chamamos de cabeça (obviamente uma total e discrepante inversão de valores, mas que, tratando-se de quem trata este relato, torna-se uma coisa até previsível e quase nada extravagante).

Bem, depois de perder bastante dinheiro e aprender que bunda significa cabeça em português, o avantajado marinheiro, inconsolável com as apostas perdidas, desandou a encher a cara de cachaça, e reclamava em voz alta: “Oh, que dói no bunda! Dói muto meu bunda...”. Os brasileiros presentes à cena do gringo não agüentaram muito tempo e logo caíram na gargalhada. Ora, a gargalhada é linguagem universal, o marinheiro percebeu o ridículo e se enfezou com Maria, partindo para

cima dela. Foi uma correria. O brutamontes sapecava quem lhe estivesse na frente, e Maria se embrenhava onde mais tinha gente; o resultado foi uma baita pancadaria que minha amiga não quis pagar para ver: foi parar lá em casa ainda de madrugada. Eu ainda não tinha filhos, e meu marido estava viajando, de modo que a solidariedade pôde falar mais alto em nome da velha amizade infantil.

Maria ficou em minha casa por apenas três dias a fim de o seu querido marinheiro não a encontrar na casa dela e sumir de novo no Atlântico. Na confusão da fuga, porém, ela deixara cair da boca o cachimbo, fato este que fez aqueles breves três dias render uma eternidade. Eu bem que quis comprar-lhe outro cachimbo, mas o pudor feminino me impedia: onde já se viu uma senhora de família sair à cata de cachimbo e fumo? E também seria melhor ninguém ficar sabendo do paradeiro de Maria Fumaça.

Foram dias de inquietação para nós duas. Ela me seguia aonde quer que eu fosse na casa a fazer-me perguntas indiscretas sobre a vida conjugal: “Como foi a primeira noite?...”. “Vai saber disso com teu Santos Dumont, vai.”. “Me disseram que ele morreu.”. Ela se sentia viúva, coitada; nesse ponto Maria Fumaça tinha um pouco de santa.

Quando deixava de lado as perguntas, punha-se a riscar fósforos um atrás do outro, e, quando não era isso, era rasgar meus panos-de-prato e assim por diante que nem lembro mais. Francamente, o vício escraviza até as pessoas de índole mais indomável.

Passado o sufoco, tudo voltou à serena rotina de afazeres domésticos em meu lar, e de excelsa vadiagem no cais do porto.

-12-

A guerra; a Captura;  
a partida; o fim;  
um amigo que fez o favor de escrever  
para descanso da minha caligrafia ilegível de velha.

Ah, sim, claro! Houve uma segunda e última vez em que Maria Fumaça esteve em minha casa. Foi fugindo da tal da Captura.

Era o tempo da Segunda Guerra Mundial, estava feia a coisa. De primeiro até que não, o povo nem sentiu: o presidente Getúlio Vargas, que se agarrava e se rebojava no poder havia quase quinze anos, foi astutamente tirando vantagem da guerra, ora pendendo para o Eixo, ora pendendo para os Aliados. Mas quando a Alemanha (dizem) resolveu afundar uns navios brasileiros, aí o caso encrespou; declaramos guerra à Alemanha, à Itália e ao Japão; a colônia nipônica já era numerosa em indivíduos no estado de São Paulo, e, pela patente distinção étnica, estes imigrantes eram facilmente identificados por todo mundo, e comeram o pão que o diabo amassou..., crianças japonesas eram surradas nas ruas, adultos eram presos, e seus domicílios e estabelecimentos comerciais eram invadidos até mesmo a cavalo pelo exército; isto, ao mínimo pretexto. As guerras engendram tanto crime: exemplo é a injustiça que se cometeu contra este povo que tanto deu de seu esforço em benefício do Brasil.

A população civil urbana em geral sofreu privações, principalmente devido ao racionamento de alguns produtos alimentícios como açúcar e farinha de trigo. No clima de insatisfação que se verificava, o ditador Getúlio Vargas via-se na contingência de reprimir algumas manifestações contra o governo; esta repressão era feita pela “Captura”, a lendária polícia secreta que punha medo na gente.

Maria Fumaça que, quando não procurava confusão, a confusão a procurava, esteve também fugida da Captura. Foi se esconder lá em casa outra vez, e agora com a presença do meu marido e da minha primeira filha ainda pequena! E era da polícia que corria. Que fuzarca...

A besta estava em pleno exercício da vadiagem na Avenida Rio Branco, quando viu aquele bando de rapazes engalanados no seu garbo varonil a fazer uma passeata contra a ditadura. Que maluquise! Getúlio gostava sim do poder, mas creio que sempre gostou de seu país, era um patriota certamente. Porém a rapaziada queria agitar o pedaço, e a Maria, vendo naquilo uma bela patuscada, estava com a faca e o queijo na mão. Engajou-se na marcha, e a cada grito de “fora Getúlio!”, gritava sua boca pervertida: “fôda o Getúlio!”.

Sem muito demorar, a cavalaria desbaratou os manifestantes, tudo se desintegrando quase ao nada. Mas minha amiga, bem visada pelos observadores secretos em conseqüência dos despautérios que gritava, provavelmente teve sua fotografia fichada nos arquivos da Captura. Tentaram prendê-la primeiramente no cais do porto, depois no botequim, depois no carnaval, depois no bonde, depois no

morro, enfim, na minha casa; mas, e é que conseguiram? Nada! Maria sumia tal qual a fumaça.

Então meu marido disse: “Tudo bem que você seja amiga de infância da minha esposa, e eu também seja a favor da democracia (você sabe o que é isso?), mas nós temos criança pequena em casa; aqui não é esconderijo; então, você vem comigo para onde estou partindo numa viagem de negócios.”

Eles foram. Pegaram um trem na Central.

Nunca mais soube dela.

Meu marido, ao regressar, disse-me apenas que Maria Fumaça ficara numa estação no meio do caminho para Ouro Preto, estado de Minas Gerais. Disse-me também que, no fundo, ela não era má pessoa. Acredito.

Aqui encerra-se meu relato das aventuras e desventuras de Maria Fumaça, que hora mergulha na posteridade, e, sem a comprovação de sua morte, como que ascende ao céu, e acomoda divinamente o seu traseiro no Olimpo Eterno da Desmesura, ao destro lado de Baco.

Por finalizar, agradeço estimadamente à prestimosa atenção deste meu amigo Zé Ninguém que fez o favor de escrever o que eu lhe ditava para descanso da minha mão já sem força. Ele, a meu pedido de manter-me incógnita, é que há de assinar estas memórias.

### 3ª PARTE

#### SINGELA HISTÓRIA DE UM BRASILEIRO

—Verificando que as narrativas precedentes careciam de maiores preocupações sociais para com as futuras gerações, Zé Ninguém quer encerrar esta trilogia com um exemplo de vida e dignidade para a posteridade.

-1-

Onde se faz um breve relato dos preliminares que antecederam e determinaram o nascimento de Francisco Reinisch, um brasileiro.

Nos primeiros anos do século vinte, fugindo das seqüelas deixadas pela Grande Guerra que abalou a Europa até 1918, contingentes migratórios esvaíam-se de lá para arribar em plagas de América. Nestas condições é que da Alemanha o senhor Christian Reinisch chega ao Brasil. Qual não terá sido seu constrangimento ao desembarcar no porto de Santos, se nem sabia pedir água em português!

Agravando a situação, padecia o fato de não haver ninguém por ele, estando a só em terra estranha. Christian tinha apenas um irmão, o qual morreu em combate juntamente com o pai. Sua mãe não suportou por muito a desgraça familiar; definhou em poucos meses até vir a falecer, deixando completamente desamparado o jovem Christian. Pobre e debilmente instruído, sem esperança em terra natal, seguiu rumo ao Novo Mundo, rumo a uma nova vida.

Como já foi dito, o senhor Reinisch nem tinha idéia do idioma usado no Brasil e, por absurdo que pareça hoje, sequer cogitava que existisse outro diferente do alemão. Daí seu constrangimento; mais que isso: medo. Ainda quase um menino, nada menos que medo é o que poderia sentir ao deparar-se com um mal-encarado agente de imigração a disparar aos berros ordens em português. No caos generalizado em que se encontrava o porto, uma coincidência passava despercebida; ocorreu que na mesma hora que Christian Reinisch descia dum navio vindo da Europa, logo ao lado um navio do Japão desembarcava japoneses. Estes últimos ficariam no estado de São Paulo, e os europeus seguiriam para o sul. Atordoado na multidão, Christian subitamente viu-se cercado de gente estranhíssima continuando a não entender palavra... ei-lo entre os japoneses seguindo equivocadamente para a cidade de Sorocaba, interior de São Paulo.

Chegando à referida cidade, Christian já ensaiava seus pioneiros vocábulos em japonês. Anos mais tarde ele se surpreenderia ao verificar que falava melhor japonês que português; era curioso o fato de até os descendentes dos ex-escravos negros criados junto à colônia falarem mais à vontade em japonês. E foi justamente um negro que logo veio a ser o melhor amigo de Christian. Simpatizou com o alemão assim que primeiro o viu, adivinhando nos olhos claros do outro sinceridade intrínseca e bondade. Seu nome era Ismael Marcelino, gentil de modos, delicado com as palavras, elegante de porte, não aparentava ter idade para ser pai do amigo, porém sua filha caçula já era uma senhorita mui admirada pelos rapazes.

Christian, orientado por Ismael, veio a estabelecer-se como colono na fazenda onde este trabalhava, tornando-se os dois, além de amigos, também vizinhos. Na verdade o velho Ismael já nem trabalhava tanto, deixando o mais do serviço para os

homens seus filhos, e Luiza (a caçula) ajudava a mãe. Christian instalou-se numa casa de dois quartos; um dos quais servia para o seu pouso, e o outro para um casal de japoneses chamados Hideki e Fumiko, o marido e a esposa respectivamente. Era uma casa de tijolo aparente, telhas de barro, sem forro, piso de terra batida, paupérrima, mas as noites alumiavam-se com o gemido bucólico duma gaita solitária que Hideki tocava. Fumiko dava aulas na escola rural da colônia, enquanto seu marido trabalhava na lavoura com os filhos de Ismael e nosso conhecido alemão.

Ora, o tempo não espera. Nasce em breve Harumi, a única filha de Fumiko e Hideki. É grande a alegria na casa! Esta alegria contagia Christian, faz lembrar o tempo antes da guerra na paz da cidade de Celle... a mãe amável, o pai, o irmão... desperta nele a vontade de constituir uma nova família. Se triste foi o passado, feliz há de ser o futuro. E não tardará a generosa ocasião.

Estando ele a capinar ervas-daninhas nas proximidades dum córrego que atravessava a fazenda, sobressaltou-lhe a intuição de que estava sendo observado; tomou coragem, súbito virou-se e divisou Luiza lavando roupa a fitá-lo. A princípio não acometeu-lhe pensamento algum. Depois pensou que estava no dia mais longo do verão pelo calor que subia ao seu rosto. Ainda chegou a supor que pela primeira vez se apaixonava. Tudo isso num átimo de tempo. Finalmente notou como aquela moça negra era tão diferente da sua mãe, finada em Alemanha; tão diversa do seu ideal de mãe: a sua loira da pele rosada, esta negra do cabelo enrolado, mas toda fascinante, muito feminina. Essas coisas passaram por sua mente em menos de um segundo, e já imaginava como seria um filho seu com Luiza, a filha do seu melhor amigo. À noite do mesmo dia apresentou-se a casa de Ismael Marcelino, com todo rubor que sua pele alva ensejava, a pedir Luiza em matrimônio. Ismael consentiu. E, para felicidade geral da colônia, Luiza aplaudiu!

A cerimônia do casamento foi simples qual tudo mais era simples no município de Sorocaba. Entraram quantos colonos seria possível na minúscula capela; no altar figuravam o padre Silas, o respeitável pai da noiva, e dois casais de padrinhos: Hideki e Fumiko de um lado, e, do outro, Maria e Carlos, o espanhol da sapataria. Após um sóbrio sermão, os noivos trocaram as juras de permanecerem juntos na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença até que a morte os separasse, e saíram com a certeza da felicidade eterna.

Um ano depois nasce Francisco Reinisch, um brasileiro.

-2-

De como Francisco Reinisch passou sua infância com a amizade de Harumi; acabou órfão de mãe, sendo encaminhado pelo padre Silas à vida religiosa; e o que aprontou então.

Não houve nada de muito interessante nos primeiros anos da infância de Francisco digno de aqui ser relatado, na medida em que este período de sua vida pouco divergiu da dos demais meninos no meio rural; senão que, quando olhava seu pai, falava em alemão e se imaginava com feições de branco; em contra partida, quando brincava com Harumi, falava japonês e iludia-se que também o era; e, quando com sua mãe, inconscientemente enxergava a si próprio qual autêntico negro. Isso até o dia em que conheceu um espelho e viu que era mulato. Vamos encontrá-lo agora aos seis anos de idade descobrindo e questionando a morte.

Foi numa manhã. O pai tentava colocar o cabo numa enxada; Francisco o observava atentamente trepado numa jabuticabeira. A mãe, grávida do segundo filho, então começou a gritar dentro de casa. Devo esclarecer que ainda moravam na mesma casa o casal japonês e sua filha Harumi, agora com sete anos. Hideki estava doente na cama aos cuidados da esposa. Fumiko, ouvindo os gritos de Luiza, saiu do quarto e a encontrou caída na cozinha: a criança estava nascendo. Não chegou a nascer. Houve complicação no parto, Fumiko foi chamar a parteira enquanto Francisco e o pai presenciaram a dolorosa agonia de Luiza.

À noite velaram o corpo, e na manhã seguinte saiu o enterro sob o comando do padre Silas rumo ao cemitério municipal. No caminho, andando ao lado de Harumi, a ela perguntou Francisco o que acontecia a sua mãe. A amiguinha falou com ademanos divertidos que dona Luiza iria para baixo da terra dormir para sempre. Por que para sempre?, redargüiu Francisco. Porque sua mãe morreu. Francisco correu ao pai a lhe perguntar se a mãe dormia para sempre, ao que o senhor Reinisch precipitou a derramar lágrima por lágrima recordando em silêncio contemplativo a morte da própria mãe na longínqua Celle. Oportunamente interveio o grave padre Silas sentenciando: “Dona Luiza está com Deus, e aguarda o dia em que Jesus Cristo virá ressuscitar os mortos para levar os que merecerem ao paraíso”.

A explicação do padre pareceu fantasiosa. Quem seria Deus? Padre Silas disse que Deus era o criador de tudo, era onipresente, onisciente e onipotente. Aí é que Francisco não acreditou mesmo. Será que Deus, sendo tudo aquilo, poderia criar uma porta por onde Ele mesmo não pudesse passar? Não havia Deus, a mãe ia para baixo da terra. E tornou-se ateu.

Ao que parece, a morte da mãe pouco afetou Francisco, ainda que o pai mudou o relacionamento com o filho: ora exagerando nos agrados, ora tratando-o com demasiada severidade. Passado o dia do enterro, Francisco intensificou sua amizade

com a extrovertida e engraçada Harumi; ela inventava canções e brincadeiras; ele aprendia, e com o tempo ingressou no mundo da travessura passando a ser o líder das bagunças na escola para terror da professora Fumiko, que agora era mais ou menos responsável por ele em casa também.

Um dia, no pátio da escola, em frente a um arbusto de pimenta, Francisco junto com a Harumi imitava com gestos burlescos o esforço sobre-humano de dona Fumiko em ensinar-lhes durante a aula o Hino Nacional Brasileiro; as outras crianças gargalhavam. Nisso, ele reparou na figura mediativa de um negrinho, neto do velho Ismael e que vinha a ser seu primo. Parou a brincadeira. O que tens?, perguntou ao primo. Eu queria ser branco igual ao senhor Reinisch, balbuciou o negrinho. Francisco levou a mão ao queixo, parou por um instante, enfim anunciou triunfal: “É pra já! Tu deverás tomar banho quatro vezes por dia durante uma semana esfregando o corpo inteiro com uma pedra”. O primo agradeceu efusivamente a receita. Mas no dia seguinte apareceu todo ralado para Francisco: “Estou ardendo todo, e creio que nunca ficarei branco assim...”. Então o jeito é beberes bastante leite, disse Francisco. Aos que ignoram os efeitos maléficos do consumo excessivo de leite, advirto que um deles não é mudar a cor das pessoas (apesar que dê a impressão momentânea disso), e um outro é motivar fulminante diarreia. Disto sofreu o negrinho durante os dias em que obedeceu a orientação do primo, ao cabo dos quais veio se queixar: “Está insuportável... vou parar de beber tanto leite, Francisco”. Por quê? Porque estamos em plena aula, e eu estou todo cagado... Bom, o último recurso é passar pimenta no cu. Mas, no cu? É! Vai doer? Que nada..., tem gente que faz coisa muito pior com o pobrezinho, e ainda gosta.

Chegada a hora do recreio, os dois foram ao arbusto de pimenta do pátio. Num instante o negrinho saía lá de trás exclamando desesperado por socorro a correr sem rumo até se atirar no córrego. Francisco acudiu escarnecendo: “É para deixares de ser tonto!”. Harumi abriu um sorriso cúmplice. Ela é que dera a idéia da pimenta para o caso do primo de Francisco insistir no propósito de tornar-se branco.

Francisco e Harumi formavam uma dupla inseparável. Cresciam juntos, desvelavam o estreito mundo infantil, tagarelavam, completavam-se, cada um era o irmão que o outro nunca teria de verdade. Francisco adotou dona Fumiko como mãe, e Harumi, por sua vez, adotou Ismael Marcelino como avô, pois os pais do senhor Hideki e de sua esposa haviam ficado no Japão. Vovô Ismael alegrava os netos cantando com sua voz forte e acompanhando-se ao cavaquinho. Dos vários ritmos, agradava sobre modo a Harumi o Samba; ela sempre pedia para Ismael cantar a música “Com Que Roupa?”, do compositor Noel Rosa, maior sucesso do carnaval de 1930. Francisco era indiferente à música, mas comparecia aos saraus em casa do avô por aprazer-lhe a figura soberana do velho, o timbre nítido da voz, as brincadeiras com os primos, mas principalmente os doces que a avó preparava para essas ocasiões (ele tornara-se um belo glutão). Ora, o senhor Christian Reinisch, sendo grande amigo do sogro, nunca deixava de comparecer, empenhado em propiciar ao filho uma vida feliz, na medida do possível, sem a presença da mãe. Porém, este esforçado pai equivocava-se; quando Francisco comia exageradamente os doces da avó, o senhor

Reinisch estimulava o filho passando-lhe a mão sobre a cabeça; no minuto seguinte podia estar a gritar e esbofeteá-lo na frente dos primos, resultando em sentida humilhação. Isto confundia Francisco, mas ele formulava que quando viesse a ter filhos não oscilaria de humor drasticamente para com eles.

Corriam os anos, a amizade entre Francisco e Harumi amadurecia, suas tagarelices cada vez mais freqüentemente adquiriam a forma de especulações acerca do mundo que observavam. Por que o céu é azul? Por que existem plantas e animais e as espécies são diferentes entre si? Deus existe? Francisco não acreditava que havia Deus. Harumi, um dia, propôs que Deus estaria no que o ser humano não pudesse explicar. A partir daí Francisco começou a freqüentar as aulas de catecismo do padre Silas que demonstrava sua fé através de suas boas obras. Numa das aulas, o simpático padre perguntou a Francisco se ele amava Deus. Não sei. Como não?, espantou-se o padre. Ele nunca me foi apresentado, respondeu o rapaz, que proseguiu nestes termos: “Quando eu tinha seis anos o senhor disse-me que Deus é onipotente; se isto é verdade, seria Deus capaz de criar uma porta por onde Deus não pudesse passar?”. Rapazinho, isso se chama sofisma, é coisa do Diabo. Quanto à existência de Deus, o Velho e o Novo Testamento dão evidências suficientes de que Deus existe, aqui tu vais aprender, uma evidência é a própria existência da matéria: do nada ela não veio; quem a criou?

Francisco tomou gosto pelas aulas de catecismo; convidou Harumi, que o acompanhou. Assim, os dois converteram-se ao cristianismo. Por essa época, ao senhor Hideki foi oferecida oportunidade de emprego numa sorveteria que um compadre italiano pretendia montar no noroeste do estado. Curioso pela empreitada, Hideki aceitou a oferta levando a família embora da fazenda. Francisco ganhava um quarto para si na casa, perdia Harumi. A perda do convívio da amiga afetou desfavoravelmente o ânimo do rapaz que passou de jovial para inexpressivo. Por agravante, o pai, há tempo, desde o falecimento de Luiza, mostrava-se cada vez mais inconstante no educar o filho; suas oscilações de humor repeliam a segurança que Francisco poderia encontrar nele. Restou encontrar refúgio sob a proteção do padre Silas, homem de boa-vontade, zeloso pela comunidade, e que particularmente via em Francisco pertinentes qualidades de caráter. Isso Silas foi descobrindo durante as aulas de catecismo nas quais o jovem mulato de sobrenome alemão destacava-se primando na agudeza de raciocínio metafísico e crescente aptidão religiosa. Silas deu-lhe alento suficiente para recobrar o gosto pela vida através do saber e da fé.

Francisco tornou-se um adolescente vigoroso, já ajudando o senhor Reinisch na roça. Deixou a escola quando esta não teve mais o que lhe ensinar; saiu alfabetizado em japonês e português (detalhe: cantando decor o Hino Nacional Brasileiro). Trabalhava com vontade sempre renovada pelo incentivo das freqüentes palestras com padre Silas, que num certo domingo, ao fim da missa, pediu aos fiéis que ajudassem com mão-de-obra na mais que necessária ampliação da capela. Entre os que descansaram carregando pedras nas horas livres figurou Francisco Reinisch.

Dois anos depois, quando finda a ampliação da capela, Francisco provara definitivamente seu valor mostrando sua fé através de sua boa ação. Padre Silas

encorajou-o, pois, a cursar o seminário na arquidiocese da capital estadual, cidade de São Paulo. Francisco viu nisso uma excelente chance de continuar estudando. O senhor Reinisch hesitou ao receber a notícia da intenção do padre e também do filho; era o natural medo do inusitado; ele ignorava no que resultaria tal deliberação; mas ao fim concluiu que nada de ruim poderia ser, e consentiu. Francisco partiu no primeiro trem, depois de deferida sua requisição de ingresso junto à arquidiocese paulistana.

A fazenda onde morava Francisco era distante de Sorocaba, a escola e a capela também ficavam no meio rural, de modo que os colonos raramente iam à cidade. Imaginem como seria para um deles ter que guiar-se na capital. Portanto, Francisco ficou perplexo ao descer em São Paulo. Mesmo assim, acreditando que o único seminário existente lá fosse o que Silas lhe recomendara, ainda que de posse do endereço, disse para si: “Quem tem boca vai a Roma”, e simplesmente indagou ao primeiro transeunte onde era o seminário sem indicar o endereço. Resulta que atravessou a grande urbe bandeirante, caiu a noite, e ele encontrou-se perdido. Vagando por uma rua estreita, sentiu desalento e parou; olhou para o céu, pelo menos o céu era igual ao da roça, lá estava a mesma Lua e as estrelas intangíveis para sua distração...

Olhava para cima quando um cidadão tocou seu ombro a perguntar-lhe se sentia frio. Um pouco, disse Francisco intrigado pela pitoresca figura daquele notívago: o paletó rasgado, calça folgada, chapéu de feltro ensebado, a barba por fazer, e mal-cheiroso. Vejo pela tua mala que és um viajante, continuou o velho desvalido, tens onde passar a noite? Tenho, vou para o seminário. Qual deles, meu jovem? Por quê? É, parece que nunca vieste a São Paulo, seminários eu conheço no mínimo dois ou três. Sacando um papel do bolso, Francisco leu em voz alta o endereço do seminário. Era longe do bairro onde estavam; o desvalido convidou Francisco a pernoitar em sua modesta casa. Chegando na maloca, Francisco conheceu a mazela da pobreza na cidade grande. A residência constituía-se de quarto e cozinha, sendo que o banheiro ficava fora, num pátio comum a outras casinhas que formavam o que conhecemos por cortiço; não havia móveis no quarto, apenas uma frágil cama. Vamos jantar!, sorriu o velho entrando na cozinha; só encontraram um ovo e farinha de mandioca; ele acendeu o fogão-à-lenha, jogou a farinha na panela, esperou esquentar, e acrescentou o ovo; dividiu serenamente a massaroca em dois pratos destinando maior quantia a Francisco que a todas estas se admirava. Admirou-se mais ainda ao lhe ser oferecida a cama pelo velho, o qual assegurou que convidado se trata bem e dormir no chão ele já dormira muitas vezes na sua longa vida. Dormiram. Mas com fome.

Ao amanhecer, o velho ensinou-lhe o caminho do seminário. Francisco perguntou quanto deveria pagar pela hospedagem, recebendo a seguinte resposta: “Deus vê tudo, Ele me pagará”.

Dom Clemente, reitor do seminário, chegara ao Brasil recém ordenado padre no ano da abolição da escravatura, ainda durante o império de Pedro II; era suíço de origem francesa; contudo, tendo reparado que o novo aluno tinha sobrenome alemão,

saudou neste idioma a Francisco. Caminharam lado a lado no jardim interno do seminário a conversar mesclando português e alemão. A simpatia de Dom Clemente pareceu logo incompatível com a intransigência ao afirmar suas idéias, fato cuja causa Francisco atribuiu à fé. Enfim, entraram num dos dormitórios; o rapaz ficou encantado ao ver tantas camas juntas, o reitor designou-lhe uma, informou que seus colegas chegariam das férias segunda-feira para início das aulas, e despediu-se.

Pela extrema capacidade de adaptação do ser humano, Francisco logo se integrou à rotina do estabelecimento (tão diferente da vida rural), angariando amizade dos colegas e simpatia dos professores; tudo isso ele conseguia devido a uma personalidade simples, generosa e desprovida de orgulho; note-se que nem a morte da mãe o afetara, viver era trivial. A simplicidade, porém, não denota de modo algum que ele deixasse de investigar a realidade. Num passeio ao Bosque da Saúde, ele falava a respeito da comunidade onde nascera, quando perguntou a um colega quantos filhos este pretendia ter. Ora, se eu me formar padre, não poderei ter filhos. Por quê? Porque padre não casa. Sem casamento se pode ter filhos, os animais não casam e os têm. Mas gente deve pedir permissão a Deus, gente constitui família para o bem geral, é uma das razões por que Deus a nós concedeu inteligência. Padre não pode pedir essa permissão? Não: padres dedicam a vida a Igreja, que torna-se um tipo de esposa. Aí Francisco entendeu por que Silas não era pai.

Desde que se despediu daquele desvalido que o acolhera durante sua primeira noite em São Paulo, Francisco pensava na frase que aquele proferira: “Deus vê tudo, Ele me pagará”. Certa feita, no seminário, à hora da meditação diária, Francisco contemplava a bondade daquele homem quando a referida frase veio fulminante; examinou-a, e concluiu que é atributo humano ser egoísta; até na prática do altruísmo há egoísmo, pois com ela se espera recompensa divina ou mesmo mundana. Esta idéia Francisco comunicou a um professor, o qual esclareceu que a graça consta em agir benevolmente, mas sem dar-se conta de que é bom, há que abituarse de tal modo à virtude que esta passe imperceptível. Todavia Francisco tinha razão ao supor que a natureza humana era egoísta, pois mesmo à graça chegamos devido ao egoísmo.

O primeiro semestre passou ligeiro. Tudo era insólito e alucinante; a cidade, a biblioteca, o espetáculo das aulas de geometria e história universal... Até que veio as férias. Francisco não possuía numerário nem sentia saudade para voltar ao município natal; um amigo quis ajudá-lo, mas ele preferiu ficar para conhecer melhor a cidade.

No segundo semestre, além da meditação e das orações, um novo procedimento foi solicitado aos seminaristas. Era o jejum semanal. Já é sabido como Francisco apreciava os doces da avó, desde menino sendo glutão. Pois não resistiu ao jejum. Afinal, jejum por quê? Porque nem só de pão vive o homem, mas de toda palavra vinda de Deus. Nem só de pão, porém sem pão não vive. Um dia foi ao recinto onde eram guardadas as hóstias, e as comeu, quebrando o jejum; nisso foi surpreendido por um dos padres, que o encaminhou ao reitor.

-3-

De como Francisco sai do seminário,  
ingressa na vida militar e se vê metido  
na Segunda Guerra Mundial.

Dom Clemente, à semelhança do engenhoso cientista russo Pavlov, tinha por passa-tempo predileto o cultivo da jardinagem; daí o jardim interno do seminário, apesar de relativamente grande, possuir requintes de meticuloso esplendor, sendo unânime a opinião que o elevava à categoria de maravilha do mundo para quem o conheceu. Colunas de mármore, no estilo barroco ornadas, o limitavam formando um círculo dentro do qual outros círculos menores eram repletos de flores de várias espécies, grama, e hortaliças destinadas a um fim mais pragmático. Entre os círculos, pedrinhas miúdas e multicores qual mosaico formavam o chão do passeio. Tudo isso laureado por uma cascata letárgica que descia do rés da capela sita no segundo andar.

Pois o reitor lá se encontrava limpando um pedaço de grama quando Francisco foi ter com ele. Confessado o delito, Dom Clemente pôde revelar sua extrema tolerância. Ao invés de repreender seu jovem pupilo, sugeriu-lhe a passar algum tempo afastado do seminário trabalhando na grande cidade afim de ampliar sua visão do mundo e decidir se realmente possuía vocação para a vida religiosa. Na manhã seguinte, Francisco arrumou a mala, e saiu procurando emprego e moradia.

Perambulando pelas cercanias do Largo da Sé, ele lê os cartazes fixados na ante-câmara da catedral, num dos quais toma conhecimento que está na idade de cumprir o serviço militar obrigatório; prontamente segue de bonde ao endereço indicado, e alista-se no 7º Batalhão de Infantaria, onde já consegue alojamento. No quartel Francisco aprende a jogar Futebol, o jogo inglês que chegara no início do século e que o Brasil adotou como esporte nacional. Disseram-lhe que isso é que era esporte de homem, e não as brincadeiras a que ele estava acostumado na fazenda. Tinha pouco reflexo para jogar no gol, e nenhuma habilidade para ser atacante; portanto, jogava invariavelmente como defensor, sendo difícil um adversário passar por ele com a bola devido a sua corpulência avantajada.

A rotina quotidiana é de descontração e exercício físico, mas apenas por pouco tempo: em duas semanas ordens superiores transferem os recrutas para o Regimento Sampaio, que segue ao Rio de Janeiro dando início a um treinamento intensivo com armas de fogo e noções de sobrevivência com recursos precários. É a convocação da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial.

Até então a arma mais poderosa com que Francisco tivera contato havia sido o estilingue, ou seja, uma forquilha em cujas pontas são amarradas as extremidades dum elástico para arremessar pedras à guisa de projéteis letais apenas para passarinhos. Mesmo assim, quando lhe entregaram uma metralhadora, não estranhou;

só estranhou tomar ciência de que haveria de matar gente com aquilo, era uma máquina muito artificiosa e bonita para ser destinada a um fim tão atroz. Exercitou tiro ao alvo, foi fácil; em breve também desmontava, limpava, e montava a metralhadora com agilidade. Francisco tinha a invejável qualidade de aceitar naturalmente o que a vida lhe apresentava.

Certa tarde, acomete-lhe a lembrança do pai. Desde que chegou à capital não soube mais dele nem deu notícias suas, mas agora era necessário por dura que fosse a verdade. Escreveu uma carta na qual avisava que incorporara-se ao Exército partindo para guerra, e pedia que a carta fosse entregue a seu pai, pois, como não tivesse endereço exato, endereçou-a desta forma:

Carlos Espanhol  
Sapataria  
Sorocaba -SP-

O sapateiro recebeu a missiva e pediu a Maria, sua esposa, que a levasse ao pai do remetente. Chocado com as palavras do filho, o senhor Reinisch escreve em resposta dizendo o quanto a outra guerra o fizera padecer, e insta veemente que o filho deserte a qualquer custo. A carta chega tarde demais...

Numa manhã nublada, o navio Riachuelo recebe no porto da então capital federal um contingente militar. Entre os soldados está Francisco Reinisch, que segue a Europa ainda incrédulo que deverá combater conterrâneos de seu pai, os alemães partidários do nazismo de Adolf Hitler.

Para a maioria esmagadora da soldadesca os dias no mar sucedem-se monotonamente, monotonia remediada com canções heróicas para elevar a moral. Francisco, porém, desde o embarque reparava no comandante do navio. Tinha o rosto bruto, cicatriz na testa, mas de uma convicção charmosa. Francisco soube que o apelido dele era Lobo do Mar, mas só quando do desembarque viu-lhe de passagem no uniforme : Capitão Dario. E devaneou: está aí um belo nome para meu filho... mas que filho?, eu vou ser padre!

Falando em padre, estava no navio também um tenente capelão cuja finalidade era prestar conforto religioso à tropa. Ele pregava que morrer em combate era um ato de heroísmo, e matar nesta situação era justo e necessário. Francisco achava onírica essa idéia; ele ignorava que num futuro próximo teria que escolher entre matar ou morrer. Um suposto serviço de propaganda, para instigar os ânimos contra o inimigo e pregar o desapego à vida, fez circular um panfleto com a pretensão de conter um relato verídico que dizia o seguinte:

### **“Testamento Marcial”**

“Faz poucos dias... estou confuso, não sei dar precisão de tempo. Os alemães tinham chegado a Paris. Eu tive a oportunidade ou o dissabor de ver pessoalmente, ao longe, o senhor Adolf Hitler contemplando o Arco do Triunfo.

Pelas avenidas desfilavam carros de guerra, e soldados marchando de maneira estranha, dura, incisiva. Então, a banda começou a tocar; pela primeira vez na vida senti o poder da música sobre as emoções; sublimava-se e consagrava-se a mais sentida humilhação. Cada nota musical soava como um punhal a dilacerar meu coração. Flamejavam bandeiras com a suástica, e este símbolo nazista antes temido, agora passava a ser eternamente odiado.

Mas o orgulho da vitória, embora alheia, era tão convincente, através do som estridente dos metais, que por um instante eu também compartilhei de uma euforia irracional que acredito ter tomado posse de cada invasor alemão. Contradição das guerras, as quais tiram qualquer razão do homem. Logo tornei à realidade, abaixei o olhar, e cabisbaixo cambaleei sem rumo até cair a noite pelas ruas da grande urbe, outrora chamada “cidade luz”.

Achei-me quando estava já perdido, a guerra estava perdida, o mundo desabava, a França não existia mais. Apesar de tudo, nenhum espanto senti ao deparar-me com cidadãos aglomerados num botequim que, ao menos naquela ocasião, deveria estar fechado. Aí é que tudo deu-se a perder mesmo, maior asneira! Eu, que jamais consumo bebidas alcoólicas, deliberei firme propósito de encher a cara até desmaiar embriagado. É correto o ditado de que “o que os olhos não vêem, o coração não sente”. Não fiquei sabendo depois, não! Eu!, eu vi minha mulher, a mãe dos meus filhos abraçada a um oficial alemão; era a própria imagem da pátria sendo usurpada. Pela família e por toda uma nação, vinguei-me. Sem vacilo, vinguei-me doido, com ódio, na hora! Quebrei com desnecessária violência uma garrafa, segurando-a pelo gargalo. Com a ponta cortante de vidro rasguei de orelha a orelha a garganta do usurpador que, ainda sorrindo, levou as mãos ao corte incrédulo que ali era seu fim.

Por isso estou aqui, numa cela, aguardando ser fuzilado. Definitivamente irão me fuzilar; não entendi uma só palavra daquela língua bárbara, mas a lei marcial é fatal. O que mais podem roubar de mim? Já levaram o país, a nação, a mulher e a família, enfim, tudo de real valor.

Irão tirar de mim a vida? Eles pensam que sim. Eu penso que algo muito mais valioso, nesta contingência, ser-me-á dado: a morte! E a sorte esperada dos que têm fé.

Adeus, desgraça da existência!”

\* \* \*

Francisco leu o relato; achou-o inverossímil, pois ainda não imaginava as atrocidades de que a guerra era capaz. Guardou o panfleto no bolso, e lá o esqueceu.

Nessa altura da guerra, forças britânicas e norte-americanas haviam se posicionado ao sul da Península Itálica aguardando a ajuda brasileira para o esforço conjunto na expulsão dos alemães de todo o país. O Brasil colaborara imprescindivelmente até então sediando bases militares em seu território, escoltando navios mercantes no Oceano Atlântico, e dando suporte logístico aos Aliados, em detrimento de sua população civil que sofria com racionamentos de comida.

Em Nápoles o 5º Exército norte-americano, sob comando do general Mark Clark, recebeu os brasileiros do general Mascarenhas fornecendo infraestrutura e equipamentos novos. Mascarenhas considerou oportuna uma adaptação de seus comandados ao novo equipamento, e a FEB deslocou-se para o acampamento de Vada, a 25 km da frente de batalha.

Chegando ao acampamento, Francisco escondeu por precaução seu sobrenome alemão, dando-se a alcunha de soldado Arruda do Regimento Sampaio. Isto não sem escrúpulo, pois é da crença popular que a arruda é planta que traz sorte. Os companheiros estavam cegos de patriotismo ufanista; só falavam em mostrar o valor brasileiro, escorraçar os alemães, destruir! destruir! Francisco sentiu dolorosa solidão mesmo entre tanta gente. A tristeza se devia ao fato de ele não ter com quem confidenciar suas impressões; onde padre Silas?, onde a remota e querida Harumi da aurora de sua vida, da sua infância querida “que os anos não trazem mais”?

Francisco definitivamente era inapto para a vida militar; sentia falta do seminário, queria ser padre sem nacionalidade, que barbaridade era a constante beligerância entre os povos... De qualquer maneira, ele esquecia estes pensamentos durante os treinamentos diários no esforço de ser um bom... não digo guerreiro, mas um bom homem. Aprendeu rudimentos do idioma inglês com um sargento norte-americano que o levou, um dia, a uma aldeia próxima onde o traquinas do sargento havia arrumado uma namorada italiana. Nosso brasileiro achou a situação estapafúrdia (namorar em plena guerra), mas o amor não tem explicação, não se explica sentimentos, explica-se só quando não existe, quando é um raciocínio vão e sem fundamento. Confuso, ele deixou o casal e foi conhecer a vila. Ao longe ele escutou melodias de acordeão as quais o levaram a se embrenhar num bosque afastado do povoado. Deparou-se com uma casinha de pedra com janelas de madeira carcomida e chaminé a fumegar; a música vinha dum galpão adjacente; lá dentro um ancião barbudo tocava o acordeão acompanhando uma jovem que cantava *Guarda Che Belli Fiori*.

Francisco imprudentemente postou-se à porta. A moça, vendo-o, soltou um grito levando a mão à boca; o velho, reparando no uniforme do forasteiro, estancou a música sentenciando: “È un tedesco!”. Francisco facilmente decifrou a frase proferida por semelhante que parecesse do português, e arriscou seu inscípiente italiano: “No, noi siamo brasiliani per fare Italia liberata”. Nenhum dos dois sabia onde ficava o Brasil, mas logo viram que aquele soldado, apesar de forte, era inofensivo; ademais, onde já se viu alemão mulato? Acharam o tipo interessante, ofertaram-lhe pão, vinho, e um queijo que ele desistiu de comer ao constatar que estava vivo: vermes afloravam dele.

A todas estas sobreveio a noite, o sargento despediu-se da namorada e quis saber do amigo brasileiro; revistou a aldeia inteira; não o encontrando, voltou a Vada e declarou ao major Alberto Silva a deserção do soldado. Por seu turno, Francisco afeioou-se dos novos conhecidos, permanecendo quase uma semana na casa completamente esquecido do dever militar e inebriado pelo aconchego do bosque. Aprendeu a cantar *Santa Lucia*, uma bela canção referente a Nápoles, e ensinou ao

velho italiano a tocar o Hino Nacional Brasileiro que, malgrado o empenho, a moça sua filha não logrou decorar.

Foi então que o general Mascarenhas, junto com Mark Clark, determinou um derradeiro exercício-teste da FEB e do 5º Exército norte-americano para sentir firmeza na tropa antes de entrar em combate. Isso incluiu o uso de munição real e artilharia pesada. Ainda alvorecia quando um estrondo de canhão despertou Francisco no galpão onde passava as noites. Com o susto, lembrou imediatamente da condição de soldado e correu a se apresentar em Vada. Tão logo apareceu, foi preso e conduzido ao major Alberto Silva, um homem calmo mas que não poupou aspereza ao repreender Francisco pela molecagem: “Hoje você fica na cadeia, seu safado! Mas na hora que a luta for pra valer, eu lhe coloco na linha de frente, visto? Pode se retirar”.

Os comandantes observaram o exercício-teste, ao final do qual convieram que os brasileiros estavam bem treinados. Um dia depois atacaram os nazistas em Camaioire. O soldado “Arruda” do Regimento Sampaio, na vanguarda, borrado de medo.

Marcha feito uma donzela, zombava um. O covarde quer a mamãe, dizia outro. Esta lembrança da mãe o fez esquecer o medo e quedar-se alheio às provocações dos companheiros; como seria estar morto?, será que agora ele estaria prestes a juntar-se à mãe e encontrar a resposta cabal? Francisco tinha esses momentos especulativos em que se ausentava da realidade. Seguiu marchando involuntariamente. Sua indiferença plácida calou a boca dos provocadores.

Logo avistaram as fortificações inimigas. O major Silva convocou um voluntário para espiar o inimigo mais de perto; disse: “Quem se voluntariar dê um passo à frente”. Todos deram um passo à ré, menos Francisco que estava na primeira fila e acabou sendo, involuntariamente, o voluntário. É assim que eu gosto, disse Silva com sarcasmo, olha se não é o Arruda, soldado corajoso! Pode ir, rápido! Francisco fez carreira. Quando ele estava a mais ou menos cem metros das fortificações a artilharia começou a funcionar: os alemães haviam descoberto a Força Expedicionária.

Francisco caiu no chão e prosseguiu agachado; os norte-americanos puseram seus canhões em ação enquanto a infantaria brasileira iniciava a ofensiva. O ataque deu-se lentamente devido à poderosa resistência alemã; curioso é que os homens que mais se gabavam da própria valentia no acampamento eram os que menos avançavam; este primeiro combate foi patético, todos insentivavam a todos mas ninguém avançava, a não ser o pobre-diabo do Francisco que seguia metodicamente seu destino hipnotizado pelo barulho ensurdecido do teatro de guerra. Não usou a metralhadora, nem olhava para frente, rastejou dentro dum capim alto até bater com o capacete no muro da fortificação; três metros acima de sua cabeça um ninho de metralhadora atirava incessantemente. E agora, o que esses loucos querem que eu faça? Jogo uma granada no ninho? Posso matar alguém... Morrerei pela pátria, não matarei por ela. A que ponto cheguei! Pai nosso que estais no céu, santificado seja o vosso nome, seja feita a vossa vontade... Bum!, o ninho de metralhadora ia pelos ares.

Francisco, aparvalhado, pensou: “Sangue de Cristo tem poder!”. Acima dele, uma bala de canhão acertara o alvo, cujo muro, breve, desmoronou quase soterrando Francisco que se esquivou e invadiu a fortificação.

Uma fina névoa de pó pairava no ar; ordens eram dadas em alemão, as quais nosso brasileiro entendia com perfeição; concluindo que um guarda estava sendo designado para tomar conta da brecha aberta, escondeu-se na escuridão de um túnel lateral de onde pôde ver o pavor do guarda a gastar munição desnecessariamente no intuito de rechaçar os brasileiros.

Em tempo, a munição do guarda acabou. Tão logo Francisco percebeu isto, saiu do túnel apontando-lhe a arma e dizendo em alemão: “Entre aqui e tire a roupa”. Depois, mandou-o correr para fora. Vestiu o uniforme estrangeiro, disfarsou a cor da pele com a poeira do chão, e empreendeu a busca ao oficial supremo da instalação. A artilharia norte-americana que havia ajudado, agora estava prejudicando ao causar explosões por onde Francisco cambaleava. Passando incógnito por dezenas de soldados, ele chega ao rés duma torre; lá está o oficial que ele procura. Senhor, senhor, desça aqui, é uma emergência!

Apreensivo, o oficial desce até Francisco, que o conduz à abertura do muro onde ele ordena que o outro jogue fora a pistola e deite no chão. Ele se desfaz do uniforme alheio vestindo novamente o seu que deixara no lugar. Daí, retorna ao lado brasileiro conduzindo o oficial. Naquele dia não foi possível conquistar Camaiore, mas Francisco é promovido a cabo pela captura do coronel Wendt, e aprende a dirigir guiando o carro do general Mascarenhas na ligação entre a linha de frente e o acampamento de Vada; não terá mais que lidar com armas, e o homicídio está definitivamente alijado de sua vida.

Na tarde do dia seguinte, depois de intensa batalha, os alemães, na falta do comandante Wendt, renderam-se. Camaiore era ocupada pelo exército norte-americano. A Força Expedicionária Brasileira continuou rumo a Monte Prano, tomado com facilidade.

Foi então a tropa transferida para o vizinho vale do Serchio, onde ocupou Barga e outras localidades. Lançado contra o importante centro de comunicações de Castelnuovo di Garfagnana, o destacamento, insuficientemente municiado, sem reservas, e em condições de flagrante inferioridade numérica, sofreu seu primeiro revés, tendo de retrair-se ante forte contra-ataque alemão.

Um dia, conduzindo a Barga os generais Mascarenhas e Mark Clark, Francisco é indagado por eles acerca de quais artifícios se valera para capturar o coronel Wendt. É que, além do português, eu falo japonês e alemão, respondeu ele mordendo a língua imediatamente, arrependido da revelação comprometedora. Contudo, a situação foi amenizada com um gracejo de Mark Clark: “Falando estas línguas, meu filho, tu deverias estar do outro lado da guerra, rá rá rá!”. Coisas do Brasil, emendou Mascarenhas.

Chegados a Barga, é organizado um esquema defensivo, durante o qual a divisão brasileira atuou no vale do Arno; no período sobressaem os quatro ataques infrutíferos a Monte Castelo, realizados os dois primeiros por forças norte-americanas

reforçadas por elementos brasileiros, e os dois últimos exclusivamente por tropas brasileiras. Nessa segunda fase das operações, o comando aproveitou a estabilização da frente para aperfeiçoar o preparo dos soldados. Tal medida deu excelentes frutos na campanha ofensiva do Regimento Sampaio, em fevereiro de 1945, quando a FEB conseguiu dominar as posições de Monte Castelo, brilhante vitória logo seguida do duro combate de La Serra. Dias depois, a divisão brasileira obtinha nova vitória com a tomada de Castelnuovo di Vergato.

Com o sucesso, os ânimos ficaram confiantes em demasia, os sobreviventes esqueciam dos companheiros mortos, e a estes últimos é que se devia a sobrevivência dos restantes, pois há muita covardia na guerra, os da retaguarda não se expõe ao perigo e são os que serão recebidos como heróis. Francisco sentia culpa por isso, mas sentiria mais culpa se tivesse que matar para não morrer. Então, numa noite, arranjou lápis e papel, e registrou sua situação na guerra através do seguinte soneto:

A servir no grande forte,  
Fui bravo, valente, e vil!  
Da morte não tive a sorte  
De morrer pelo Brasil.

Lutei pela pátria amada  
Da janela do arsenal;  
Fui homem da retaguarda,  
Soldado de manual.

À guerra foi meu destino  
Fazer guerra qual menino;  
Fui herói só para mim.

Minha honra foi a dos hinos;  
Estão noutros meus feridos;  
Mal-querido foi meu fim.

O original deste poema foi encontrado acidentalmente muitos anos depois por uma professora universitária, que pesquisava história medieval no interior da Itália.

Passado pouco mais de um mês, iniciava-se a “Ofensiva de Primavera” com outro triunfo brasileiro: o ataque e conquista da vila de Montese, cuja conservação custou dias de encarniçada luta por conta da formidável gana alemã. Aproximava-se o fim da campanha na Itália, como nas outras frentes de batalha na Europa. Após a tomada de Zocca e a ocupação de Vignola, a FEB empenhou-se na perseguição das forças alemãs derrotadas e em desordem, vencendo-as ainda em Collecchio e cercando parte delas em Fornovo di Taro, onde a 148ª Divisão de Infantaria alemã e

os remanescentes da 90<sup>a</sup> Divisão Blindada, bem como os da Divisão Bersaglieri italiana, se renderam incondicionalmente aos brasileiros. Estava terminada a campanha.

-4-

Do regresso de Francisco Reinisch  
ao Brasil passando pela cidade de Nápoles;  
e sua volta ao seminário.

Bem, é chegada a hora de nosso herói volver à pátria amada. Agora como herói de guerra, apesar de que ele não se sinta como tal, por ter sido “homem da retaguarda”. Mas, convenhamos, quem foi que em Camaiore atravessou sozinho a linha inimiga sem disparar sequer um tiro e capturou o coronel Wendt? Algum mérito deve ter o cabo Arruda do Regimento Sampaio na gloriosa campanha da Força Expedicionária Brasileira da Segunda Guerra Mundial. Sim, Francisco Reinisch padeceu demais tendo que suportar a solidão por estar alijado de suas afinidades espirituais; teve que enfrentar o inefável conflito de saber que fazia parte duma máquina homicida, e mais: combater os conterrâneos de seu próprio pai, homens em cujas veias pulsava um sangue que ele herdara. Herói de guerra sim!, e dessa maneira é que ele e seus companheiros serão saudados pela população napolitana. Enfim, acabou a guerra na Europa; agora resta esperar os derradeiros combates no Oceano Pacífico, e, com o lançamento de duas devastadoras bombas nucleares sobre seu território, a derrota do Japão.

Nápoles é inteira festa. As tropas aliadas desfilam sob aclamação geral pelas avenidas, passando inesquecivelmente pelo arco do triunfo de Castel Nuovo. Cidade antiga, estilos gótico e renascentista mesclados num cenário que parece ter sido idealizado cuidadosamente em harmonia. Francisco pôde vivenciar todo um clima de pura beleza que nem de longe ele imaginaria nas aulas de história universal no seminário. Era outra civilização, com sabedoria esculpida pelo tempo, maravilhosa... Nestas coisas divagou nosso brasileiro até o embarque de volta.

Talvez tenha comparado a América com um vinho fresco que ainda teria que envelhecer por muitos séculos até adquirir o sabor desejado. Ainda, porém, a civilização humana só colaborava para a deterioração do que havia de belo no Novo Mundo: a natureza.

Aquele sargento norte-americano que declarara a deserção de Francisco acabou ele próprio desertando ao fim da campanha, indo morar com sua amada naquela aldeia campesina da Apuânia. Nos registros oficiais seu nome consta entre as baixas, sendo que apenas seus parentes receberam jubilosos a notícia da sua sobrevivência através duma carta por ele escrita. Findo os combates, o sargento não respondeu à chamada e à noite caiu na estrada num carro roubado. Francisco, no acampamento olhando a Lua, presenciou este fato, compreendeu, e guardou segredo rindo-se na intimidade.

A propósito, no que diz respeito à namorada do sargento, na única vez que a viu, Francisco reparou num seu pequeno defeito físico, o qual consistia em subtrair-

se-lhe os quatro dentes frontais da arcada dentária superior. Isso era patente, aguçando a sempre alerta curiosidade de Francisco, que arquitetou várias teorias para explicar a questão sem ter coragem de perguntar ao sargento a verdadeira causa; poderia desiludí-lo; e a ilusão, uma vez instalada, deve ser mantida; felizes os que cultivam até a morte suas ilusões. Após alguma reflexão, ele aprendeu que era preferível o silêncio às faláceas, e o esquecimento às dúvidas frívolas.

Vê-se que tanto na paz quanto na guerra Francisco assimilava lições de vida. Arrependeu-se de ter transgredido a disciplina do seminário; ele havia errado. Por outro lado, esse erro levou-o a conhecer a vida militar, que por sua vez levou-o a outro continente, no qual suas vivências vieram a ser proveitosas.

A viagem de volta transcorreu bem mais animada que a de ida; os soldados tinham a satisfatória intuição de que haviam feito história; cantavam agora com convicção as canções heróicas. Francisco cantou a Santa Lucia que havia lhe ensinado o ancião barbudo do bosque, foi vaiado, e desistiu de cantar até que chegasse ao Brasil.

Desembarcaram no Rio de Janeiro, recebendo os cumprimentos do presidente da república e desfilando pelo centro da cidade ovacionados pela população. Francisco voltou ao quartel em São Paulo, onde seu comandante insistiu para que ele seguisse carreira no Exército já que obtivera a promoção a cabo, mas ele tinha o firme propósito de ser padre, e desligou-se da corporação. Dirigiu-se ao seminário; encontrou Dom Clemente com a saúde muito debilitada, tossindo ao falar, e falando pouco. Foi readmitido como aluno; soube que as aulas começariam em um mês, e resolveu rever seu pai.

Ao chegar em Sorocaba, não deixou de visitar o Carlos, espanhol da sapataria, agradecendo a ele e sua esposa Maria por ter entregue a carta que enviara ao pai. Feito isto, foi para a fazenda onde encontrou o senhor Christian Reinisch a cortar lenha perto de casa, tinha ainda pleno vigor físico. Vendo o filho, precipitou-se em seus braços contraditoriamente o amaldiçoando a chamar-lhe de ingrato e desobediente. Então não atendeste ao meu rogo para desertar a qualquer custo?, querias deixar-me sozinho no mundo outra vez? Eu não soube disso, meu pai. Mas e a carta que te escrevi? Não chegou; ao menos não a tempo.

Fizeram as pazes. Conversaram tomando café; o pai parecia receoso em dar uma notícia ao filho; era o avô Ismael: morreu tocando cavaquinho de derrame cerebral; foi fulminante. A morte já não abalava Francisco, mais que natural era-lhe corriqueira. Sequer visitou o túmulo do avô. Esteve com padre Silas, e distraiu-se bastante nadando e pescando no córrego.

No mês seguinte, voltava à capital estadual.

-5-

De como Francisco é ordenado  
padre, sendo designado a uma paróquia no noroeste  
do estado, na cidade de Nhandeara.

Logo que chegou ao seminário, Francisco sentiu que algo estranho pairava no ambiente. Foi recebido pelo professor de teologia, frei Lorenzo, que pareceu atencioso em demasia, com um sorriso artificial. Sendo italiano, o frei invocou notícias da terra natal; Francisco lhas deu, falou da campanha militar, podendo finalmente desabafar suas opiniões sobre essa loucura de louvar a valentia. Seus passos os levaram ao jardim interno, onde Francisco certificou-se da impressão inicial, algo ia mau: os canteiros abandonados, as hortaliças murchas, flores secas sufocadas em meio a pragas... Abra o jogo, frei Lorenzo, que há? É Dom Clemente, disse constipado o frei, ele morreu; eu serei o novo reitor. E as regras permanecem as mesmas? Não há porquê mudar. Então, uma vez por semana terei que jejuar.

Aí, frei Lorenzo elucidou a razão do jejum. A disciplina, quando nos priva de algo que desejamos e podemos fazer, serve para contermos nossos desejos quando não é lícito ou possível de serem satisfeitos. A partir deste esclarecimento, Francisco suportou melhor sua gula. Nada ele impunha a alguém, mas nenhuma imposição ele aceitava sem a devida plausibilidade.

As aulas começaram, e tudo voltou à rotina tranqüila da vida religiosa; tranqüilidade que Francisco nunca deixou que se transformasse em monotonia, aprontando discretamente brincadeiras à moda de sua infância. Como da vez em que passou o sal no lugar do açúcar a um colega, que carecia do paladar devido a uma queda, para que o colega o misturasse ao próprio café. Ora, deve ser horrível beber café com sal, mas o outro bebeu com toda a naturalidade, dando ensejo a muita gozação.

Controvertidamente Francisco cativava a amizade dos colegas pelas diabruras que aprontava, e despertava nos professores simpatia pelo esmero com que mostrava interesse pelos estudos. Depois de dois anos, era a figura mais popular do seminário. Por essa época, os colégios católicos da cidade pediram a frei Lorenzo que seus alunos e professores passassem a editar um jornal destinado a entreter e orientar os alunos daqueles colégios. O reitor ficou sendo o diretor do jornal, e Francisco assumiu o cargo de cronista humorístico. A finalidade maior do jornal era, na verdade, doutrinar os jovens contra as outras religiões ridicularizando-as, ou mesmo mostrando sua perversidade. Francisco limitava-se a inventar anedotas mormente sem fundo religioso, mas às vezes brincando com judeus e protestantes. Uma vez, escreveu sobre um rabino que sempre pregava na sinagoga para os judeus não comerem porco; mas, cedendo à tentação, o rabino foi a um restaurante e pediu carne de porco; serviram-lhe um belo leitão assado com uma maçã na boca; nisso, uma

judiazinha o reconhece e diz: “Rabino, o senhor comendo porco?”, ao que ele responde: “É que esse restaurante deve ser muito sofisticado, pois eu pedi uma maçã e olha como ela veio!”.

O jornal atingiu certa popularidade, tanto que serviu para propaganda do serviço militar. Um estudante, filho dum oficial do Exército, levou o periódico para casa; seu pai, que era responsável pelo recrutamento de soldados, viu naquilo um ótimo meio de fazer sua propaganda, e foi falar com o reitor do seminário. Frei Lorenzo lembrou que Francisco havia participado da FEB, solicitando-lhe uma crônica enaltecendo a campanha militar. Não foi difícil. Mas, quando a crônica veio a ser publicada, Francisco atinou que pela primeira vez na vida cometera hipocrisia. Como falar bem do que achava mal? Consolou-se pensando que ele também fôra atraído por uma propaganda do serviço militar, e que cada um que passasse por ele que tirasse sua própria opinião; as lições de vida são melhor aprendidas na prática.

Nos estudos de latim, um seminarista tinha especial dificuldade. Era um filho de japonês chamado Hideo que contava com a paciência de Francisco para ajudá-lo. Ao contrário de Francisco, Hideo ingressou no seminário menos por vocação do que por necessidade. No tempo da guerra, o exército entrou a cavalo (a cavalo!) em sua casa, destruindo a mobília e levando preso seu pai; a família foi obrigada a fechar um pequeno comércio que possuía e a Hideo, sendo-lhe negado emprego em toda parte, restou como último recurso conseguir uma vaga no seminário. Terminada a guerra, ele decidiu sair, mas foi ficando por gratidão. Tomando conhecimento disto, Francisco sugeriu o mesmo que Dom Clemente havia-lhe sugerido quando da quebra do jejum, ou seja, conhecer mais o mundo antes de firmar propósito de ser padre.

Numa tarde de folga, os dois saíram juntos a pretexto de visitar a igreja de São Bento, famosa por sua beleza. Nem passaram perto dela, seguindo de bonde rumo a Avenida Paulista que, naquela época, ainda ostentava muitos palacetes dos barões do café. Desceram à altura duma escola de onde saía um grupo de moças. Francisco ia falar algo quando deu-se conta que Hideo só enxergava as moças; seguiram-nas até certo ponto em que uma delas apartou-se do grupo, este entrou numa rua secundária, mas aquela moça rumou para o parque do Trianon, Hideo atrás dela esquecendo Francisco que o acompanhava. Era ainda uma menina de seus quatorze anos, olhar sério, cabelo castanho e liso caído nos ombros, esbelta, e da pele bronzeada. Ao que ela entrou no Trianon, Francisco perguntou se o amigo continuaria a perseguição. Tenho que conhecer essa menina, respondeu Hideo com olhar perdido. Acercaram-se do banco onde ela se sentara, e por uns instantes ficaram inertes; o silêncio só foi quebrado, com toda delicadeza, por iniciativa dela, perguntando se os rapazes estavam perdidos. Hideo teve ímpeto de dizer que sim, estava perdido de amor por ela. Francisco observou: “Você fala com um sotaque diferente. É de São Paulo?”. Não, sou de Bucaramanga, na Colômbia. O que faz, então, no Brasil, emendou Hideo. Meu pai instalou indústria aqui. Bom, disse Francisco, temos que ir por que já escurece; prazer em conhecer... qual o seu nome? María Carolina González Rojas. E voltaram ao seminário; Hideo contrariado, puxado pelo braço.

A partir daí, sempre que podia, Hideo escapava do seminário para encontrar María Carolina à saída da escola. Tentou aprender espanhol lendo *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote De La Mancha*; quanto ao latim, nem pediu mais a ajuda do amigo, esquecendo por completo de estudá-lo. Um dia, sumiu do seminário. Francisco nunca mais soube dele. Deve ter cedido aos encantos da colombiana, mistura de espanhola com índia dos Andes: artigo que no mundo há sem igual.

O periódico em que Francisco contribuía obviamente tinha um nome, chamava-se FRATERNIDADE. Depois de algumas edições, lendo o que era publicado pelos professores e colegas, Francisco viu que havia uma nítida incongruência entre fraternidade e o que era publicado; as matérias, em vez de incentivar a prática da virtude cristã, atacavam direta e gratuitamente qualquer outra religião que não fosse a católica. Assim, na próxima edição do jornal, no lugar de sua crônica humorística, ele publicou o seguinte soneto, intitulado Hipocrisia:

O que penso e não falo é o que mais me empobrece.  
Tantas coisas perdi tão somente por isso...  
E o que falo e não penso é o que mais me entristece.  
Então a vida perde de todo seu viço.

O ser humano age inconscientemente  
Contra o que deve, mas qual deve parecer.  
Pois ele sem vergonha alguma muito mente  
A si mesmo e aos outros , e assim vive a crer.

E é difícil de escapar desse costume  
Quase unânime, mas o qual ninguém assume  
Pelo medo ancestral da discriminação.

De meu canto contemplo essa vil procissão,  
Denunciando nos versos da poesia  
A mais comum ação que é a hipocrisia.

Depois dessa derradeira contribuição, ele pediu licença para deixar o jornal. Frei Lorenzo não compreendeu, como não havia compreendido a razão do poema grave no lugar do humor, mas aceitou a resolução.

Assim como Hideo abandonou o seminário por causa da colombiana, muitos outros foram abandonando-o por motivos vários que se resumiam na simples falta de vocação, exceção feita aos poucos que saíam devido a carência de recursos intelectuais. Da turma de Francisco, por exemplo, nem a metade chegaria à ordenação. A propósito, os anos passavam e se aproximava a hora da formatura; Francisco nesse tempo todo não visitara o pai nem escrevera carta. Pode parecer

estranho, mas ocorre que se ele permanecia em São Paulo é porque os afazeres o induziam a olvidar a saudade. Sentia-se muito bem no ambiente religioso, sorvia dos livros e aulas a doce ambrosia do saber, e não poderia supor que outrem sofresse com esta situação. Até que recebeu a visita do padre Silas.

Padre, o senhor por aqui?!, exclamou Francisco notando com dissimulado desgosto a presença da senilidade na face de Silas. Minha criança, você já é um homem!, admirou-se o padre. E continuou: “Por que você deixou de nos visitar nesse tempo todo? O senhor Reinisch...”. Que tem meu pai? A solidão, o abandono, desânimo da vida, creio que foi isso: não está mais entre nós.

Silas, antes de voltar a Sorocaba, ainda insistiu que Francisco fosse ver o túmulo do pai, mas o seminarista não achou a idéia lógica, afinal: o que se pode fazer por um morto? Seu sofrimento de estar órfão pela segunda vez só se fez aparente no fim da semana quando teve que rezar uma missa à guisa de legitimar sua formatura; no sermão lembrou como os homens são todos servos inúteis de Deus, e foi comovente ao mostrar a insignificância das criaturas perante o Criador que mesmo assim as ama, dando o exemplo duma planta que é regada por um homem, mas não tem olhos para ver o homem, e da mesma forma o homem é cuidado por Deus sem que o veja, porque Deus sabe do que o ser humano necessita mesmo antes que este peça.

Enfim, Francisco foi ordenado padre.

Quase na fronteira com o estado de Mato Grosso do Sul, uma paróquia dirigida por um tal de frei Anselmo requisitou outro religioso para auxiliá-lo. E lá foi Francisco para a cidade de Nhandeara, noroeste de São Paulo.

-6-

Do que se sucedeu com  
Harumi desde que foi levada pela família  
para longe de Francisco.

Por onde andar e como estará Harumi, a amiga de infância de Francisco? O leitor deve estar curioso em saber o que foi feito de tão importante personagem na vida do nosso herói.

Advirto que ela não prosseguiu nos estudos. Em breve já era uma moça crescida. Aprendeu a lidar com os afazeres domésticos, e só aguardava um bom partido para se casar.

O senhor Hideki e seu amigo italiano tiveram sucesso com o negócio da sorveteria que abriram na cidade de São José do Rio Preto, região noroeste de São Paulo. Não havia concorrência, e a novidade virou moda, agradando crianças, velhos, cavalheiros e damas. Os lucros aumentavam a cada dia. Mas, quem pensa que com a abundância financeira a família de Harumi tinha tudo para ser feliz, engana-se.

O italiano, cujo nome, por questão de discrição, é melhor permanecer oculto, desandou a esbanjar dinheiro em festas, roupas finas e supérfluos. A princípio presenteava freqüentemente com jóias sua esposa, mas só a princípio. Logo tornou-se omissa para com a mulher, inclusive pernoitando fora de casa. Certa noite, desconfiada, ela decidiu seguir o marido: se fosse apenas um passeio à casa das mulheres públicas ela poderia até perdoar, contudo o marido tinha uma amante! Não fez escândalo; calculou friamente sua vingança; pagaria com a mesma moeda. Empreendeu seduzir o empregado do marido, o que acreditou ser o máximo de perfídia. Ora, ela era uma mulher madura, mas não tivera filhos, e permanecia deveras atraente. Hideki, que não era muito ajuizado, foi presa fácil para a mulher do italiano, quedando-se por ela loucamente apaixonado. E os dois fugiram, sumindo nos confins do estado e, quiçá, do país.

Agiu mal o senhor Hideki, e pior ainda a esposa do italiano guiada pelo ignóbil impulso da vingança. Quando Fumiko soube da fuga, nem pôde reagir, pasmada que estava; passou o dia em total silêncio; de madrugada fez-se pendurar pelo pescoço na extremidade duma corda. Harumi foi quem primeiro a encontrou morta de manhã, oscilando no quintal entre uma árvore e a casa.

O italiano pouco se importou com o ocorrido. Aceitou que Harumi fosse ocupar o lugar de Hideki na sorveteria e, para o lugar da esposa, trouxe para casa sua amante, uma viúva jovem e pródiga.

Este último predicativo da viúva levou o italiano a ausentar-se mais e mais dos negócios, volta e meia viajava a passeio à capital, até contrair dívidas, deixando todo trabalho sob a responsabilidade da jovem Harumi. Vislumbrando a falência iminente,

sem vacilar ela astutamente agarra o primeiro bom pretendente e casa-se com ele, indo morar numa fazenda do município de Nhandeara.

Quase nada se sabe do marido, Oswaldo Gogliano; morreu precocemente deixando Harumi grávida. Nasceu uma menina, e os anos foram passando...

-7-

De como Francisco  
reencontra Harumi através  
da filha dela.

Vê-se pelos últimos capítulos que os dois amigos de infância, sem saber, voltam a se aproximar; Harumi residindo em Nhandeara; e Francisco indo para lá.

Nuvens cinzentas e espessas varriam o céu paulista neste verão de 1950 quando o trem parou na estação de São José do Rio Preto. A viagem desde a capital fôra cansativa e demorada num banco duro de madeira, mas Francisco, no auge da vitalidade, assim que desceu bastou esticar as pernas para recobrar o entusiasmo e continuar o caminho, agora de ônibus. O destino era Ilha Solteira, todavia era um ônibus chamado “Parador”, pois parava em Mirassol, Monte Aprazível, e outras cidades menores. Nisso que tanto pára, a chuva anunciada desabou torrencialmente sobre a estrada de terra. O ônibus atolou; os passageiros tiveram que descer para empurrá-lo e Francisco por conseguinte enfiou a calça na lama, de modo que chegou num estado lastimável em Nhandeara. Porém, a disciplina religiosa o havia habilitado a ignorar automaticamente esse tipo de contragostos.

Só existiam duas igrejas na cidade: a dos protestantes (dita dos crentes) em Vila Aparecida, e a dos católicos no centro. Todas as vias públicas eram de terra, salvo uma rua principal, de pedras, onde ficava a prefeitura. Nesta rua desceu Francisco dando de cara com a praça central e a igreja matriz, para onde rumou. Encontrou-a vazia; apenas um mendigo esmolava à porta: “Senhor, uma esmola pelo amor de Deus”. Amor de Deus eu já tenho, mas, diga-me: onde mora o frei Anselmo? Naquela casa ali da esquina. Agradecido, tome estes dinheiros. Obrigado.

Na varanda estreita da casa paroquial, Francisco encontrou o velho frei Anselmo estendido numa rede a fazer a sesta dormindo. Morbidamente dormindo; a boca semi-aberta, olhos fechados parecendo estarem abertos, estático. Realmente ele precisava de ajuda, passava da hora de se aposentar. Francisco sentou na mureta frontal, pôs a mala de lado, e permaneceu em silêncio, na chuva, esperando o despertar do velho.

Um relâmpago riscou a celeste abóbada. Com o estrondo que se seguiu, Francisco sobressaltou-se, e frei Anselmo caiu da rede: “Diabos, que merda!”. Vejam só!, é assim que fala um homem de fé?, admirou-se Francisco, eu sou o padre que o senhor requisitou. Sabe como é... o que os olhos não vêem e os ouvidos não escutam, os fiéis não sentem; a gente aprende isso, note que eu já estou nessa profissão há meio século. Meu nome é Francisco Reinisch. Sim, sim, tenho planos para você, meu jovem; nada de muito pesado, apenas celebrar as missas da manhã (pois custa-me acordar cedo) e organizar um grupo de catequese para crianças.

Francisco foi convidado a entrar na modesta casa paroquial, lavou sua roupa, e depois de tomar banho descansou. No jantar, frei Anselmo contou como ajudara a fundar a cidade, explicou a origem indígena do nome Nhandeara que quer dizer “nosso paraíso”, e justificou ainda não ter um grupo de catequese pelo fato de a maioria da população viver na roça. Esta justificativa não convenceu Francisco que sugeriu que ao final das missas os pais fossem convocados a mandar seus filhos à catequese. As aulas seriam nos finais de semana.

No domingo, terminada a missa vespertina, frei Anselmo deu a notícia. Harumi estava presente.

Sábado da semana seguinte, entre as crianças que se apresentaram para a primeira aula, chamava a atenção uma menina com sutis feições orientais: haveria de ser mestiça. Francisco perguntou seu nome e o de seus pais. Chamava-se Fernanda Gogliano, filha de Harumi e do falecido Oswaldo. E sua avó? Acho que o nome dela era Fumiko. Sem sombra de dúvida, pensou Francisco, encontrei minha tão querida amiga de infância! Deu a aula com olhos só para a pequena Fernanda; ao final, despediu os outros e convidou-a para merendar. Enquanto ela comia, ele escrevia num papel, o qual pediu para Fernanda entregar à mãe. Constou no papel apenas o seguinte soneto:

Calma dormes, menina do teu pai.  
 Eu de tudo cuido, velo e protejo;  
 E enquanto o dia clareando vai,  
 Antes que despertes te dou um beijo.

Dou-te, com amor, um beijo na testa  
 Sabendo-te pura e angelical.  
 E fitando-te vou-me; o que me resta  
 É aceitar da despedida o mal.

Nos unimos com laços de amizade.  
 Eu, procurando tudo que te agrada,  
 Do que me agradava já nem mais sei.

Mas um dia tu ainda chorarás  
 Por faltar-te o pai que nunca terás;  
 E eu por ti, filha que nunca terei.

Francisco Reinisch

Lendo o poema e o nome do autor, Harumi chorou. Domingo ela acompanhou a filha à cidade. Logo que entrou na sacristia não reconheceu o amigo, mas Francisco a abraçou comovido. Harumi, o que é o fadário da existência... veja, você já é

mamãe, e que filhinha linda! Você virou padre? Muita coisa aconteceu desde nossa separação, nem imagina, até pra guerra eu fui.

Conversaram demoradamente. O antigo afeto renascia, mas com ele um novo sentimento despertava.

-8-

De como Francisco  
renuncia ao sacerdócio para casar-se  
com Harumi, e teoriza sobre a posse  
da terra e tratamento dos animais.

Chamava-se Fazenda Mato Grosso a propriedade onde Harumi e Fernanda residiam. Tiravam seu sustento da plantação do café e da criação de vacas leiteiras. A terra não era muita; José Barbosa de Oliveira, o único empregado, bastava para dar conta do serviço. José tinha o apelido de “meia-garrafa” devido à sua baixa estatura; isto, somado com as peculiaridades anatômicas da cabeçorra e do bigode que ostentava, poderia dar margem aos genealogistas para especular seu provável parentesco com Rui Barbosa, famoso diplomata da república. Contudo, “meia-garrafa” mal sabia assinar o próprio nome, o que também não quer dizer nada, visto que ignorância nunca foi sinônimo de debilidade mental. Ele era prestativo e exímio carpinteiro, tendo sozinho construído sua casinha de madeira ao lado da de Harumi.

Sabe-se que a tranqüilidade é uma das perenes buscas do ente humano que, sendo contraditório por natureza, quando a encontra em abundância passa a ver a vida com olhos entediados. Claro, esta regra tem exceções; José, por exemplo: agraciava-lhe ser de índole inerte, convivendo bem com a bonança da fazenda. Já Harumi, inquieta desde tenra idade, mormente após o falecimento do marido quedara insatisfeita.

A insatisfação Harumi deixou aflorar propositalmente durante as freqüentes visitas que ela e Francisco empreenderam trocar entre si desde o reencontro. Fez bem, ao menos para o fim que formulara. Ocorreu-lhe que a batina clerical não ornava com suas lembranças do amigo, acreditando ser um dever encaminhá-lo a outro destino. Em verdade o que sentia era o afeto infantil agora desaguando no turbulento mar do amor. A condolência que a princípio Francisco sentiu pela amiga também foi lhe confundindo; e para clarear sua alma bastava uma palavra: amor. Harumi resolveu a questão através do simples senso prático que possuía pedindo explicitamente que Francisco a tomasse em matrimônio. Frei Anselmo teve que requestrar outro ajudante.

Assim, chegou a Nhandeara um padre novato, de nome Antônio, ainda a tempo de celebrar seu primeiro casamento, o de Harumi e Francisco Reinisch. O leitor atento deve ter estranhado o fato de Harumi se casar pela segunda vez na igreja; ocorre que quando casou com Oswaldo Gogliano o fez apenas perante a justiça, ou, como é costume dizer, no civil. A celebração foi feita com a igreja quase vazia; digo quase, por que algumas pessoas compareceram, mesmo sem terem sido convidadas, por não terem nada melhor a fazer.

No começo Francisco sentiu-se incomodado por ir morar na fazenda que Harumi herdara do marido, mas o bem-estar de retornar à vida rural superou o incômodo.

Agora ele não era mais colono, era patrão. Um dia, acompanhando “meia-garrafa” na ruagem do cafezal, teve um estalo de lucidez. Reparou enternecido a figura humilde daquele homenzinho que trabalhava mansamente a terra alheia; lembrava seu pai que não possuía a terra, mas trabalhava agradecido por ser colono e poder morar nela. Quanto a si, o que legitimava seu direito de posse? A herança que Harumi recebeu. Uns herdam, outros compram, e assim a terra vai passando de dono para dono... Se foi Deus que criou todos os seres humanos, o que dá o direito a uns de ter a posse e alienar os restantes deste mesmo direito? A posse da terra é um roubo!

Francisco comunicou essa excêntrica idéia à esposa, propondo nada menos que eles doassem a fazenda ao senhor José Barbosa de Oliveira. Harumi trouxe de volta à realidade o idealismo do marido, explicando como era inócuo tentar mudar a ordem social do mundo, pois o mundo é muito grande, poderosos interesses o regem..., enfim, tentou conformar Francisco que depois de bastante pensar sentenciou: “É, se doarmos a fazenda ao José, ela só vai mudar de dono, e será pior para nós que viraremos empregados”. O que podemos fazer, disse Harumi, é dividir os lucros: metade da colheita é dele, e metade do leite também; mas na verdade a gente nunca dividiu nada, comemos sempre na mesma mesa.

Já que José e os Reinisch compartilhavam fraternalmente os proventos da terra, Francisco decidiu compartilhar o trabalho igualmente. Habitou-se a despertar de madrugada para ajudar na ordenha das vacas. Em Sorocaba não lidara com gado, custou a aprender o processo, e no início atrapalhava mais do que ajudava. Admirou que os bovinos, tão mais fortes, acatavam servis a sujeição ao homem; teve pena dos filhotes ficarem apartados das mães, e servirem para atraí-las ao curral pela manhã e ludibriá-las durante a ordenha. Logo idealizou outro disparate. Queria que os animais pastassem livremente pelo campo com suas crias, e fosse abolido o curral da ordenha. Loucura.

Loucura? Não. Você está é com preguiça de tirar leite toda manhã, argumentou Harumi.

Desta feita o “meia-garrafa” interveio, por que interessava-lhe continuar o retiro do leite: “Francisco, veja bem... olha lá que isso vai dar pra trás; o café só vem uma vez por ano e tem os seus riscos, além de ser pouco. Já o leite é todo dia e acho que sem ele nós não agüentamos”.

Até a menina Fernanda ajudou a dissuadir o padraço da sandice elucidando que quando comemos carne somos coniventes com o assassinato dos animais, o que obviamente é pior que tirar-lhes o leite.

Francisco conformou-se em prosseguir na ordenha. Todavia, devido às palavras de Fernanda, nunca mais pôs carne na boca.

Quanto à vida de casado propriamente dita, Francisco descobriu que ter mulher era bom. Os meses passaram, e em breve nasceu o primeiro filho ao qual Francisco, lembrando o comandante do navio que o levava a Itália, deu o nome de Dario.

-9-

Começam as experiências  
científicas rudimentares de Francisco  
na fazenda.

O cafezal já estava formado; Francisco e José retiravam o leite de manhã, almoçavam, e tinham o resto do dia praticamente livre, a não ser que houvesse uma vaca parindo, uma bicheira para curar, ou algo a resolver na cidade, o que era muito raro.

Fernanda permanecia a semana inteira em Nhandeara na casa de um tio afim de estar mais próxima da escola. José gastava as tardes a fabricar utensílios e brinquedos de madeira que comercializava num bazar de libaneses na cidade, gostava também de rotineiramente vistoriar a cerca da fazenda quando se sentia um verdadeiro senhor feudal; isso quando não enchia o bucho de água-ardente, o que era mais comum, pois todo dinheiro que ganhava no bazar virava cachaça, razão pela qual ele afirmava que nunca poderia arranjar uma esposa por já estar casado com a bebida. Harumi era mui zelosa pelo recém-nascido Dario, mas rejeitava os afazeres domésticos, trocando-os por qualquer jogo de baralho, costume que adquiriu com o falecido Oswaldo. Resulta que as horas livres de Francisco tinham que ser dedicadas a fazer companhia à esposa no jogo.

No começo Harumi se entretreu demais nas tardes de jogo com o marido, mas depois foi percebendo uma gradativa displicência dele: “Francisco, você está me deixando ganhar; assim não dá! De agora em diante vou jogar com a comadre Josefa como costumava fazer”. Assim, ela pegava Dario e ia ao sítio vizinho encontrar Josefa, livrando Francisco para fazer o que quizesse.

E o que ele queria? Dedicou dias à meditação infértil até dar-se conta que o que mais havia na fazenda eram seres vivos, ele estava rodeado de vida por todos os lados. Achou que seria divertido construir uma biologia.

Primeiro sistematizou o estudo classificando os seres vivos em dois grandes grupos: vegetal e animal. O que os distinguiu era a locomoção, propriedade característica dos animais, da qual os vegetais seriam desprovidos. A partir daí adotou outros critérios de classificação, tais como ciclo vital, modo de nascimento, reprodução, e mais alguns.

Um dia, ordenhando uma vaca, quis saber como o leite era produzido. Creio que só abrindo o bicho pra ver, disse José.

Desde então Francisco ficou ansioso que uma vaca morresse, afim de poder desvendar o mistério do leite, dissecando-a.

Pare de ficar agourando as pobres vaquinhas, disse-lhe Harumi ao saber da sua sinistra intenção. Mas querida, eu não vou matar; farei tal qual o urubu: espero morrer primeiro, depois...

Doido!, foi o veredito de Harumi. Ai meu Dario, continuou embalando o filho no colo, você não vai perder o juízo igual seu pai, vai? Lembrando bem, acho que ele nunca teve; é moleque até hoje.

Demorou quase dois anos para uma vaca adulta morrer. Entanto Francisco estudava o sistema circulatório das plantas, e tentava explicar a cor verde das folhas em geral. Harumi teve mais duas filhas: Renata e Lucilene. Por essa época Dario já conseguia andar, e acompanhou José campo adentro procurando uma vaca da qual tinham dado falta. Encontraram-na atolada; a cena grotesca ilustrava perfeitamente a figura de linguagem da gíria popular quando diz que “a vaca foi pro brejo”, significando que tudo deu errado. José e Francisco tentaram salvar o animal laçando-o pelo pescoço e puxando, sem êxito. Tiveram que chamar o trator da prefeitura que conseguiu desatolar a vaca, porém, fraturando-lhe o pescoço. Era a oportunidade esperada.

O trator arrastou a vaca morta até o terreiro de secagem do café, onde deu-se a dissecação num estilo bem rudimentar, com faca de cozinha e a céu aberto, debaixo dum forte sol. Fazendo a observação a olho nu, Francisco só pôde chegar a uma conclusão superficial. As glândulas mamárias eram irrigadas por sangue que provavelmente alí sofria uma ou mais reações químicas para se transformar em leite. Certo, não havia milagre. O processo era químico.

Harumi viu o lado prático deste estudo orientando Francisco a destrinchar o resto da vaca antes que começasse a apodrecer, além do que a colheita do café estava perto e o terreiro tinha que ser limpo. Então, ela salgou a carne e a distribuiu entre Josefa e outros vizinhos, como era costume nos tempos em que o meio rural não conhecia eletricidade e muito menos geladeira. Até meados deste século, mesmo nas grandes cidades brasileiras este costume fraternal prevalecia, sendo os bairros verdadeiras famílias; eram também os tempos das serestas que podiam começar com um melódico solo de flauta... logo um vizinho chegava com um violão no acompanhamento, alguém vinha batucando um pandeiro, e assim as noites se alegravam com saudosa simplicidade.

Mas, voltando à fazenda, a dissecação da vaca não se limitou ao estudo do leite. Francisco aproveitou para estudar os órgãos internos, notou que cada tecido tinha uma função colaborando uns com os outros; daí teorizou que, em tempos remotos, as células que constituíam os órgãos viviam independentes, cada qual com suas características, até que por acaso passaram a colaborar entre si formando colônias que por sua vez originaram as primeiras plantas e animais. Harumi achou esta teoria uma delirante heresia; ora, será que o marido havia esquecido o livro do Gênese? Eis o lamentável conflito entre ciência e religião.

José divertiu-se com a teoria do patrão crendo-a bem possível, mas ao fim sentenciou: “Bicho, para mim, é apenas um grande tubo digestivo”.

O que, portanto, faria funcionar esse tubo digestivo? As víceras produziam substâncias para a digestão; contudo, abrindo os órgãos, nada além de tecidos era visto. Mesmo o coração, o que o faria pulsar?, e o que ocorreria no pulmão? Um dia,

vendo Harumi a preparar o jantar, Francisco contemplou a lenha se transformando em carvão, e de um salto exclamou: “A resposta está na Química!”.

-10-

As incursões  
de Francisco nos domínios da Química,  
que o levou à capital paulista.

Ou devido aos estudos com técnicas rudimentares, ou por realmente crer que as mães são mais capacitadas para tal ofício, Francisco influenciava um mínimo na educação dos filhos, limitando-se a narrar-lhes contos, alguns verídicos, outros fictícios. Na verdade ele virava um grande menino no meio dos filhos, lembrando as travessuras que aprontava quando criança em Sorocaba. Mas aconteceu que o tio de Fernanda, que a acolhia na cidade durante a semana, apareceu com a sobrinha na fazenda certa manhã comunicando a Harumi que Fernanda não ficaria mais na casa dele por que flagrara-a beijando um rapaz. Harumi já queria catar uma vara de marmelo para bater na filha quando Francisco interveio apaziguando os ânimos. Primeiro pediu desculpa ao tio de Fernanda, prometendo que isso não se repetiria. Depois, dirigiu-se à menina nos seguintes termos: “Minha querida, você deve ter visto outra mocinha dando beijos por aí, e quis fazer o mesmo para se exhibir, não é? Que ridículo... quem namora quer casar, e para casar há que ser adulta. Olha, falta pouco, espere uns dois ou três anos, está combinado?”. Fernanda admitiu a imaturidade, pois não sentia atração pelo rapaz que beijara, prometendo se comportar. Assim, ela pôde voltar à casa do tio.

Algumas questões familiares qual essa, e o cotidiano trabalho, embora nunca afetassem a calma de Francisco, estorvavam-lhe a concentração nas pesquisas químicas para as quais dispunha de recursos precários. Houve um caso, dentre suas inúmeras desventuras, digno de ser contado. Francisco estava sentado na soleira do galpão, abatido por mais um fracasso na tentativa de isolar o agente estimulante do café, quando José pôs-lhe as mãos nos ombros, e disse: “A vida é dura, meu amigo”. Francisco, displicentemente confirmou: “É... a vida é dura”. Ao que José emendou: “Para quem é mole!”. José ficava muito engraçado estando bêbado.

O êxito maior alcançado por Francisco no tocante ao café foi forçar a casca e a poupa separarem-se da sua infusão, o que qualquer pessoa dispondo de um coador de pano ou papel poderia fazer. Desacorçoado, ele acrescentou açúcar no líquido resultante e bebeu. Aí surpreendeu-se com a idéia de que o açúcar é que era estimulante, mas como sempre era misturado ao café, atribuía-se a este último aquela propriedade. Então, passou a ministrar água com açúcar para curar as bebedeiras de José, o que só agravava o efeito do álcool; por outro lado, o café sem açúcar surtia efeito. A teoria falhara.

As descobertas de Francisco usualmente eram triviais e óbvias, muitas não merecendo ser relatadas, todavia a verdade é sempre óbvia uma vez provada. Ele que jamais estudara Química em compêndios, achava tudo novidade; como, por exemplo,

quando descobriu o “equilíbrio de densidade”, para usar suas próprias palavras. O experimento nasceu por acaso. Harumi deixara uma caçarola de feijão esfriar; Francisco, procurando o que comer, destampou a panela e enojou-se com a gordura que boiava sobre o caldo. Logo, pensou que se a gordura boiava seria por que esta era mais leve que a água. Quem sabe se uma maior quantidade de gordura para um mesmo tanto de água faria a gordura afundar? Então, pegou um copo e nele colocou um pouco de água; em seguida foi acrescentando óleo, mas o copo chegou a encher-se e a água ainda permanecia no fundo. O que importava era a densidade, não a quantidade: para um mesmo volume a água invariavelmente pesava mais que o óleo.

Buscando uma substância cuja densidade fosse igual à do óleo, Francisco misturou óleo com o álcool que José andava bebendo na falta da cachaça; desta vez o óleo é que afundou. Então, fez uma solução de água com álcool. Primeiro encheu pela metade um copo com álcool, adicionou uma pequena medida de óleo, e José começou a pingar a água. O óleo, inicialmente todo no fundo, foi subindo até formar uma esfera no centro do copo. Era, portanto, possível manipular a densidade das soluções! Dario, que presenciara a experiência, lembrar-se-ia para sempre disto como uma divertida brincadeira do pai.

Outra questão que intrigava Francisco era o “apodrecimento do ferro”, ou seja, a ferrugem, a oxidação. Por que o ferro das enxadas era corroído, ao passo que as engrenagens de ferro lubrificadas do amassador de pão pouco se desgastavam? Era possível que isto se devia ao fato da enxada sofrer um uso mais forçado. Para tirar a prova, Francisco poliu duas lâminas de ferro, deixando-as totalmente limpas; uma ele submergiu num pote com graxa, a outra ele guardou numa estante do galpão. Quando a do galpão ficou bem enferrujada ele removeu a graxa da segunda lâmina examinando que nesta quase inexistia ferrugem, e fez a seguinte anotação: “O contato com o ar provoca ferrugem no ferro. Nos animais, analogamente, é capaz que dentro do pulmão ocorra uma reação química semelhante”.

Mas o que tinha o ar para causar ferrugem?

A chave para o enigma veio numa festa de São João no sítio da comadre Josefa. No meio do terreiro uma fogueira iluminava a noite, e sob suas brasas eram assadas batatas-doces. José bebia quentão, um sanfoneiro enchia o ambiente de música, os convidados dançavam, e as crianças imitavam os adultos do jeito que dava. Francisco pensava na maneira que o fogo transformava a madeira em carvão. A tese nenhuma chegaria se não tivesse presenciado o fim da festa consumado com Josefa cobrindo a fogueira com terra para extinguir o fogo. Da mesma maneira que a graxa havia separado o ar do ferro, a terra separava a madeira do ar impedindo a combustão. Daí Francisco concluiu que o processo de ferrugem era um tipo de combustão. Para finalizar, ele botou um toco de vela aceso dentro dum copo de vidro tampando-lhe a boca; em segundos a chama se apagou, mas ainda existia ar dentro do copo pois não se fez vácuo para dificultar sua abertura. Portanto, não o ar como um todo, mas um seu componente é que viabilizava a combustão e a ferrugem. Ou ele poderia ter chegado ao famoso postulado de Lavoisier: nada se cria, nada se acaba, tudo se transforma. Mas não foi o caso.

Infrutiferamente, por anos Francisco buscou descobrir quantos eram os componentes do ar, e separá-los. Pensou também em decompor a água, igualmente fracassando. Vendo-se exaurido de técnicas, Francisco deliberou empreender uma viagem à capital estadual afim de comprar livros e equipamentos. Harumi, agora já conformada com as pesquisas do marido, aprovou sua vontade apesar de lastimar o gasto pecuniário que a viagem consumiria.

Francisco juntou as escassas economias da família, e partiu.

-11-

De como Francisco  
submete a Biologia e a Química  
às leis da Física como regedoras do  
mundo perceptível.

Francisco voltou entusiasmado da viagem. Trouxe reagentes, dois ou três livros, e alguma vidraria de laboratório. Agora, pasmem, trouxe também a maior novidade dos últimos tempos, uma invenção que marcaria o século: o televisor.

Harumi se desesperou: “Você gastou todo o nosso dinheiro neste trambolho?!”. Quase todo, respondeu com inocência Francisco, mas ainda deu para comprar outras coisas. E, pendendo a cabeça para um lado, Harumi se lamentou: “Eu desisto...”.

A criançada logo fez uma roda em torno do aparelho. Francisco se juntou aos filhos dizendo: “Aqui dentro desta caixa existe um monte de bonequinhos que andam e falam!”. Põe eles pra mexer, disse Dario.

José, que apesar de bêbado tinha momentos de invejável lucidez, obtemperou: “Não estou vendo onde colocar óleo nessa máquina, e, com esse fio que sai cá detrás, deve funcionar com a tal da eletricidade que a gente não tem na fazenda; que tristeza...”. Francisco caiu sentado.

Mas, no decorrer da semana, ele achou num dos livros um modelo de pilha que poderia fornecer a eletricidade. Com a ajuda de “meia-garrafa”, algumas sugestões de Harumi, e os reagentes trazidos da capital, a pilha foi construída. Ligaram o televisor à pilha, contudo, para decepção das crianças, os ditos bonecos não apareceram. Será que a força gerada era muito fraca, ou nenhuma eletricidade aparecia?

Pondo os dedos simultaneamente nas extremidades da pilha, nada era sentido. O teste final foi tentar separar os dois elementos componentes da água através duma corrente elétrica. A pilha passou no teste desta desidrólise da água. A força é que era fraca para um televisor.

Então, José deu uma solução mais fácil. Foram a Nhandeara, compraram baterias para rádio, e as ligaram em série com o televisor. Um chuvisco apareceu na tela; experimentaram todos os canais, mexeram na antena, mas remanesceu apenas um chuvisco sem imagem. O aparelho só serviu de enfeite na sala, e juntou poeira ainda por muitos anos até que se instalassem estações retransmissoras para o interior do estado das ondas eletromagnéticas emitidas em São Paulo.

Embora estudando Química, o objetivo de Francisco era a Biologia. Após realizar algumas experiências químicas que aprendeu nos livros, ele uniu numa idéia três áreas do conhecimento: Biologia, Química e Física. Notou que ao fazer esforço físico ele sentia calor, e algumas reações químicas produziam calor; portanto a energia química produzia movimento, ou melhor, energia mecânica, e calor no ser vivo. Para completar, ele reparou que não bastava água e terra para uma planta viver;

uma muda de café, que ele deixou no escuro do galpão, morreu por falta de luz; além disso, os animais também precisavam de luz, pois a base de toda cadeia alimentar eram plantas. Faltava estudar a luz.

Com os meios rudimentares de que dispunha, a nenhuma conclusão chegou sobre a decomposição das cores e outras propriedades da luz, a não ser a de que ela se propaga em linha reta. Mas cogitou que havia uma possibilidade de a luz ter velocidade limitada. Para comprovar a idéia, saíram à noite ele e José munidos cada um com uma lâmpada a querosene, e postaram-se na estrada a mil metros de distância um do outro. Num momento, Francisco cobriria sua lâmpada com um pano; quando esta mensagem chegasse a José, ele deveria fazer o mesmo, retornando o sinal a Francisco que contando o tempo de ida e volta e sabendo a distância percorrida poderia calcular a velocidade da luz. Mas pareceu a Francisco que seu movimento e o de José eram simultâneos. Chegando em casa, disse a Harumi: “Se a velocidade da luz não é infinita, é rápida demais para ser medida”.

Ora, mas isso já era estudar Física. Também os fenômenos químicos se deviam ao modelo físico dos átomos. E os seres vivos eram ricos laboratórios químicos. Francisco verificou que toda a matéria bruta ou viva do mundo perceptível estava submetida às leis da Física.

-12-

De como Francisco  
passa a acreditar num princípio  
único para todas as forças; e Harumi  
propõe onde estará Deus.

Fernanda, em tempo, atingiu a idade adulta; já havia terminado a escola, mas permanecia na casa do tio para facilitar seu noivado com um funcionário da prefeitura. Noivou seis meses até casar, emancipando-se definitivamente da mãe e do padrasto. Padrasto é uma palavra um tanto feia; Francisco, apesar de nunca ter perdido a postura juvenil, foi junto com o tio um verdadeiro pai para Fernanda.

Conforme os filhos cresciam, e outros iam nascendo, Harumi tinha que fazer novas roupas. Certa vez, quando ela costurava um vestido, um alfinete escapou caindo no chão. Para achá-lo, usando da sabedoria feminina, pegou a tesoura e foi rastreando as redondezas até o alfinete grudar na tesoura. Francisco, observando o ocorrido, viu que aquela atração entre alfinete e tesoura era uma força da natureza.

Dias depois, tirando leite, ele escutou uma vaca defecando; virou-se e pela primeira vez reparou como o estrume era atraído pelo chão. À noite, numa observação menos escatológica, admirou-se de como Terra e Lua jamais se separavam... outra força da natureza!

No dia seguinte, depois do almoço, fazendo a sesta naquele torpor entre o sonho e o delírio, Francisco imaginou flutuando no ar um modelo de átomo igual ao que um dos livros descrevia: o núcleo formado por neutrons e prótons, em torno do qual orbitavam os elétrons. Contemplou-o preguiçosamente fazendo-o bailar para lá e para cá. De repente acordou sobressaltado com a revelação de que estava diante de uma nítida contradição. Se os neutrons não tinham carga elétrica, como é que os prótons de mesma carga não desgarravam-se do núcleo? Alguma força qualquer devia estar atuando. E por que os elétrons não perdiam sua energia e colapsavam para dentro do núcleo? Era outra força.

Quatro anos mais tarde, após uma viagem de estudos insatisfatória à capital do estado e quase ensandecido por teorias que careciam de instrumentos para comprová-las, Francisco fez uma comparação entre as transformações de energia nas suas diversas formas e as várias manifestações de força do universo. Da mesma maneira que a energia da vida em nosso planeta principiava com a luz do Sol, e então se transformava em energia química, mecânica e térmica; assim também as forças magnética, nuclear e gravitacional poderiam ter um princípio único.

Minha querida, minha companheira desde a infância, que consolo terei se não consigo ver o objeto de meu estudo?, lamuriou Francisco à esposa, creio que chegarei a velho sem nunca esclarecer todas as leis do mundo material. Harumi, pois, maternalmente consolou o marido: “Lembra quando nós éramos criança e você era

ateu? Então eu lhe disse que Deus poderia estar no que a humanidade não conseguia explicar. Está muito além da nossa sensibilidade compreender Deus, eis o mistério da fé. Até o fim dos tempos haverá algo a ser explicado, por que sempre existirá Deus”.

A partir daí, Francisco voluntariou-se a ajudar padre Antônio (o mesmo que celebrou seu casamento) nos finais de semana. Lecionou catecismo.

E quando alguém lhe perguntava: “Como está?”, ele invariavelmente respondia: “Estou na mais obscura ignorância...”.

Francisco morreu num ano glorioso para a ciência que ele tanto investigou. Vendo o pai no leito de morte, Dario promete que sempre se lembrará dele com orgulho. Francisco responde: “Nada há para ser lembrado, eu fui apenas mais um servo inútil de Deus”; estas foram suas últimas palavras. No ano em que a Lua foi primeiro pisada pelo homem, morre Francisco Reinisch.

## EPÍLOGO

Não me pareceu pertinente averiguar a vida nem os nomes dos vários primos de Francisco, na medida em que pouco ou nada influenciaram neste sucinto relato.

Quanto a sua avó materna, tenho dúvida que se chamasse Rosângela ou Isabel. É possível que tenha feito doces cada vez melhores até morrer.

Padre Silas cuidou das almas da freguesia rural de Sorocaba até se aposentar, indo residir na casa de um sobrinho em São Paulo, e findou seus dias certo de que Francisco continuara no sacerdócio.

José Barbosa de Oliveira, o “meia-garrafa”, colheu café, retirou leite, trabalhou com madeira, e bebeu muita cachaça até vir a falecer antes da velhice devido a uma fulminante cirrose hepática.

Harumi vive hoje na cidade de Nhandeara com a filha Fernanda, a qual lhe deu um casal de netos: Kelly e José Eugênio. Sabe-se que Harumi e Francisco tiveram muitos filhos, um dos quais: Dario Reinisch, eminente astrônomo do Observatório Nacional, que transmitiu-me a tarefa de dar ao mundo conhecimento desta Singela História De Um Brasileiro, exemplo de vida para as futuras gerações.

\* \* \*

E aqui Zé Ninguém encerra seu empreendimento literário, satisfeito na medida do possível, e crendo sinceramente ter logrado abrangência e até boa universalidade neste trabalho que, por ser de um principiante desconhecido do público, será intitulado apenas: *Ninguém Escreve*.

Nhandeara, SP, 7 de novembro de 2006  
Marcos Satoru Kawanami